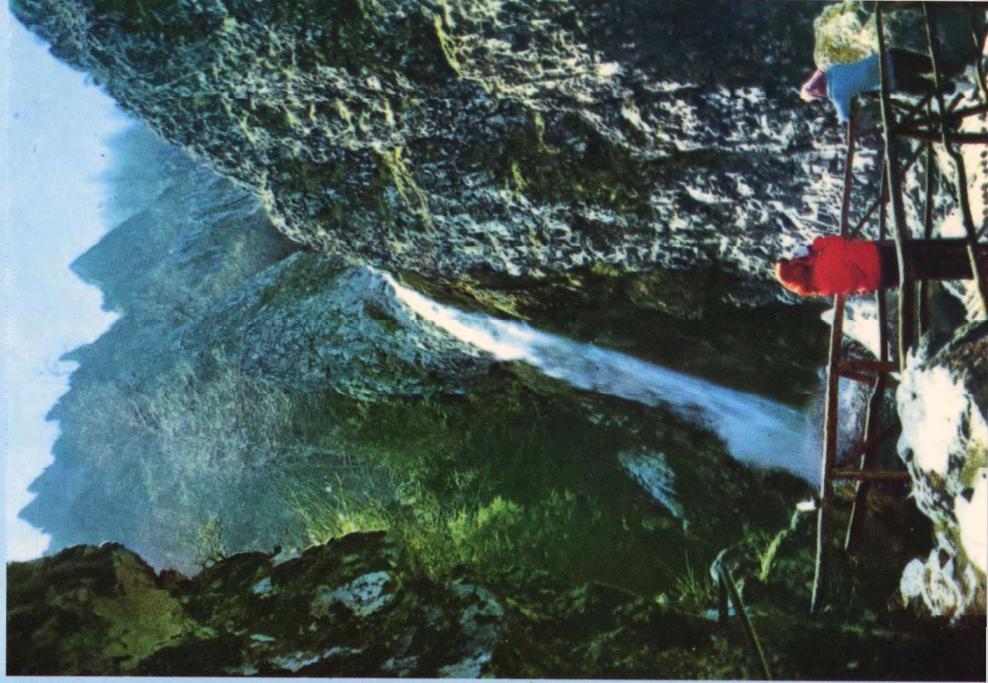


A SERRA da ESTRÊLA

e as suas beiras

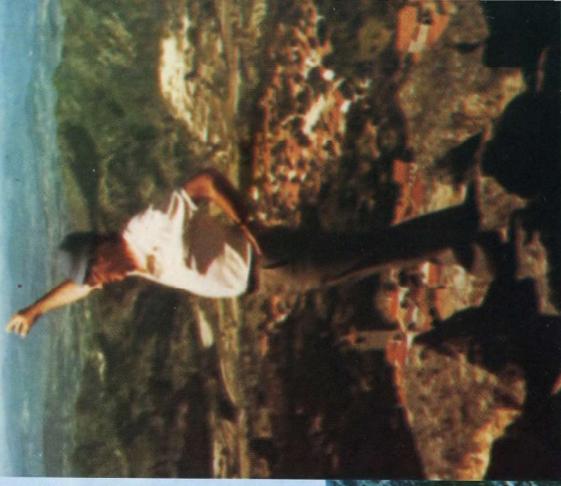
VIRIATO SIMÕES



2ª EDIÇÃO

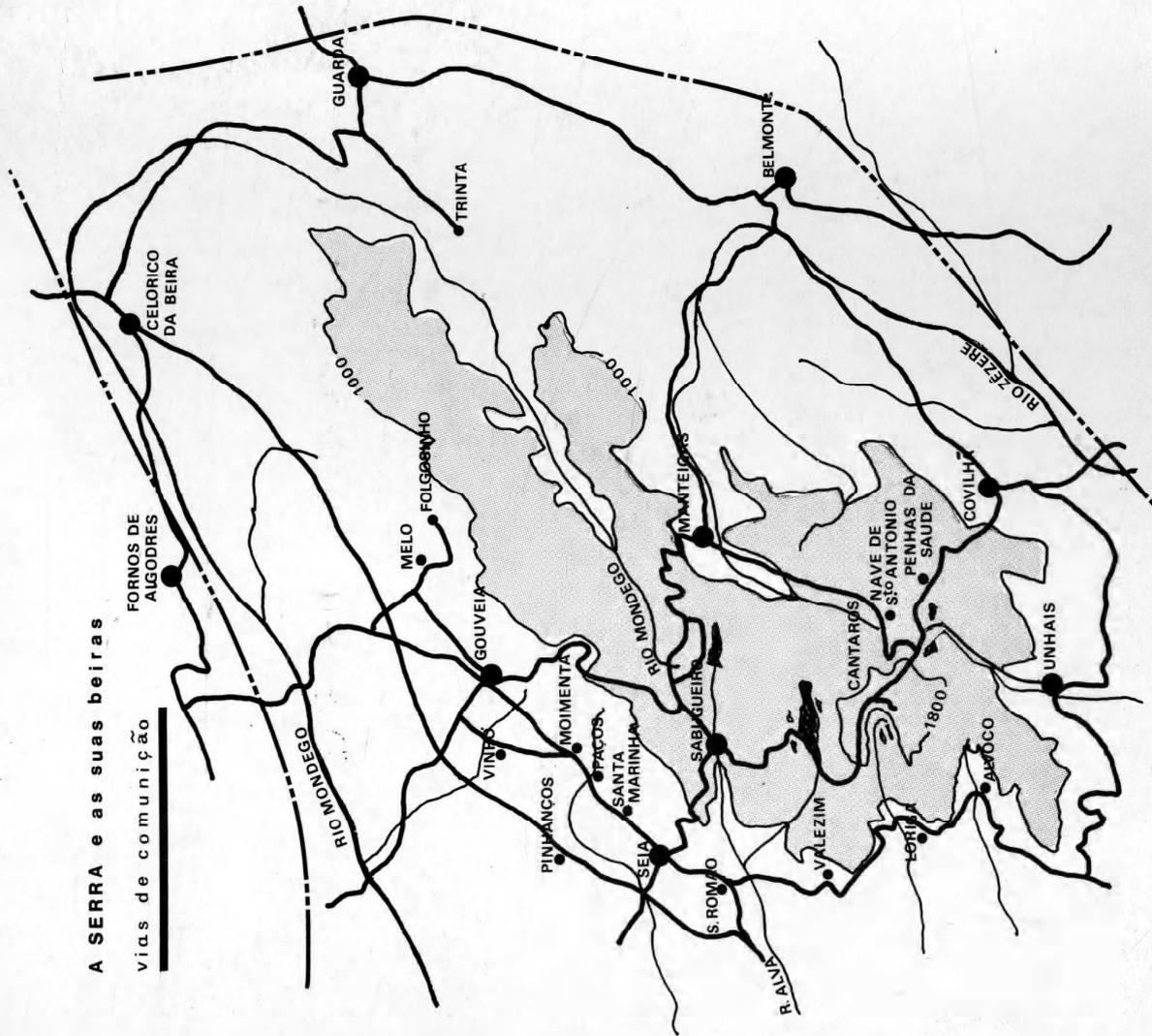
Quando o génio do homem se encontra com a terra, um betão persistente pode desferir profundos golpes no marasmo da Administração, levando-a à criação das estruturas básicas do desenvolvimento regional, único meio de melhorar a qualidade de vida das comunidades.

*Homenagem a
DUARTE SIMÕES*



A SERRA e as suas beiras

vias de comunicação

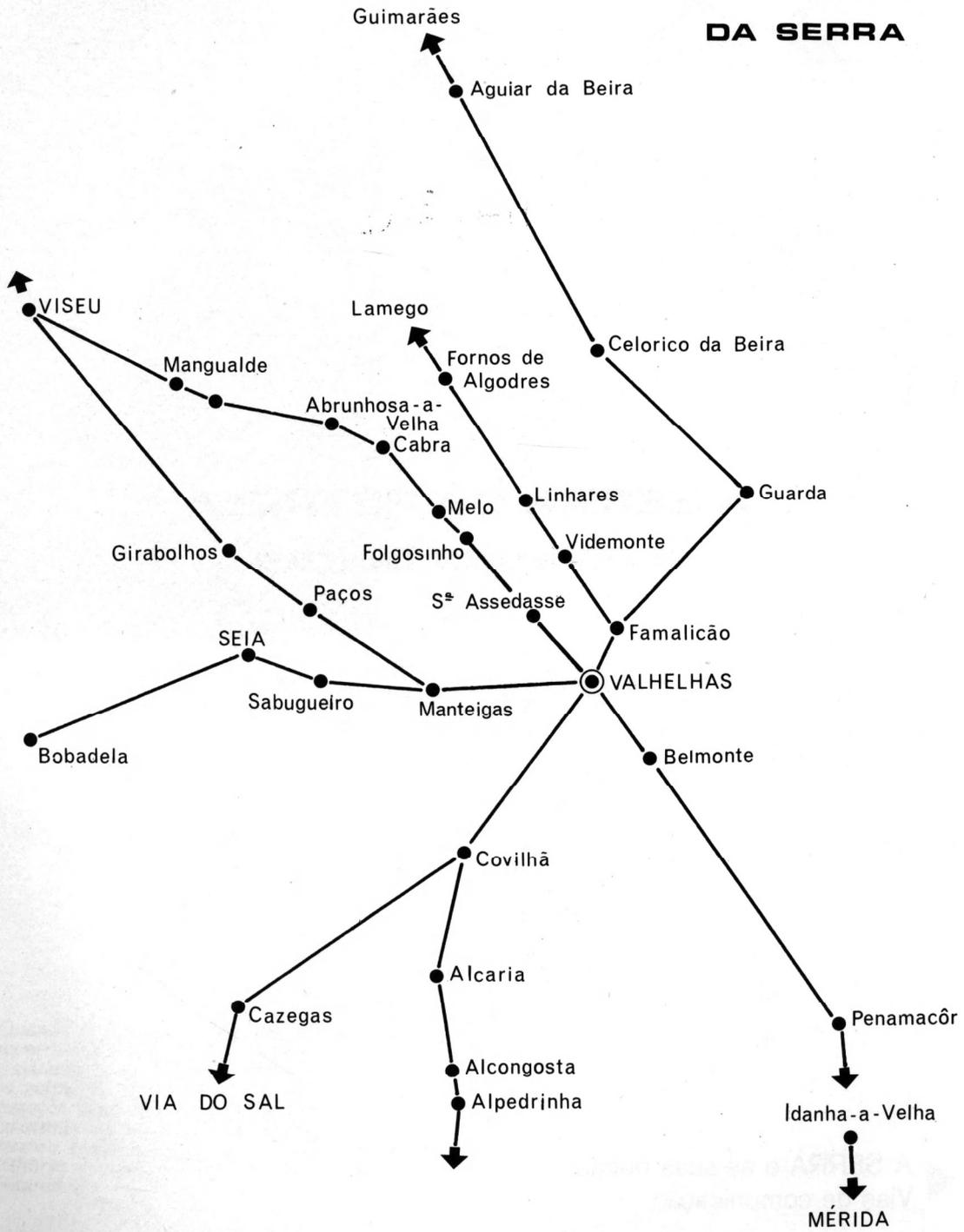


Moedas do Tempo da Ocupação Romana
Achadas no Lugar do Ferro - (Covilhã).

**A SERRA DA ESTRELA
e as suas beiras**

◀ A SERRA e as suas beiras
Vias de comunicação

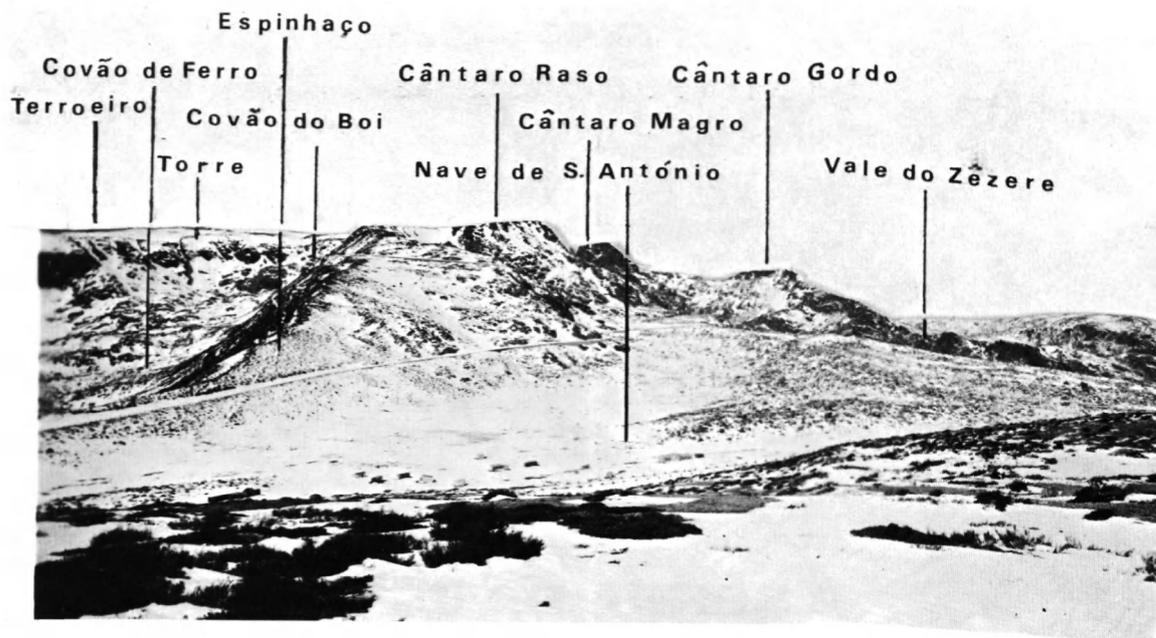
VIAS ROMANAS DA SERRA



VIRIATO SIMÕES

**A SERRA DA ESTRELA
e as suas beiras**

Lisboa, 1979
EDIÇÃO DO AUTOR



O Alto da Serra

REALIZARAM ESTA EDIÇÃO:

Direcção, texto e maquetas — Viriato Simões

Fotografia a Cor — Fernando Gaudêncio Braga
— A. Passaporte

a preto e branco — Comissão Regional de Turismo
da Serra da Estrela
— Sílvio Silva
— Rodolfo Passaporte

Desenhos — João Manuel Monteiro Simões

Mapas — Victor Manuel F. Encarnação
— João Manuel Monteiro Simões

Execução — SAFIL — Companhia Internacional de Artes Gráficas, Lda.
Rua do Arco do Carvalhão, 31-A/B — LISBOA

Editor — Viriato Simões

Capa — O Poço do Inferno, Foto de A. Passaporte

PEDIDOS A — Viriato Simões

Tapada do Mocho, Bloco F1, 1.º-Dto. — Telef. 242 1977
2870 PAÇO D'ARCOS

1 — PRÓLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição de «A SERRA DA ESTRELA e as suas beiras», apesar da muito deficiente distribuição, esgotou-se em poucos meses. Tal facto, diz do interesse das pessoas pelo conhecimento dos valores socio-culturais das grandes regiões naturais do nosso território, desde que seja apresentado de modo sucinto e documentado.

Há abundante documentação, nos arquivos, nas bibliotecas, nos vestígios arqueológicos, há estudos pormenorizados em algumas especialidades, mas não há quem se dê ao trabalho paciente de joeirar essa informação, apurando uma síntese que sirva a divulgação cultural séria do património regional, de que estão ávidas camadas cada vez mais dilatadas da nossa população.

O nosso trabalho foi uma primeira tentativa, muito modesta, imperfeita, pouco trabalhada e, de certo modo, de prospecção.

Ao apresentar esta segunda edição, quero renovar os meus agradecimentos a quantos, referenciados na página ao lado, colaboraram neste trabalho, e às Câmaras Municipais da Covilhã, Guarda, Seia, Gouveia e Celorico que se prontificaram a adquirir parte da edição, viabilizando-a.

Não me é possível melhorar esta segunda edição. Nela continua a faltar por exemplo, uma referência ao Fundão, também ligado à Estrela. De igual modo, consideramos insuficiente a informação que prestamos sobre o colar de povoações que dão vida às beiras dos Montes Hermínios. Numa tentativa para reparar algumas destas faltas, temos em preparação um estudo sobre a BEIRA INTERIOR, do Tejo ao Douro.

Permitam-nos revelar o quanto nos está seduzindo esta grande região e as suas comunidades, à maneira que, pacientemente, vamos aprofundando o seu conhecimento. Também não é alheia a esta dedicação, uma última conversa que sobre o assunto, quiz ter comigo Duarte Simões.

Dias depois, no Verão passado, morreu este beirão de têmpera rija como o cerne do nosso carvalho negral, sonhador e homem de acção. Como economista, sonhou criar na Cova da Beira uma cidade a caminho dos cem mil habitantes (do Tortosendo ao Teixoso), para suporte de um poderoso polo de desenvolvimento regional. Ao sonho de poeta soube aliar a determinação que impulsionou a criação das infra-estruturas necessárias à realização do programa estabelecido: O Instituto Universitário da Beira Interior, o Plano de Rega da Cova da Beira, o Parque Industrial, o Aerodromo, a Estação Fruteira, a Fábrica de Aglomerados, os Transportes Colectivos, o Colóquio sobre o Desenvolvimento Regional da Cova da Beira e outros empreendimentos.

À devoção de Duarte Simões à Cova da Beira prestamos homenagem, lembrando-o nesta 2.^a edição de «A SERRA DA ESTRELA e as suas beiras».

Outubro de 1979.

2 — NÓTULA HISTÓRICA

Pareceu-nos de interesse referir sucintamente passos da história da Península Ibérica, da Lusitânia e do País que condicionaram o viver das comunidades humanas fixadas na Serra. Muito embora cientes da dificuldade de, assim, vincar a poderosa influência dessas ocorrências políticas na maneira de ser dos homens da Serra, nos seus usos e costumes. Queremos, sobretudo, responsabilizar o isolamento a que foram votadas estas comunidades pela dureza da vida, pela pobreza da organização social destas populações. Isolamento tão pouco combatido pelos poderes locais, sempre mais propensos a auferir benesses que a lutar pela defesa dos interesses regionais, pela qualidade de vida dos povos do interior do país.

A Península Ibérica

A Península Ibérica ou Hispania foi habitada por diversos povos, séculos antes da nossa era.

Para os cartagineses, que aqui comerciavam no séc. VI a. C. era a terra longínqua — a Span. A Ibéria, conquanto relativamente longe dos centros das antigas civilizações, mas com fácil ligação para África, por Gibraltar, com os extremos aplanados dos Pirinéus — caminhos para Ocidente dos povos do centro Europeu — com a via marítima do Mediterrâneo, desde cedo mereceu a atenção de diversos povos. Fenícios, cartagineses e gregos procuraram os minérios da Ibéria e influenciaram o seu desenvolvimento.



Anta do Rio Torto (Gouveia)

Estrabão refere que o domínio dos fenícios «foi tão completo que, ainda agora, na maior parte das cidades da Turdetânia e dos campos próximos, o fundo da população é de origem fenícia». Heródoto afirma que marinheiros de Samos chegaram a Cadiz em 650 a. C.

Em Alcácer do Sal, apareceram vasos e esculturas em marfim, de origem grega, datados de entre os séc. VI e III a. C.

Do séc. VI ao séc. III a. C. são introduzidas na Península a oliveira e a videira. A metalurgia do cobre, iniciada na segunda metade do quarto milénio a. C., na Anatólia e no Irão, foi introduzida na Europa Ocidental, pelos povos do **Mar Egeu, cerca de 2500 - 2000 a. C.** Nesta última data, começou a usar-se o bronze.

As jazidas de cobre, estanho e sal-gema do Ocidente da Ibéria, o seu clima, de verões quentes e secos e invernos suaves, trouxeram a estas terras outros povos.

Os Celtas

Os celtas estavam na Península no séc. VI a. C. Descendentes de povos indo-europeus, ocuparam na Europa um vasto corredor, do Elba ao Tejo. Expandindo-se para a Itália, Oriente e Inglaterra até meados do séc. III a. C.

A poderosa influência que exerceram nos povos ibéricos leva-nos a analisar o grau de evolução conseguido por este povo, pouco divulgado.

Atingiram os celtas domínio artístico no trabalho do ferro, no vasilhame de cerâmica, na escultura em bronze e em ferro. Sabiam forjar a melhor arma desse tempo — a espada de dois gumes. «A arte Celta, por sua qualidade e originalidade, deve ser considerada uma

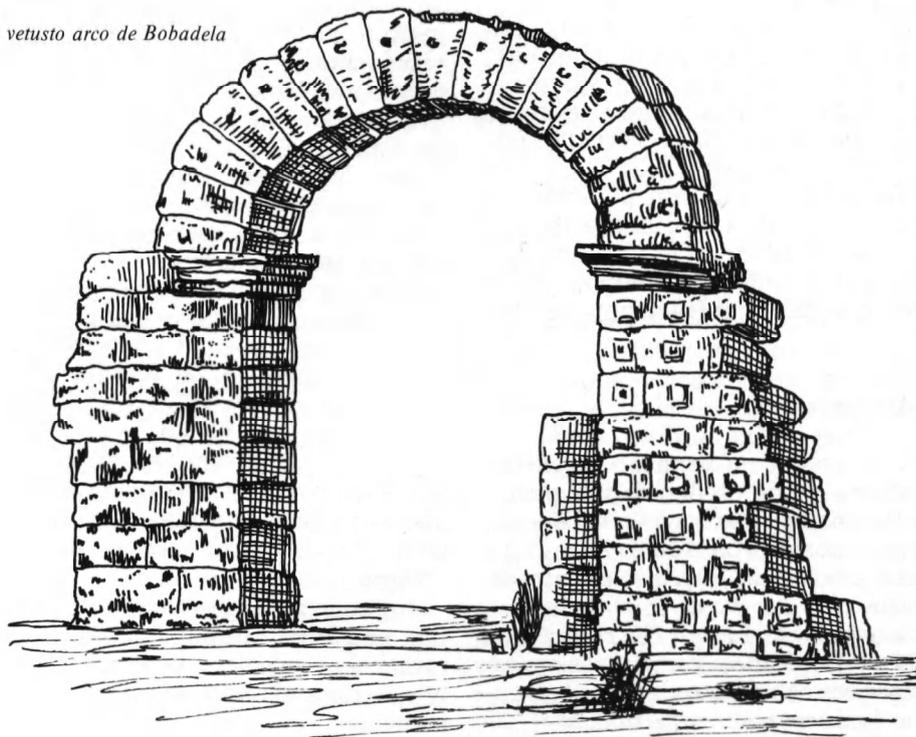
das mais admiráveis correntes estéticas da história da humanidade». (R. Joffroy).

Fabricavam jóias de sonho — pulseiras, torçais e fíbulas, vasos em prata e em cobre. Na numismática e na escultura, atingiram elevado nível. Não utilizaram, porém, nas suas esculturas e monumentos, a pedra, mas sim materiais perecíveis.

Esta raça dominadora — altos, louros e de olhos azuis — tinha uma organização social com três classes: sacerdotes, guerreiros, nobres e poetas; artesãos e agricultores e a dos escravos.

Praticavam o culto da natureza: as forças cósmicas, os rios, as montanhas e os animais eram divinos.

O vetusto arco de Bobadela



Um dos aspectos mais curiosos da sua natureza é o respeito pela mulher. Enquanto que os gregos e os romanos tinham a mulher como um ser menor, no qual o homem, viril, depositava o germe da vida, a si cabendo os louros da espécie, os Celtas divinizavam-na. A mulher era considerada «ser misterioso, ao mesmo tempo agradável e temível e dotado do poder de dar a vida.»; mensageira dos deuses, «dando assim testemunho daquele antigo culto de uma divindade solar toda poderosa, que traz ao homem o calor do seu brilho e lhe dá a força para cumprir o seu destino.»

Júlio César, que conquistou a Gália em 58 e 51 a. C., fala-nos dos *oppida* celtas, protegidas por fortes muralhas de madeira e de pedras, tendo os principais bairros diferenciados, com ruas para artesãos e para outras classes.

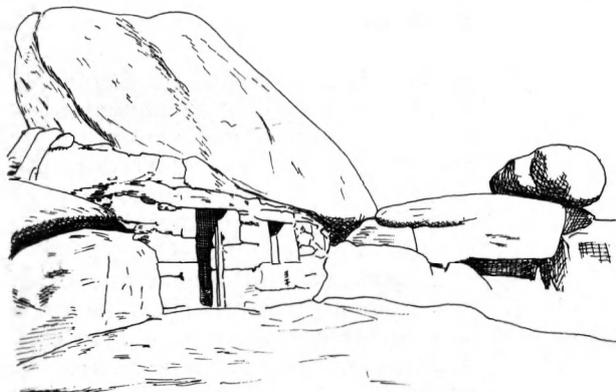
Tinham o culto do javali (prato predilecto dos deuses e dos heróis), do cavalo e do galo. Têm já veículos de duas rodas e uma curiosa máquina para ceifar cereais, puxada por um cavalo.

Não se interessaram pelo uso da escrita nem pela utilização da pedra. Daí a dificuldade que tem havido em estudar a história deste povo que tanto influenciou os iberos.

Os Lusitanos

É escassa a informação histórica existente sobre os primitivos povos da Península Ibérica. Estrabão refere-se aos povos aguerridos e às cidades da Lusitânia, a ocidente da Ibéria.

Constantes lutas fizeram com que os Lusitanos fortificassem as povoações. Em zonas sobranceiras, com água perto, ergueram *castros*



A casa da Fraga

e desenvolveram um tipo de civilização de que os povos do campo ainda hoje estão impregnados.

O acreditar nos espíritos e em bruxas, o temor do castigo divino, as superstições, o outro mundo com as suas almas, a colocação de pedras nas sepulturas são reminiscências de atitudes mágico-religiosas do Neolítico.

A pastorícia deve ter sido para os Lusitanos factor fundamental do seu progresso. Com os rebanhos de ovelhas, os nossos antepassados realizaram uma perfeita integração da comunidade no meio fisiográfico. A grande riqueza da Serra e das suas beiras é a radiação solar, que faz crescer prados e florestas — que são os melhores colectores da energia solar.

Rapando no Verão o pasto da Serra e, no Inverno, o das terras baixas, a ovelha transforma a energia nas ervas contida, concentrando-a, em leite, lã, carne, peles e esterco.

Jogando inteligentemente com estes produtos, o homem da Serra minora o espectro da fome, dá vigor à raça e torna mais numerosa a prole.

Viriato

Esta beira da Serra, própria Beira
Pátria foi do pastor, que agora canto;
Por larga se lhe ignora a verdadeira,
Que em tanta idade não se alcança tanto.
Há um rumor ou tradição grosseira,
Em três lugares, que inda causa espanto,
Quem de um, quem de outro o faz; grande descudo
Quanto pode dizer-se incerto tudo.

(Viriato Trágico, canto I)

Em 218 a. C., Cornélio Scipião inicia a guerra com os senhores da Península, para dilatar o Império Romano. Não param mais as lutas ferozes.

No ano de 150 a. C., traiçoeiramente, são mortos trinta mil Lusitanos, pelo Consul Sérvio Galba. Aparece, então, Viriato, como chefe dos Lusitanos.

Em lutas de guerrilhas, faz a vida cara aos legionários romanos. O formigueiro humano que constituíam as legiões, com as catapultas, arietes, carros de combate, infantaria, o lusimento das armaduras, lanças e guiões, foi sempre surpreendido na montanha, pelos guerrilheiros de Viriato. Os orgulhosos generais de Roma eram na Serra exterminados, postos em debandada ou aprisionados.

Durante catorze anos, os pretores romanos conhecem só derrotas: Vetelius em 149 a. C.; C. Plautius em 148; C. Unimanus em 147; Fabius Maximus em 141.

Viriato é, então, traiçoeiramente assassinado em 139 a. C.

Só mais tarde a Lusitania é vencida por César, em 61-45 a. C.

A vida de Viriato encontra-se de mistura com a lenda, nas mais díspares referências. Historiadores dos tempos antigos a ele se refe-

rem. Tito Livio apelida-o de *Vir Magnus*, inimigo magnânimo que empalidece as legiões romanas; Appiano, Júlio César, Diodoro, Estrabão, Ampelius enaltecem os seus feitos.

Michelet diz de Viriato: «era como todos os lusitanos, pastor, caçador, brigão, um desses homens de pés rápidos, que passa a vida na guerra, que só conhecia as negras montanhas, as brenhas, os estreitos desfiladeiros; que sabia aguentar firme ou dispersar-se de dia para aparecer à noite e desaparecer logo, deixando atrás golpes mortais».

A ocupação romana

Júlio César, general e homem de letras, político e excelente organizador, deixou-nos alguns dados históricos do 1.º século antes da nossa era, época de que existe pouca informação.

Em 19 a. C., César Octávio Augusto acabou a conquista da Península, dividindo-a em três províncias: Tarracona, Lusitânia e Bética. A política de Roma foi, então, de pacificação, apoiando-se nas *elites* dos países conquistados — «Vós comandais os vossos exércitos e administrais as vossas províncias.»

Constroem-se estradas, organizam-se os municípios. O despotismo da Administração é temperado com os Conselhos Municipais (a Curia) e o defensor da cidade (defensor civitatis). Realizam-se assembleias públicas de vizinhos.

Erguem-se aquedutos, teatros e banhos públicos. As casas passaram a ser cobertas a telha. A cerâmica torna-se uma arte muito expandida. Uma ideia nova vivifica a vida social — a lei. A agricultura, a criação de gado e a exploração mineral criam riqueza. Há um estímulo e gosto pela vida.

Adiante debruçar-nos-emos, em capítulo especial, sobre as grandes vias Romanas das Beiras, para melhor nos apercebermos do desenvolvimento então atingido pelas zonas limítrofes da Serra.



A Igreja

A partir do séc. III os Bárbaros infiltram-se no Império Romano. Os Visigodos combatem Vândalos e Alanos na Península, unificando-a. Em 476, extingue-se o Império Romano do Ocidente. Os Bárbaros arruinam as leis do Estado. A guerra é a única paixão destas tribus. A Igreja passa a ter uma lei, os condes e os duques outra. A igreja católica proclama «a unidade da sua doutrina e a universalidade do seu direito». Os seus bens crescem e o domínio é a nível de freguesia, por toda a Europa. Em França quatro mil e quatrocentas aldeias e vilas ficam com nomes de Santos. Prosperam sociedades opulentas, detentoras do poder e de grandes latifúndios que afundam as instituições e a economia dos povos. Inicia-se a conversão dos pagãos.

Como o artista vê a Serra (Rodolfo Passaporte)

Os Sarracenos

Em 711, os árabes, fortes pela expansão do Islão e com auxílio dos judeus e dos espanhóis, invadem a Península. Até à conquista do Algarve, em 1250, sofreram os lusitanos cinco séculos de influência serracena.

Conquistada a Península, aliados com o povo, contra a nobreza goda e a Igreja, os invasores iniciaram a sua política com a distribuição de terras — uma verdadeira reforma agrária.

O Islão reuniu um mundo novo. Juntou culturas, da Espanha à Pérsia e à Índia. É desta cultura que recebemos a cegonha, a nora e conhecimentos de rega, tão necessários nas ingratas condições meteorológicas predominantes no nosso território. Aprendemos com os mouros a montar as primeiras azenhas, a cultivar o algodão, as laranjeiras, o bicho da seda e a cana de açúcar. Foram eles que nos ensinaram a arte de navegar ao largo e outras artes e ofícios.

A infiltração do sangue infiel «foi notória não só nos conhecimentos científicos, na cultura e no furor imperialista, mas também ela é ainda palpável na beleza da mulher do Sul, no nosso sangue impetuoso e na exaltação mística dos prazeres sexuais».

Paisagem cinzenta e rude como a vida



Ainda hoje, nas faldas da Serra, se atribui aos mouros tudo quanto é antigo. As mouras encantadas estão ainda na tradição popular. Faz lembrar a influência marcante e distante dos povos árabes a nomenclatura de pesos e medidas, o nome de terras, de aparelhos e de instrumentos de uso corrente.

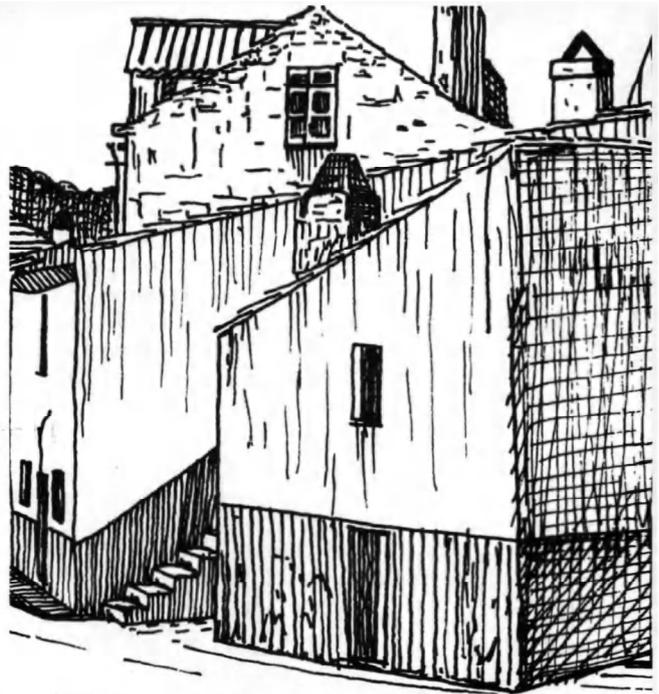
Idade Média

Carlos Magno, que durante quarenta e três anos faz guerras e converte pagãos, morre em 814, data considerada como início da Idade Média.

Caracteriza esta época o poder político da Igreja e a permanência de uma aristocracia militar e latifundiária. Aos pequenos senhores resta o desejo de se colocarem sob a protecção dos mais fortes. A nobreza despreza outra actividade que não seja a peleja, a ociosidade e o espírito de senhorio.

Diz Oliveira Martins, na *História da Civilização Ibérica*: «Os jesuitas mutilam o saber, os inquisidores, tomando na mão o ceptro de uma terrível monarquia, fulminam os ímpios. Torquemada queima de uma só vez, em Sevilha — outro El-Mausur em Córdoba — seis mil volumes; em 1546 publica-se o primeiro índice expurgatório, logo em 1550 o segundo. Nesta fúria de extirpar pela raiz toda a manifestação, ainda de longe, contrária à pureza da fé, monarquia, clero e povo operam de mãos dadas, com uma unanimidade completa. Ignoram que se suicidam todos, mas que o soubessem, não lhes dava a fé a coragem necessária para afrontar o martírio?»

Os séculos passam, o povo, humilde e persistente, vive penosamente e produz, os monges e sa-



cerdotes rezam e os nobres divertem-se.

As inquisições de 1220 e 1258 dizem que as religiões entre Trás-os-Montes e a Beira eram muito povoadas, o que não sucedia três séculos depois.

Os Descobrimientos

Surgem os Descobrimientos como escape para o espírito de aventura e mercantil dos detentores do poder.

Damos novos mundos ao Mundo. Revelam-se alguns dos maiores valores da Pátria. O espírito científico surge entre nós e organiza-se. «É o método a descobrir o caminho para a experiência e a experiência a aperfeiçoar o método.» (A. Daskalos)

Os Descobrimientos portugueses constituem, de facto, um dos primeiros grandes marcos da investigação experimental, século e meio antes do Discurso do Método, de Descartes.

Com o rodar do tempo, no furor imperialista e na voracidade mercantil, perdem-se energias. Não se estrutura a Nação. As comunidades do interior do país permanecem isoladas durante séculos, como isolado ficou o país da Europa.

O texto seguinte, de autor desconhecido, publicado em 1846 em «Indústrias de Portugal», confirma o ponto de vista que atrás expressamos: «Portugal, em 24 de Abril de 1500 houve um tesouro e este o Brasil, aquisição funesta enquanto fez esquecer a Agricultura e mais ramos d'Indústria portuguesa e consumir parte das riquezas das suas minas em fundar conventos para acolher o fanatismo, e sumptuosos palácios para os monarcas e seus vâlidos, que quando bem aplicados poderiam engrandecer todas as fontes da indústria e de prosperidade nacional e fazer com que Portugal não desse o restante numerário ao estrangeiro e mui especialmente aos ingleses que em troca das suas manufacturas com que nos vestiam, e a todos os estranhos pelos géneros comestíveis com que nos alimentavam.»

Século XIX

Com o rodar dos séculos e o aumento populacional, o viver das comunidades da Serra tornou-se difícil, não trazendo os governos à região quaisquer benefícios.

Creemos ter sido atribulada a vida dos fabricantes de panos, depois que se passou da arte caseira à indústria. Excepto naqueles raros períodos em que os governantes tomaram medidas para estruturar o sector e, nos tempos modernos, nas crises de abundância que os ingleses nos consentiram, após as duas grandes guerras.

A neve desce ao povoado criando beleza

Numa carta do Dez. Superintendente das Fábricas da Covilhã e comarcas anexas, datada de 8 de Julho de 1804, que lemos na Torre do Tombo, vimos relatada «a carestia dos géneros de primeira necessidade para a sustentação da vida que impossibilita a continuação e conservação das mesmas»... e por cujo efeito «tem desertado muitas famílias de algumas povoações como tem acontecido nesta vila e S. A. R. por efeito da sua inata piedade tem socorrido alguns povos mandando-lhes remeter pão para a sua sustentação»... «O restabelecimento das mesmas fábricas será dificultoso e as suas facturas experimentam muito empate, pois os povos só cuidam na aquisição do sustento...»

Pagos os impostos e as rendas, à gente humilde ficava um Inverno muito difícil, antes que as primeiras colheitas mitigassem a fome.





3 — GEOGRAFIA FÍSICA

3.1 — A Serra

A Meseta Ibérica prolonga-se para o nosso país, no sentido NE — SE, com as serras da Estrela, Açor e Lousã.

A Serra da Estrela individualiza-se na terra portuguesa. É vasta a área que domina, da raia de Espanha aos campos do Mondego e à Cova da Beira, na vertente oposta.

A neve e a água que escorre das suas vertentes, formando regatos e rios que marulham serra abaixo, bravos nas cheias e espraiando-se nas terras baixas, onde depositam os lodos, tornam a Serra a Mãe-de-água do País.

São marcos da grandeza eterna com que a Natureza moldou alguns recantos do globo este «agregado de montes mais fragosos e levantados», com penhascos e covões eminentes dominando a paisagem e o espírito dos homens; a obra dos glaciares que, em muito recuados tempos, rasgaram o magestoso vale do Zêzere e moldaram outros sítios, depositando as suas moreias.

Enriquecem ainda a Serra e a história das suas gentes, o frio suportado nas regiões habitadas, o aproveitamento da energia dos rios e ribeiros para mover as rodas-de-água — que regam, moem o centeio e o milho, fazem o azeite e os panos; as lendas e histórias do viver dos homens nesta Serra — acoçados nos primeiros tempos pelas razias que de Castela lhes moviam e os obrigava a refugiar em atalaias e castros ou na montanha, e, nos tempos modernos, sempre sujeitos a isolamento embrutecedor e ao domínio suave de pequenos caciques.

A Serra da Estrela e as suas terras constituem um valor ímpar do nosso património cultural. É no entanto pouco conhecida, no domínio ecológico como no aspecto da cultura das gentes que, através de milénios, a tiveram como estrela.

«Antigamente se chamou Monte Armínio, e depois, como ainda agora se chama Estrela, em razam de huma estrella, que sobre ella se ve nascer, e se avista das partes do Poente, e Norte: e tambem tem este nome, por razam de huma pedra grande, que nella houve, com

forma de estrella, de que já nam há vestígios, e também ha tradiçam, e se colige dos livros antigos, que tratam de couzas de Roma, que no tempo das idolatrias se faziam ali os Sacrificios Supersticiosos, ou à ditta pedra, como Idolo, ou à Estrella de Alva, a cujos festejos acudia também muita gente de Roma.»¹

Do dorso largo e escavado da Estrela, que atinge no sítio da Torre os mil novecentos e noventa e um metros, desce a serra abruptamente para sudeste, para o vale do Zêzere, onde a Covilhã é cidade que domina a Cova da Beira. Esta Cova é formada pelos lodeiros e terras úberes dos vales do Zêzere e do seu afluente a Ribeira Meimôa, abaixo da cota dos quinhentos metros. Tem a forma de um dilatado V, com o vértice nas imediações da povoação do Barco, um braço na aba da Estrela e o outro nas faldas da Serra da Gardunha, do lado do Fundão, até perto das terras frias do Sabugal e da Serra da Malcata, na raia de Espanha.

Para Norte, a Estrela cai suavemente com terras pobres e frias, excepto nos vales dos rios. Para Sul, os granitos imponentes dão lugar ao xisto; o Zêzere separando a Estrela da Serra da Gardunha, que, na vertente virada para a Cova da Beira, é encosta fértil de castanheiros e pomares e, do lado oposto, já desnudada nos píncaros, é granítica. A Sudoeste, entre o Zêzere e o Alva, uma linha que do Paul se dirija a Vide, no ribeiro de Alvôco, divide aproximadamente a Estrela da Serra do Açor.

3.2 — Portas da Estrela

O desvendar das belezas da Serra está hoje facilitado pela rede de estradas que, comodamente, nos levam aos pontos mais notáveis. Tem, no entanto, de caminhar a pé quem deseje desvendar os melhores segredos da Serra, lá onde nos encontraremos a sós com a verdade dos penhascos eminentes, envoltos em silêncio.



Pastando junto da Nave de S. António

Pela Covilhã, sobe íngreme a nova via, do Pelourinho ao cimo da cidade alcandorada, rumo ao Parque Florestal e Varanda dos Carquejais—belo miradouro donde se vislumbram serras de Espanha e o nosso Monsanto. A nossos pés, a manta verde e escura dos lameiros, vinhas e olivais, o ondulado do terreno procurado pelas povoações e pinhais, as Serras da Esperança, a de Ferro-Capinha e a da Gardunha.

Cenário vasto, polícromo, em que os olhares se aprazem a percorrer grandes distâncias, cheias de rio, de terras e paisagens que os homens tentam moldar.

Logo a seguir à Varanda dos Carquejais, o grande edifício cons-

truído para Sanatório dos Ferroviários e agora aproveitado para alojar um milhar de retornados das ex-colónias. Depois, aparecem as Penhas da Saúde e a Garganta dos Hermínios, entre escarpadas encostas que alimentam a pequena ribeira das Cortes e deixam ver, longe, o vale do Ourondinho.

A estância de repouso das Penhas, já a 1500 metros de altitude, tem sobranceira a extensa Nave da Areia, que se prolonga até à Nave de Santo António. Da Covilhã a esta Nave são treze quilómetros, de boa estrada de montanha. Fazendo mais sete quilómetros de estrada muito íngreme atingimos a Torre, a 1991 m.

Edifício do antigo Sanatório dos Ferroviários



Por Manteigas, vindos da Guarda ou de Belmonte, passa-se a Valhelhas, ao longo do belo vale do Zêzere, por entre lameiros e pomares cultivados com esmero. De Manteigas à Nave de Santo António são doze quilómetros ao longo do vale em U que o glaciário rasgou. Mas, se não quisermos ir para a Torre, podemos dirigir-nos às Penhas Douradas, a 18 quilómetros, por estrada que muito serpenteia, galgando a montanha até à nascente do Mondego. Este mesmo ponto — o Mondeguinho — também pode ser atingido vindo de Gouveia, a vinte quilómetros. Gouveia é, assim, uma das portas da Serra.

De Seia, vindo de Coimbra ou de Viseu, em onze quilómetros, subimos ao Sabugueiro, a aldeia mais

alta do país, a 1050 m. Passamos pela Senhora do Espinheiro e, antes, por Aldeia da Serra, sobranceiras ao vale de Seia. A Senhora do Espinheiro tem uma capela e um belo miradouro, donde se avista Gouveia, a meia serra, e um rosário de pequenos povoados, ao longo da estrada da Beira.

Do Sabugueiro à Lagoa Comprida são nove quilómetros, e desta à Torre, mais dez. Também do Sabugueiro, de leiras e campos de centeio alcandorados nas encostas do rio Alva, parte uma estrada ainda em terra, de cerca de quatro quilómetros que liga à estrada Gouveia-Penhas Douradas-Manteigas.

A neve isola o Alto da Serra



De S. Romão, a três quilómetros de Seia, também sai um caminho que, pela Senhora do Desterro — dos encantadores sítios da Serra, nas margens do Alva — atinge a estrada Seia - Torre, quatro quilómetros antes da Lagoa Comprida.

Por Unhais podemos, ainda, atingir o cume da Serra, por mau caminho, construído ao longo da ribeira da Alforfa, quando da construção da barragem do Covão de Ferro.

Atingimos, assim, a base dos Piornos e do Espinhaço de Cão, a 1500 m, daí saindo já ligação para a Nave.

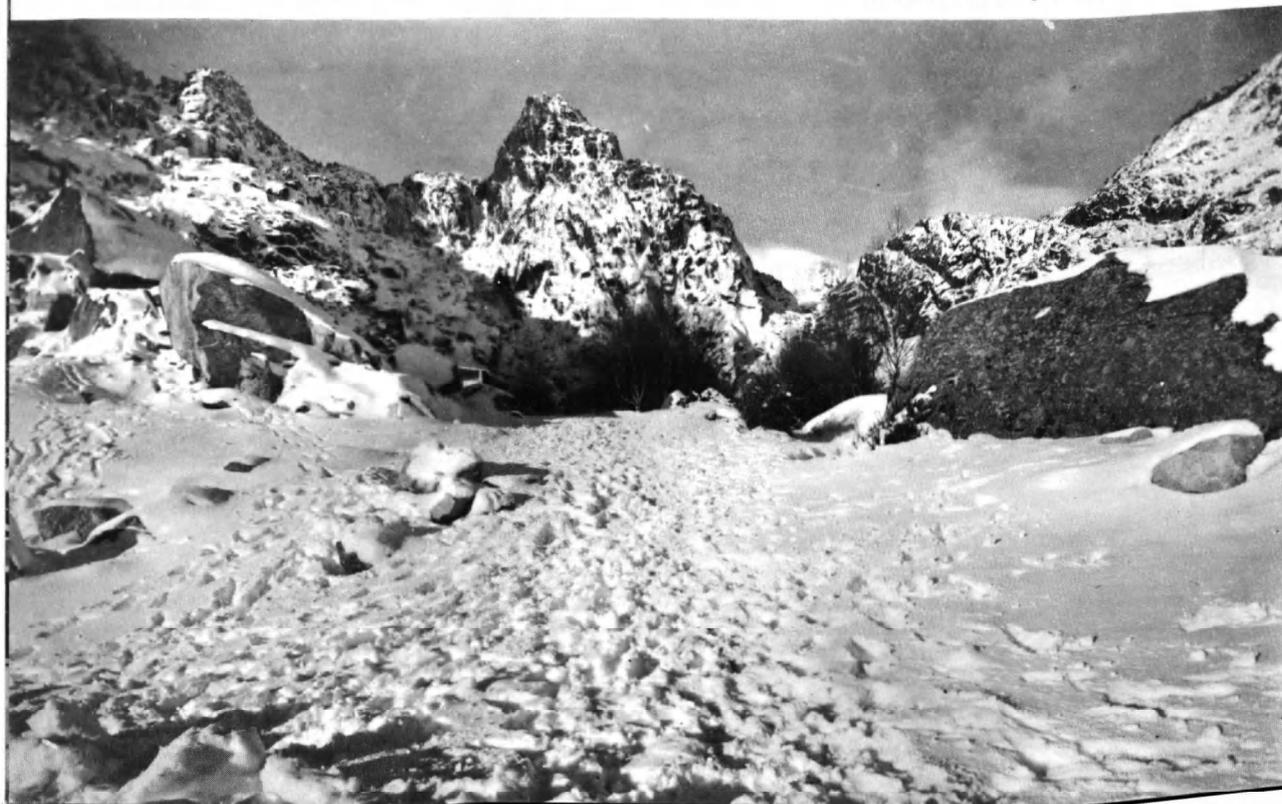
Contornando toda a Serra, temos uma boa estrada, passando por Covilhã, Tortosendo, Unhais da Serra, Pedras Lavradas, Alvôco da Serra, Loriga, Valezim, S. Romão, Seia, Pinhanços, Celorico da Beira, Guarda, Covilhã. São cento e noventa quilómetros, nos contrafortes povoados da Serra.

3.3 — A Neve

A Serra tem uma área de cerca de oitenta quilómetros quadrados com cota superior a 1500 metros e quatro vezes mais dentro da curva de nível dos mil metros. É a única região do país onde todos os anos neva, mantendo-se a neve, nalguns sítios, até meados do Verão.

O vale do Mondego constitui largo caminho, sem obstáculos, para penetração de massas de ar marítimo, até à Serra. Estas massas de ar húmido, obrigadas a elevar-se pelo relevo da Serra, vão arrefecendo e atingindo altitudes onde a atmosfera se encontra a baixas temperaturas. Aí, o vapor de água que contém condensa-se em volta de minúsculos núcleos em

Manto de neve nos pincares



Neve na floresta

suspensão na atmosfera, formando nuvens. A temperaturas inferiores a zero graus C, as gotículas cristalizam e as nuvens passam a ser constituídas por gotículas de água e cristais de gelo ou, as mais altas, só por cristais de gelo. Em dadas condições de instabilidade, o peso dos cristais ou das gotículas origina precipitação, sob forma de neve.

Ainda devido ao elevado poder reflector da neve, a radiação solar recebida à superfície é reflectida para as camadas de ar subadjacentes, ajudando-as a subir e transportando mais humidade para as altas camadas atmosféricas. É este poder de reflexão que faz com que, em dias de sol, o ar atmosférico que nos envolve, em campo de neve, esteja quente, agradável.

Sol e neve são atractivos da Serra, em dias serenos. A neve cai bela e de mansinho, acordando os povoados ou varre a Serra, tocada pelo vento desabrido, em tempestades medonhas que não poupam vida incauta que surpreendam.

À Serra vinham buscar gelo para consumo da cidade de Lisboa, ainda no início deste século. Assim no-lo diz o vigário de Manteigas¹: «Porque muitas vezes se tem visto cair nela neve em Maio; e conserva-se nesta todo o Verão e é donde se vem buscar para a cidade de Lisboa; advertindo porém, que para os três meses de Junho, Julho e Agosto é preciso ter cuidado, os nevoeiros, de a juntarem em canchos, ou fozes que a mesma Serra tem em si naturais, e cobri-la com a erva, a que chamam servum para assim estar mais fresca e aturar a sua conserva.»

É a neve que, demorando na Serra, possibilita a infiltração e a



escorrência lentas, alimentando as nascentes e cursos de água. A neve é motivo de encanto pela beleza que provoca ao cobrir árvores, cômodos e fragas ou ao atapetar toda a planura, a perder de vista; é extraordinário o conforto que à vista e à alma trazem o contemplar do nevão que desce às aldeias ou se procura nos cumes da Serra. E, há ainda muita gente no país que nunca viu neve.

De Dezembro a Maio, caem neves na Serra. E pratica-se *ski*. Porém, poucos são os fins-de-semana em que as pistas estão praticáveis. Pois, tempo de neve é, as mais das vezes, tempo de tempestade, acompanhada de ventos for-

O degelo alimentando nascentes e rios

tes. Assim, a inconstância das condições meteorológicas predominantes reduz drasticamente o número de dias em que é possível praticar desporto na neve. Os rios de dinheiro gastos com o teleférico, que não funciona, dissiparam-se sem proveito, por carência de cuidados estudos.

O turismo de Inverno tem na Estrela condicionalismos insuperáveis, estando condenado a lugar modesto em relação ao turismo de Verão e de Primavera. O que não quer dizer que a neve não seja aproveitada no máximo das suas potencialidades.

3.4 — Os Rios e Ribeiros

Os priores e vigários da Covilhã têm, sobre os rios da Serra, esta pitoresca descrição, de meados do séc. XVIII¹:

«Nasce desta Serra os Rios seguintes — Mondego — principia junto às alagoas da dita serra, e acaba no mar no Porto da Villa da Figueira e Buárcos; o Rio Alva que nasce nos mesmos citios; e o Rio Seia, que nasce no Assor, e hum e outro acabam no dito Mondego com as mais ribeiras, que neste perdem seus nomes; nasce mais na mesma situaçam da Estrella com distancias huns dos outros o Rio Zezere, que principia muyto perto, e passa ao pé de dous pinhascos muyto altos, em que as águas fazem ninhos, e criaçam, chamados hum Cantaro Alto, e o outro Cantaro Gordo, e a roda deste corre o Rio Zezere, tendo já ahi este nome e depois descendo por hum val despinhado se aumenta muyto com as agoas de huma fonte que hoje se chama de Paulo Martins e dali corre espasso de quatro legoas muyto caudaloso, athe junto da



Villa de Valhelhas metendo-se tambem nelle outro Rio chamado Beijames nascido dos mesmos citios acima dittos, e athe aqui corre sempre o Zezere virado do Norte ao Sul, e nascente, e dahi para diante do nascente para poente, e vay acabar, e perder o seu nome no Rio Tejo na Villa de Ponhette.»

Também tem interesse a descrição que os vigários de Manteigas, na mesma época, fazem do Zêzere: «No tempo do Verão, passa-se este em muitas partes a pé enxuto por diminuir muito as águas; porém, no Inverno, tanto as muitas águas que para este correm dos iminentes montes, como o áspero do sítio, o fazem tão espantoso e tremedável, para quem o vê de longe lhe está fazendo carranca de sorte que não servindo nesta vila

para frutificar fazendas, serve para no tempo dos invernos, levar com seu feroz e áspero curso todas aquelas a que pode abranger e por este fim não é capaz de embarcações.

E na distância de quatro ou cinco léguas, por minus ve é de curso muito arrebatado em todo o tempo. Corre este do poente para nascente e vai virando sobre o sul. Frutifica este com grande abundância, no limite desta vila, muitos peixes a que chamam trutas, e algumas da grandeza de um sável ordinário e dele se tem visto muitas que têm o peso quatro a cinco arratéis, suposto são os menos; estas têm uma pintinhas vermelhas, sobre a pele, e são especiais no gosto, e pela sua especialidade, diversas das que se criam em mais rios que correm nestas cinco léguas à roda, e fora desta vila uma légua, e daí para baixo, cria outras castas de peixes, que chamam bogas e bordalos também em abundância.

As pescarias que nele se fazem de ordinário são no Verão, por neste tempo correr mais socegado, nas suas águas, e consentirem os seus açudes serem penetrados pelos pescadores, e irem as águas mais moderadas na friura ou frieza. Em toda a parte se pode pescar, livremente, sem embrago de pessoa particular.

Logo abaixo do seu nascente menos de um quarto de légua principia a ter moinhos que moem todo o ano em o sítio que chamam amieiros verdes, por este sítio estar situado deles e terá neste sítio dez ou doze rodas, e junto da ponte longa tem um pisão e duas rodas de moinhos, e junto da segunda ponte que é a dos frades, tem três rodas de moinhos e moem estas todo o ano; de tal sorte que quando

os anos vão secos vem muito pão de cinco e seis léguas a moer a estes moinhos situados no Zêzere.»¹

Perto do Mondeguinho — nascente do Mondego, onde a fonte e a sombra, junto à estrada, convidam a parar — a Norte da fraga da Varranda, nasce o rio Torto. Rumo a NW, passa pela povoação de Rio Torto e por Cativelos, entrando no Mondego pouco depois.

O Seia vem da encosta de Seia e encontra o Mondego a meia dúzia de quilómetros a Oriente de Carregal do Sal. É pequeno o trajecto na Serra.

O Alva nasce na Penhas Douradas, na confluência da ribeira da Fervença com a de Portochoão, passa ao Sabugueiro onde tem pequena represa e belo miradouro, vai à Senhora do Desterro criar um dos belos sítios da Serra, segue para Sandomil e Penalva; recebe o Alvoco, entre Santa Ovaia e Aldeia das Dez, entrando no Mondego a norte de Penacova.

As ribeiras de Cazegas e do Paul, a sul da Serra, juntam-se, pouco antes de Ourondo, para aí encontrarem o Zêzere. Vinda a de Cazegas das Pedias Lavradas e Trigais; a do Paul recebe ainda as ribeiras da Erada, a de Unhais e a das Cortes.

De um lado e do outro do morro onde se encontra a Covilhã, correm A De Goldra e a Carpinteira, ribeiras que tiveram papel histórico no fabrico de panos, movendo rodas e abastecendo tintes; desaguam na Ribeira do Corges, que encontra o Zêzere perto da Boidobra.

Há outras pequenas ribeiras, caudalosas no Inverno, regatos humildes que as regas de Verão e a estiagem secam.

Foi importante o papel que es-

tas ribeiras desempenharam, tocando rodas-de-água que davam energia para moer cereais, fazer panos ou azeite ou simplesmente para regar.

Estas rodas-de-água, azenhas e o lagar romano de varas são valores do nosso património cultural que já pouco se encontram e que urge conservar, cuidadosamente, para que os vindouros encontrem enriquecido o nosso legado.

3.5 — As Lagoas

Podemos assim agrupar as lagoas da Serra: as dos Cântaros e do vale da Candieira que transbordam para o Zêzere; as da vertente do Alva; as da Ribeira de Loriga; a da ribeira da Alforfa e o lago Viriato.

É a cota superior a mil e quinhentos metros que se encontram estas belas lagoas de águas muito límpidas e não muito frias no pino do Verão. Algumas delas não têm, felizmente, caminhos de acesso. Para as atingir é necessário calcurrear, sem veredas sequer, a superfície áspera da Serra. Mas, vale a pena.

Isoladas do mundo e dos ares viciados, envoltas em silêncio, banhadas pelo Sol, esculpidas no dorso magestoso da montanha, as lagoas são dos pontos mais belos desta Serra magestosa.

O LAGO VIRIATO fica entre as Penhas da Saúde e a Nave de Santo António, junto à estrada. Antiga lagoa, é hoje uma pequena barragem de abastecimento de água à cidade da Covilhã. No Inverno, torna-se, por vezes, extensa pista de gelo.

O CHAFARIZ DO REI ou Lagoa Clareza é um grande tanque talhado na rocha, transbordando de fraga em fraga pela vertente pedregosa.

A LAGOA DO PAXÃO ou Paxão tem junto outras menores, desaguando para a ribeira da Candieira, afluente do Zêzere, no seu curso superior.

A Lagoa do Paxão tem cerca de sessenta metros de comprimento e trinta de largura. Corre lenda que esta lagoa engoliu o corpo de Santa Antonina, supliciada pelos romanos. «Dizem outros que quem martirizou esta Santa foram os mouros, em 716, afogando-a em um peço do rio Coa, próximo à vila,

Lagoa
do
Paxão



que ainda hoje tem o nome da Santa».

Este conjunto de lagoas da bacia da ribeira Candieira é acessível a pé, a partir de um ponto da estrada Torre - Sabugueiro, distante cerca de três quilómetros do desvio para a Torre. Nesse ponto, deixamos o carro, rumando depois, para nordeste, com quem conheça a direcção, pois não há caminho.

A LAGOA DOS CÂNTAROS OU DAS SALGADEIRAS fica na margem direita da Candieira, junto do Cântaro Gordo. Esta lagoa e as atrás referidas encontram-se em lugares escarpados da Serra, a diferentes níveis, perdidas entre os fragedos, em domínios onde tudo é puro: o ar, a água, as rochas nuas e o silêncio.

«Há na Serra da Estrela, em cujos braços está cituada esta Villa (Sêla) muytas lagoas, mas entre estas, duas huma chamada Longa, e outra Redonda selebres por se dizer que em algumas mudanças de tempo conforme os quartos das luas se inquietam suas ágoas e fazem um rogado, como torvam, que soa pelas visinhanças da dita Serra bastantes legoas ao longe, e com efeyto o estrondo, que se diz he certo, e sem duvida: se he, ou nam he cauzado das dittas lagoas, nam se sabe com evidencia.»¹

A LAGOA COMPRIDA, com três quilómetros de extensão, foi transformada em grande represa para produção de energia. Fica a mil e quinhentos metros de altitude, a dez quilómetros da Torre,

A barragem da Alforfa, no Covão de Ferro



na estrada para o Sabugueiro. Está povoada de trutas e é ponto aprazível, a pedir um restaurante-abrigo — que não bastam as condições naturais para que o caminhante páre, e se delicie e usufrua estas belezas que o cume da Serra proporciona.

A LAGOA REDONDA, A SECA, A DAS FAVAS e outras menores situam-se nas cabeceiras do Alva.

O LAGO DO ROSSIM, já perto das Penhas Douradas é, também, uma grande represa para a produção de energia. Nela se pode praticar o remo e a pesca. Situa-se perto da estrada Manteigas - Gouveia, num desvio por asfaltar, que contorna a nascente do Mondego.

Ainda na bacia do Alva, há a referir a Fonte dos Perús, situada junto do Planalto da Expedição, na estrada Torre - Lagoa Comprida, a mais elevada nascente da Serra.

As LAGOAS DA SALGADEIRA, DO SERRANO e a do COVÃO DAS QUELHAS são lagoas junto do Covão do Meio, a cerca de três quilómetros da Torre, desaguando para a Ribeira de Loriga.

No Covão de Ferro, nascente da Ribeira da Alforfa, construiu-se uma outra barragem para a produção de energia, inicialmente, para alimentar a fábrica de Unhais.

É um belo lago, oferecendo bela panorâmica, quando visto da estrada que nos leva à Torre, a uma diferença de cota notável.

É de referir ainda a Fonte de Paulo Martins, na estrada que liga a Nave de Santo António a Manteigas. Fica na margem direita do Zêzere, a cerca de três quilómetros do Covão da Ametade, formando bela cascata, quando as chuvas abundam.

3.6 — Fontes Termiais

As termas, situadas em lugares aprazíveis, oferecendo ao paciente dieta inofensiva e regrada, proporcionando relaxamento e ausência de preocupações, dão à mudança de ares e às águas a responsabilidade do alívio dos males e a alegria de viver.

A Serra tem duas fontes termiais de relativa importância: Unhais da Serra e Manteigas.

As termas de Unhais, no vale da Ribeira da Alforfa, sobranceiras à povoação e a 650 m de altitude, eram já termas em meados do séc. XVIII. Tinham, então, hotel, casino, balneários e frequência. Depois decaíram, reconhecendo-se hoje a necessidade de um aproveitamento que as suas potencialidades tornam exequível. As águas são sulfurosas, têm a temperatura de 24°-28° C e são reconhecidas como boas para o hemorróidal, reumatismo e doenças de pele.

A vila, a meia encosta, de um lado e do outro da ribeira, está entre o vale fértil e a lombada íngreme da Serra, que serve de fundo a uma paisagem deslumbrante. A ribeira atravessa a povoação, saltando de açude em açude, tocando moinhos e regando o vale.

As CALDAS DE MANTEIGAS, são assim descritas em¹: «Nas abas desta (Serra), junto do Zêzere, se acham as Caldas que antigamente se chamava Fonte Santa, nasce esta debaixo de uma pedra grande, e vai para um poço feito pela natureza, no qual poderão caber quatro ou cinco pessoas juntas, metido entre penhascos, de tal sorte que só por uma parte se pode entrar de pé, e da outra parte com grandioso trabalho; deita esta água quente em todo o tempo, em

abundância, que é quase de telha e meia de água; cria seus limos brancos, à maneira de enxofre e deita cheiro ao mesmo, e dista do Zêzere tres ou quatro varas de medir.»¹.

As termas situam-se a menos de três quilómetros da Vila de Mantegais. Têm água de várias nascentes, a temperatura que ronda os quarenta graus centígrados, que dizem boas para o tratamento de pele, sífilis, asma e outros males. Têm as termas hotéis e pensões, constituindo uma gradável estância de montanha.

3.7 — Os ares da Serra

Tempos houve em que se buscava a cura ou o alívio de muitos males quase exclusivamente com a mudança de ares.

Quem procura os cumes ou as encostas da Serra para repousar, encontra um ar fresco, mais puro e leve. O ambiente é outro e o contacto com a natureza leva ao encantamento da alma.

A pressão atmosférica, diminuindo com a altitude, torna o esforço físico mais fácil, maior a resistência à fadiga. A rarefacção do oxigénio obriga a movimentos respiratórios mais rápidos e profundos. Respira-se, também, a satisfação de viver. Apraz-nos o convívio com os grandes espaços, a verdade dos fragedos, das giestas, das urzes e das árvores.

Traz-nos a Serra uma acção tónica que, aumentando o número de glóbulos vermelhos, activa a circulação, estimula glândulas, convida ao esforço; acresce o apetite e dá-nos alegria.

Se quisermos, podemos estabelecer a nítida diferença entre o

«dolce fare niente» de umas férias na praia e o viril calcorrear da Serra. Nesta, contemplam-se paisagens sempre diferentes, nada-se e pesca-se, escalam-se os morros, pratica-se *sky* ou, simplesmente, passeia-se junto aos fragedos e covões, nos miradouros ou na floresta. A natureza dá-nos nesta Serra um domínio rico de paisagens, suave ou agreste, banhado pelo sol e por ar puríssimo.

Foi só no final do século passado que os cidadãos iniciaram, devagar, a descoberta da Serra. Faz parte dos arquivos do Município de Seia esta nota, citada por A. Martinho⁸: «Há notícia de um aforamento junto do Covão das Lapas e outro ao cimo do vale do Conde, junto do fragão do Roncas, em 9.10.1889, por 510 reis/ano cada m. Foram aforados a Alfredo Cesar Henriques, proprietário, residente em Santarém. Destina-se à construção de casas e ruas «para tratamento da tuberculose pelo ar rarefeito das altitudes».

Hoje, ainda a Serra não tem, no domínio dos lazeres, do turismo e do património cultural, o lugar que as suas potencialidades possibilitam. É mais pobre a nossa qualidade de vida por não valorizarmos a Serra.



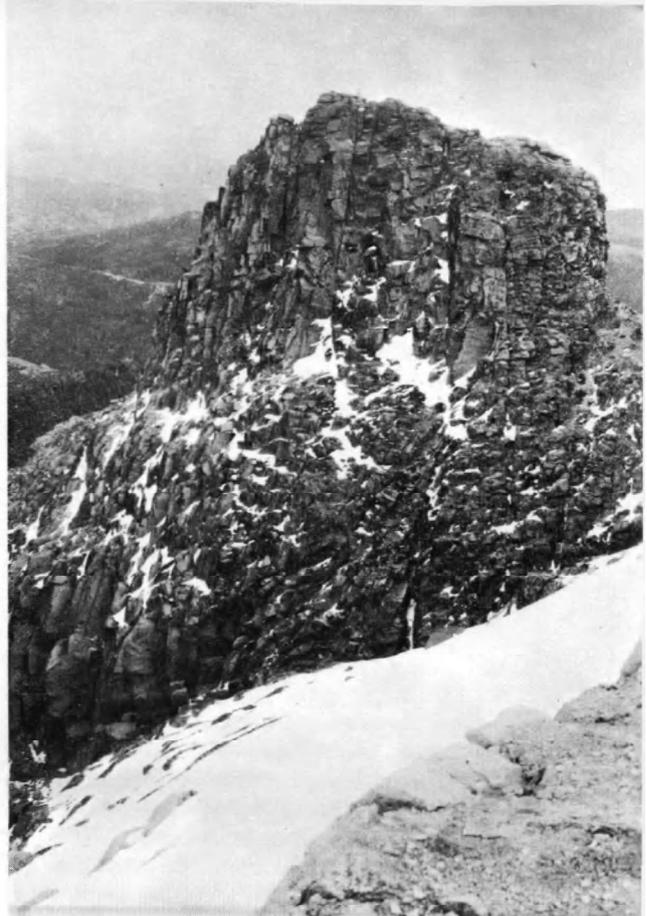
A Pedra do Urso (Covilhã - Penhas da Saúde)

3.8 — Dos «Fraguedos que falam às Estrelas» e outros sítios a que os pastores deram nome

Um morro atrás doutro, a Serra ergue-se em socalcos, contorcendo-se entre cerros, espinhaços e covões, subindo para as estrelas. Crestada pelo sol de muitos estios e pelo frio dos invernos, lavada pelos nevões e pelas tempestades, que são medonhas lá no alto. Há milénios, foi rasgada pelos glaciares, que, aqui e além, depositaram moreias e blocos erráticos. De todos os tratos sofridos, ficaram penhascos, covões, espinhaços, penhas, naves, vales e lagoas, que, pela imponência e beleza, importa destacar e, sobretudo, ver.

OS CANTAROS

Na Serra «se acham dois penhascos, a que chamam cântaro gordo e delgado; têm estes nomes por serem à maneira de cântaros, o delgado chama-se assim por ser muito eminente que para a parte que cai para o Zêzere, terá meia légua de altura, e da outra parte não é tão eminente; o gordo chama-se assim, por ser mais largo e menos levantado, o que terá de altura um quarto de légua, à roda destes anda de Verão o gado pastando e junto deles e nas suas eminências se dão umas ervas chamadas línguas de vaca, e genciana, a que os pastores chamam argençana, alguns pastores sobem à eminência deles a colher estas ervas, e também tirar ninhinhos às águias que neles criam e no meio destes jaz uma pedra chamada malhão da estrela donde nasce uma fonte que dá princípio ao Zêzere; porém, ainda lhe não dá nome. Nesta serra há sítios a que



os pastores têm dado vários nomes.»¹.

Os Cântaros, o Raso, o Magro e o Gordo, situam-se acima da Nave de Santo António, perto da nascente do Zêzere. O Cântaro Magro, caindo a pique no flanco direito do Zêzere, atinge os 1927 metros; o Raso, a Sul, 1898 m; e o Gordo, na margem esquerda do rio, 1877 m.

Das três moles graníticas gigantes, o Cântaro Magro, entre os outros dois, é o mais eminente. No seu melhor perfil lembra-me a ampliação gigante de um mamilo de mulher adolescente, que o Deus dos Deuses quis esculpir nos rochedos, como só os Deuses são capazes. Os tons que lhe deu são os do granito envelhecido e clivado pelas intempéries, durante tantos milénios.

O Cântaro Magro é o símbolo maior da Serra. À sua volta a Natureza defende-o com abismos e socacos magestosos, talhados ao acaso na rocha-mãe, por blocos de gelo que das alturas se arrastavam.

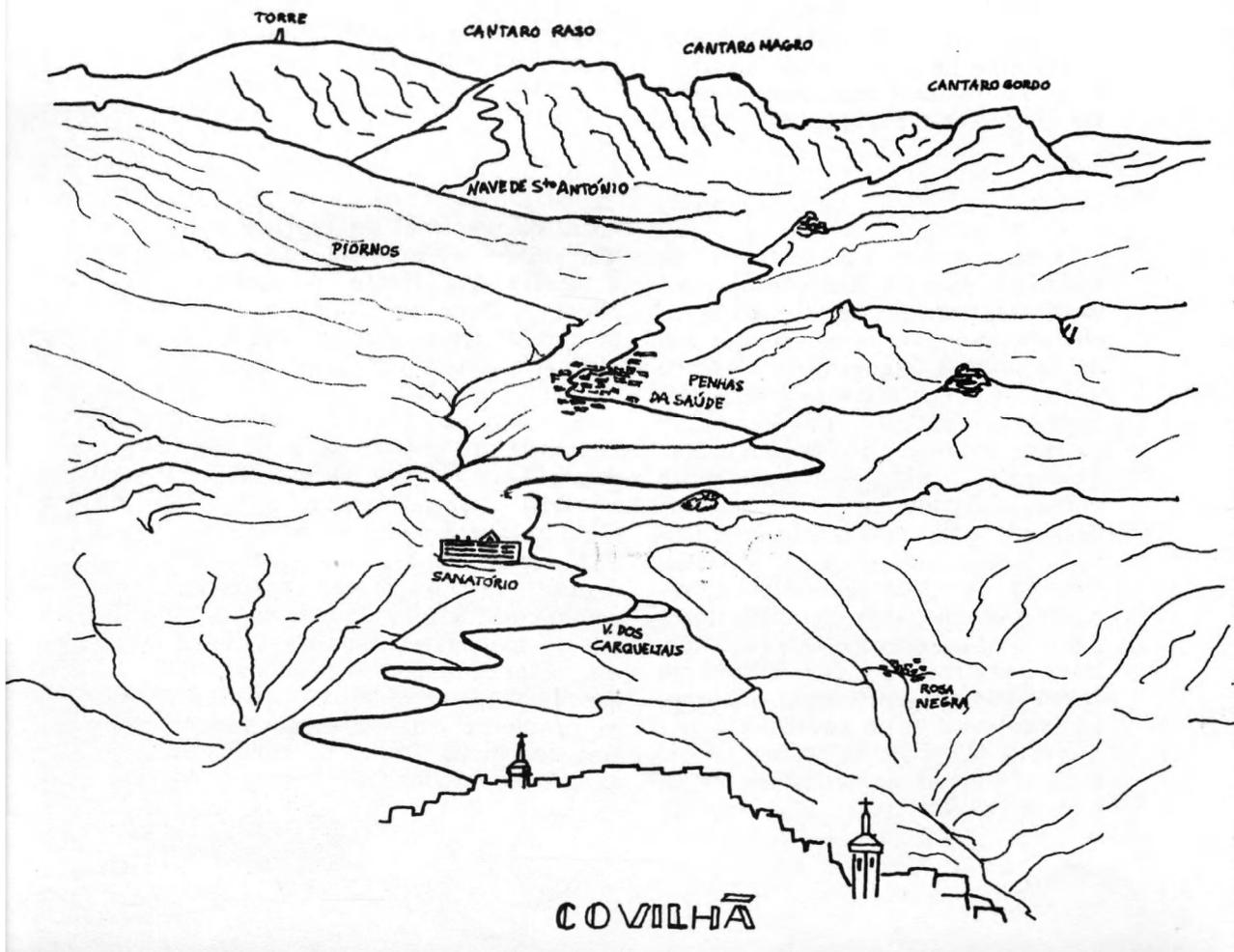
«Há no Cântaro um retiro, apenas acessível por uma vereda, vedada por lapas contra os lobos, chamado Curral das Mancas, onde os pastores isolam as ovelhas contagiadas de doenças microbianas, deixando-lhes alimentação apropriada até se curarem.

O Covão do Sabá, a base do Cântaro Magro, o Covão do Cimieiro,

o Covão da Albergaria e a Varanda dos Pilatos, debruçada sobre o abismo cortado a pique, estão perto; e peçam a um pastor que vos mostre lá no fundo do cratero a Calçada do Inferno, a Rua das Roseiras e a entrada da célebre Rua dos Mercadores, entre o Magro e o Raso»¹⁹.

Os Cântaros constituem o mais imponente monumento erguido pela Natureza na Serra.

Obra gigante, assente no abismo e ganhando os céus é, ao mesmo tempo, sítio paradisíaco para o enlevo da alma e para a reconciliação com a vida.



O MALHÃO DA ESTRELA

Na íngreme estrada que parte da Nave para o Sabugueiro, não longe dos Cântaros, um pequeno desvio leva-nos à Torre, a 1991 m. Foi aqui, no ponto mais alto da Serra, que em 1806, D. João VI mandou construir uma torre quadrangular com nove metros de altura, para que o topo tocasse os dois mil metros de altitude.

«Eis aqui, pétrea crista da cabeça
Do Monte todo e assim de Portugal;
Onde a Terra se acaba e o céu
[começa
E onde a frígida aragem é fatal.
Esta ditou João que estabeleça
A mor elevação do Natural,
Mas que suba à medida e senhoril
A termine na casa dos dois mil
Esta é a ditosa Serra nossa amada,
De gente forte abrupta maravilha;
.....

(Camões)

O sítio é um belo planalto de onde, em dias de boa visibilidade, se divisa, para noroeste, uma mancha alongada, verde escuro, que vai de Espinho à Figueira da Foz — é o mar, a pouco mais de cem quilómetros. A sudeste, as Serras do Açor e da Lousã, prolongam a cordilheira. E, entre este maciço e a Serra do Caramulo, o vale do Mondego por onde massas de ar marítimo penetram, a baixa altitude, elevando-se e provocando boas precipitações em toda a Serra. A norte e nordeste a Serra cai de mansinho. Para nascente e sul fica a Cova da Beira. Cova mesmo, onde o Zêzere e a Meimoa correm suaves.

Neste planalto da Torre ergueram as Forças Armadas um radar e instalações de apoio. Não estando

em actividade estes serviços, pensa-se adaptar as instalações a apoio ao turismo.

A NAVE DE SANTO ANTÓNIO

No conturbado dorso da Serra, extensa nave atapetada de verde *servum* constitui como que uma pausa, um plaine inesperado no cume da montanha. A Natureza amansa e espraia-se pela Nave, na base do Espinhaço do Cão, perto dos Cântaros.

A estrada vinda da Covilhã, pouco depois das Penhas da Saúde, deixa de subir e desce suavemente, contornando a Nave, a caminho da Torre e do Sabugueiro. Uma outra estrada desce pela direita, para o Covão da Ametade e Mantegais, ao longo do vale superior do Zêzere.

É muito bela, vasta e imponente esta Nave de Santo António. A sudeste termina a Nave e a Serra cai para o Covão de Ferro, que fica entre os maciços dos Piornos e do Terroeiro, e onde inicia o seu curso a ribeira da Alforfa. A norte da Nave, o Poio do Judeu, o maior bloco errático da Serra, é sentinela altaneira sob o grandioso vale do Zêzere.

Com cerca de dois quilómetros de extensão por um de largura, esta grande sala-de-estar da Serra é uma pequena depressão com solos de aluvião atapetados de *servum*, a 1570 metros de altitude. No Verão, é muito procurada por campistas, sendo considerada a *praia* das gentes de menos recursos da Covilhã e arredores. Algumas pequenas casas de madeira estão constituindo já problema pela extensão inestética do bairro e falta de condições sanitárias mínimas.



Fraga do Tropedo

AS PENHAS DA SAÚDE

A três quilómetros da Nave de Santo António, a caminho da Covilhã, encontra-se um pequeno planalto onde César Henriques construiu o primeiro Sanatório-hotel da Serra.

No começo deste século, ainda se acreditava muito no efeito terapêutico dos ares da Serra na cura dos tísicos e das fraquezas. Reza uma placa: «Ano de 1899 — Inaugurada a 1.ª Casa de Saúde para tuberculosos em Portugal, devido aos esforços extraordinários e perseverantes de A. César Henriques.»

Apareceram, depois, lindas vivendas e um bom hotel. O sítio, a 1530 m de altitude, é aprazível, de ares puríssimos e estimulantes.

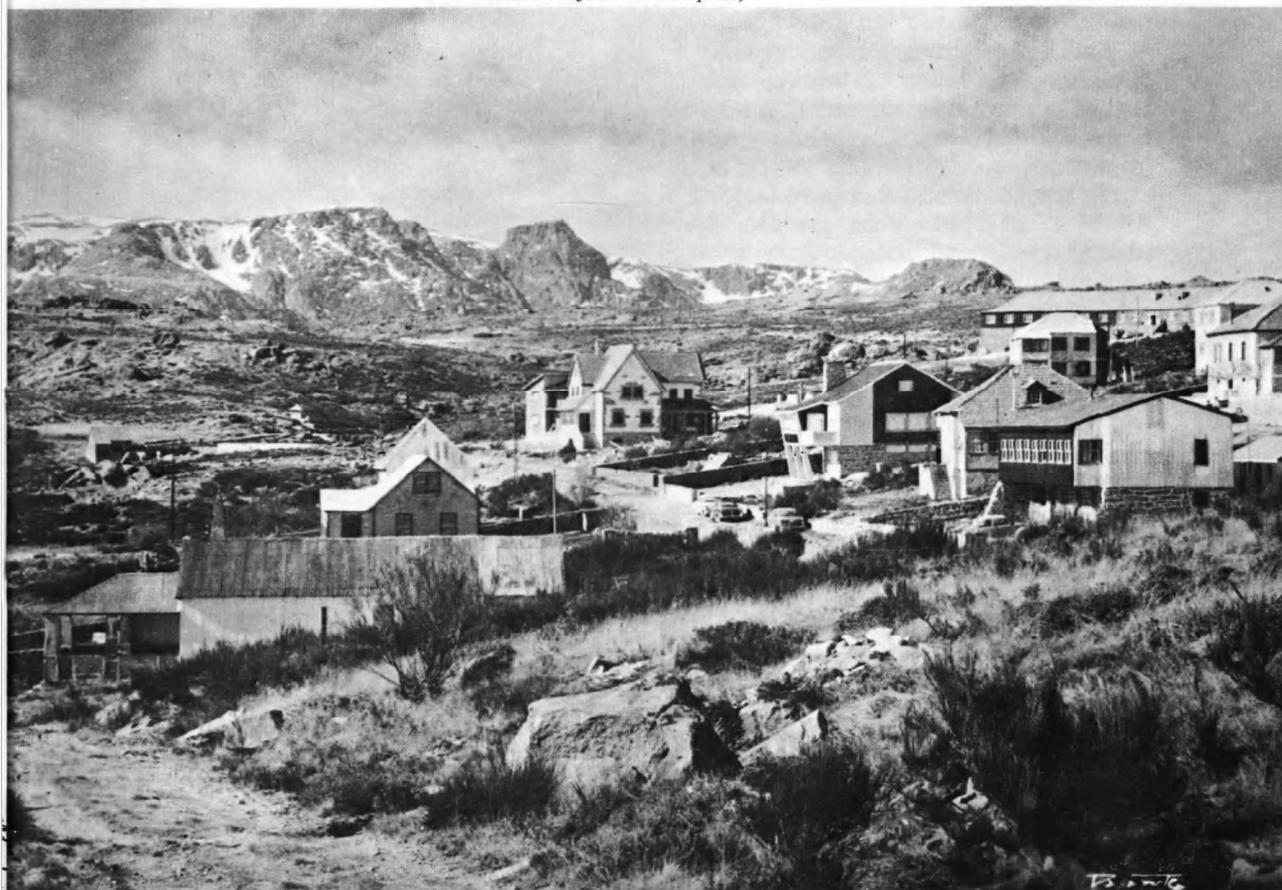
As Penhas da Saúde, tendo como fundo os Cântaros (foto A. Passaporte)

Uns quilómetros abaixo, a caminho da Covilhã, e perto da Varanda dos Carquejais, uma pousada turística está em vias de acabamento. Disfruta de paisagens magníficas, piscinas e boas instalações esta pousada.

Também, nesta zona se situa o grande edifício do Sanatório dos Ferroviários, hoje sem ocupação definida.

O TERROEIRO

É o maciço contraforte do planalto da Torre, entre as ribeiras da Estrela e da Alforfa, caindo abrupto e magestoso para o belo vale de Unhais.



OS PIORNOS

Oposto ao Terroeiro, do outro lado da Alforfa, ficam os Piornos. O seu declive suave para nascente é aproveitado para pista de *sky*. No topo, à cota de 1860 m, é um belo mirante, de onde se avista a Serra da Gardunha e o vale de Unhais, a nossos pés.

O COVÃO DO BOI

Este covão situa-se depois da Nave de Santo António, no coto-velo da estrada que trepa à Torre. Atapetado de *servum* e «nardo do mais fino verde-mar, esmaltado pelas florinhas amarelas de ranúnculos selvagens «ranúnculos *Ads-cendens*», ou com o formoso cálice azul, esbatido de roxo, da *campanula Hermini*, que em Portugal só na Serra da Estrela se encontra.»¹⁹ Este covão foi parcialmente destruído quando da abertura da estrada Nave-Torre, mostrando ainda hoje marcas do atentado, de difícil qualificação. Numa das paredes, foi também esculpida uma grande Senhora da Boa Estrela, com uma ovelha e dois pastores. Neste Covão se situam as *queijeiras*.

AS QUEIJEIRAS

São estes blocos colunas cilíndricas, fraccionadas, parecendo grandes queijos empilhados. Outros blocos, de arquitectura bizarra, se encontram neste sítio, que comunica com a Rua dos Mercadores.

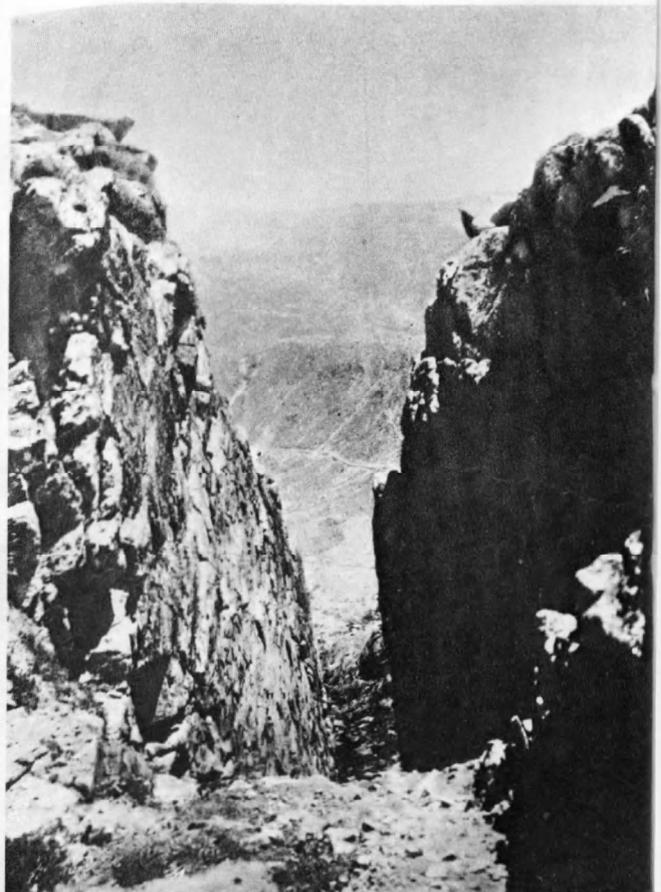
A Rua dos Mercadores

A RUA DOS MERCADORES

Corredor de paredes aprumadas, tendo de um e de outro lado bancadas que, pela regularidade e aspecto, parecem fardos de mercadorias. Daí o nome. Situa-se entre os Cântaros Magro e o Raso, desfrutando-se belas panorâmicas do seu extremo oriental.

PENHA DO GATO E PENHA DO ABUTRE

Penhas que se erguem frente a frente, na cumeada do Rodeo Grande, a 1770 m, no alto do vale do Alvoco, perto do Malhão da Estrela.



O ESPINHAÇO DO CÃO

É uma lombada de abruptas escarpas que sobe da Nave de Santo António ao Terroeiro e parte central do Cântaro Raso. No cimo do Espinhaço do Cão, larga planura de panorâmicas deslumbrantes nos espera.

CAIS DE ESTRELA

Semicírculo que é a crista do Cântaro Raso, lembrando, na face norte, a muralha de um cais. Miradouro de estonteante beleza, sobranceiro à Nave de Santo António, tendo ao lado o Cântaro Magro, de cuja face abrupta o abismo se precipita, na garganta dos Cântaros.

ARGEMELA

Pico próximo do lugar do Barco. Castro Romano. Diz a lenda que uma jovem lusitana, raptada pelos romanos na véspera do noivado, foi aí queimada, por não denunciar o lugar onde se escondia o noivo. São os seus gemidos que, por vezes, ainda se ouvem no morro. No *ar geme ela*, e assim se deu nome ao monte.



PENHAS DOURADAS

Partindo de Manteigas para as Penhas Douradas, a estrada trepa em zig-zag, ao longo de dezoito quilómetros, para vencer setecentos metros de desnível e cerca de três quilómetros de distância, em linha recta. Já sobranceira a Manteigas, a vista da vila, aninhada no buraco, e o vale em U aberto, que o glaciário rasgou e serve de leito ao Zêzere, constituem paisagens soberbas. Mais acima, a estrada, mergulhando na mata densa e trepando sempre, leva-nos às Penhas.

São as Penhas Douradas três penhascos, dois à frente — a Ângela e a Rasa — e o outro serve de base ao marco geodésico. Chamaram-lhe assim, porque o Sol as doura ao entardecer. Pouco antes, está a Estação Meteorológica, criada em 1882.

O Sanatório, que perto das Penhas foi construído, não resultou. As condições meteorológicas predominantes no Inverno, com borrascas violentas, vento ciclónico, tempestades de neve e frio intenso tornam desagradável a estadia nesta estação. Perto, no vale das Éguas, uma tentativa similar ficou nos alcerces. Há, porém, algumas vivendas. Na Primavera e no Verão, é agradável estância de veraneio.

Três quilómetros a sul das Penhas Douradas, fica um planalto chamado Campo Romão — local de atalaia, na antiga estrada romana que vinda de Valhelhas por aqui bifurcava. Um braço para Paços da Serra, Pilhanços, Girabolhos, Vi-seu, outro para Sabugueiro e Bobadela. Neste planalto, fica um bom miradouro e a Pousada de São Lourenço.

Mais que qualquer outro lugar da Serra, as Penhas Douradas reúne

Cabeça de preto

grande número de blocos antropomórficos. Próximo do Poio Negro, onde foi implantado o Observatório Meteorológico, um penedo semelha a Cabeça de Preto (Corgo das Mós), um outro o Velho. Um pouco a sul do Vale das Éguas, está o Frade e a Freira e mais adiante, depois da nascente do Alva, a Cabeça do General.

A acção de desgaste do vento e das areias que transporta sobre as fragas e à sua volta, provoca, nestas, formas bizarras. Aqui, como noutras partes do alto da Serra, encontram-se rochas em forma de taças ou de cogumelos a que a erosão adelgaçou a base de sustentação. Noutros casos, foram cavadas malgas ou marmitas que atingem, por vezes, um metro de diâmetro e meio de profundidade. Formas bizarras e agradáveis de ver.

O MONDEGUINHO

Sensivelmente a meio da estrada Gouveia - Manteigas, fica uma Fonte — o Mondeguinho — nascente do Mondego. Os primeiros fios de água do rio vêm de perto do Poio Negro e do Corgo das Mós, juntos no riacho do Covão do Bicho, que vai ao Mondeguinho. Atrás fica o desvio de três quilómetros que passa pela barragem do Rossim.

*O belo recanto
do
Mondeguinho*

BARROS VERMELHOS

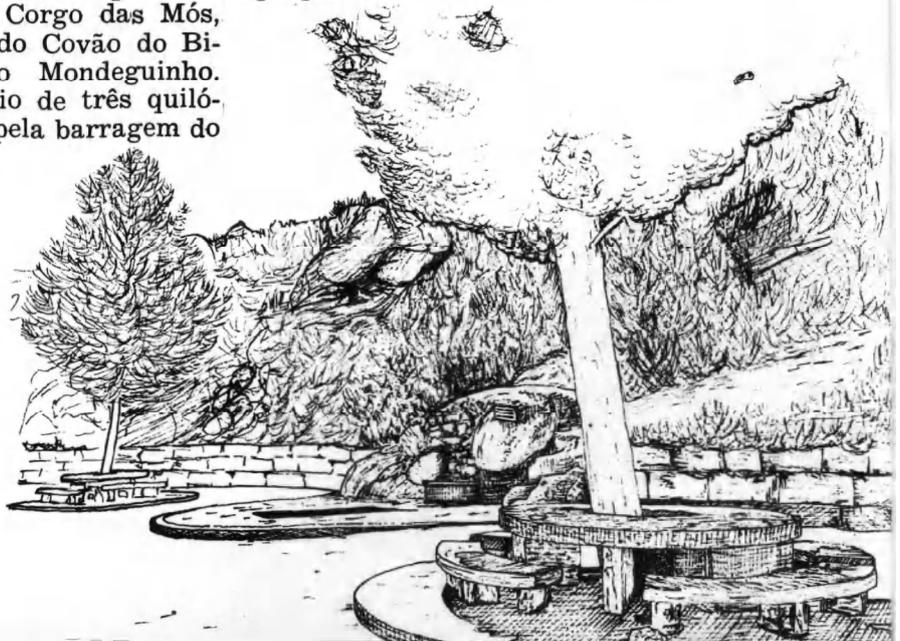
É à escarpa norte do Planalto da Expedição que se dá este nome. A sua cor vem do feldspato vermelho incrustado no granito, que o tempo corrói. O nome do planalto da Expedição vem de aí ter acampado a expedição científica que em 1881 organizou a Sociedade de Geografia, para melhor conhecimento da Serra da Estrela.

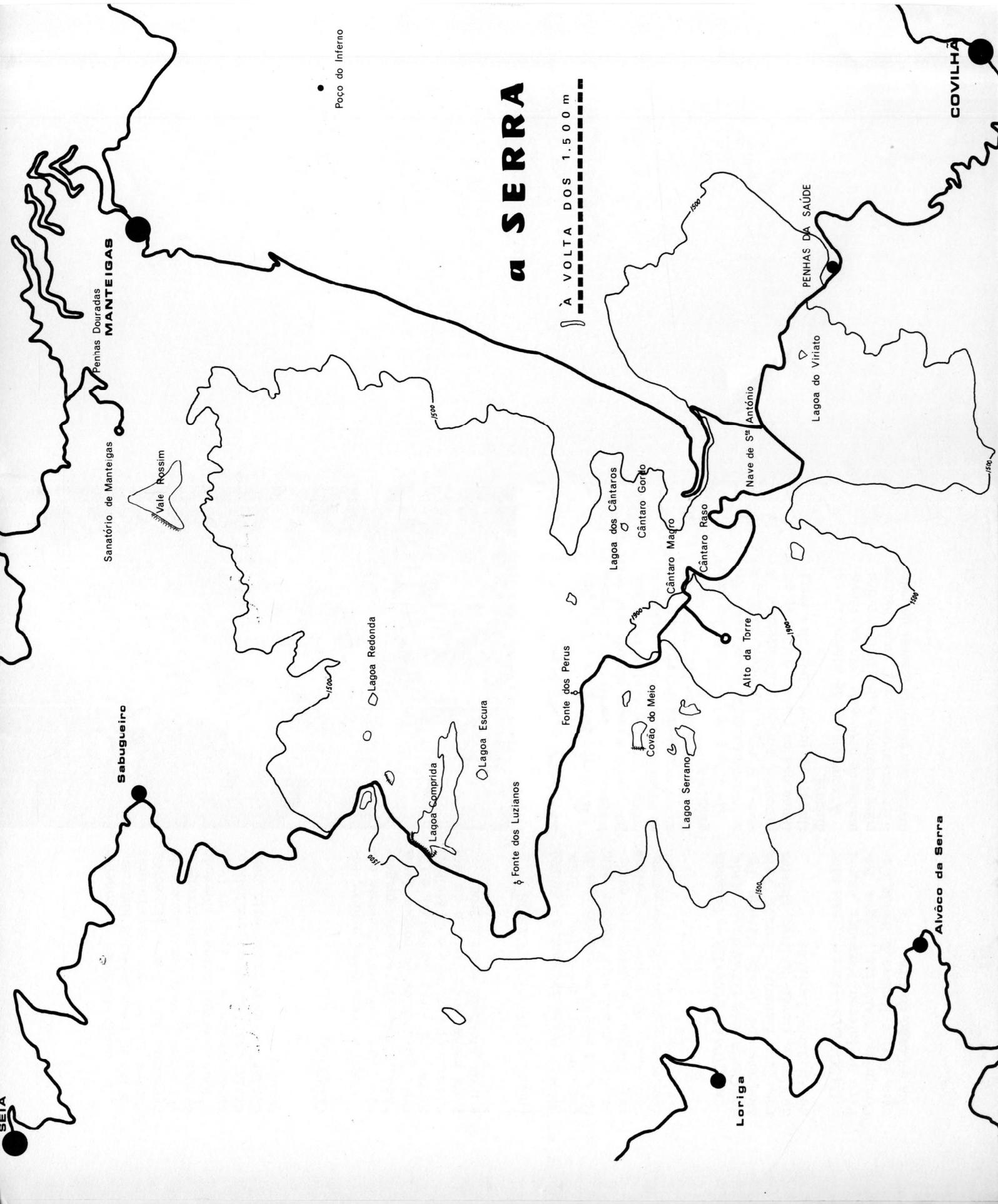
O POÇO DO INFERNO

Das Caldas de Manteigas, na estrada que ladeia o curso superior do Zêzere, sai o troço de cinco quilómetros de estrada florestal que nos leva ao Poço do Inferno.

À pujança das espécies vegetais, bem adaptadas ao meio, sucede a nudez de penhascos dantescos, serpenteando a estradita, agarrada à encosta.

O Poço do Inferno é um lugar paradisíaco, de sombras agradáveis e cumes agrestes. Do alto, despenha-se a ribeira de Leandros, num poço cavado em apertada garganta.





a SERRA

À VOLTA DOS 1.500 m

Poço do Inferno

Pemas Douradas
MANTEIGAS

Sanatório de Mantegias

Vale Rossim

Sabugueiro

Lagoa Comprida

Lagoa Escura

Lagoa Redonda

Fonte dos Luzianos

Fonte dos Perus

Covão do Meio

Lagoa Serrano

Loriga

Alvôco da Serra

Lagoa dos Cântaros

Cântaro Gordo

Cântaro Magro

Cântaro Raso

Nave de S. António

Lagoa do Viriato

PENHAS DA SAÚDE

COVILHÃ

A cascata formada, imponente no degelo, toma aspectos surpreendentes quando as temperaturas negativas nela fazem pingentes, por vezes grossos como troncos de árvore, de aspecto deslumbrante.

Esta ribeira selvagem, correndo entre penhascos, é aqui, no Poço do Inferno, um lugar paradisíaco, dos mais belos recantos desta montanha.

COVÕES

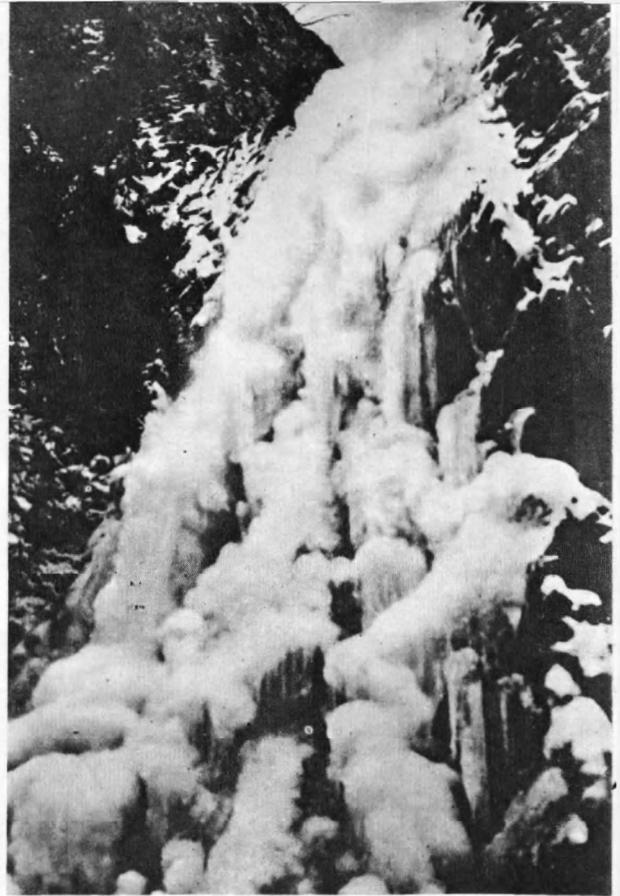
Como o nome deixa indicar, covão é um vale profundamente cavado, oferecendo aspecto magestoso. São muitos os covões desta Serra: o do Urso, do Vidual, o Cimeiro, o do Homem e o da Mulher, o da Palha, o do Meio, o do Boi e o da Ametade, entre outros.

GELEIRA DOS CÂNTAROS

Sítio abrigado dos ventos e do Sol que conserva a neve até ao Verão. Como já referimos, nos começos do século, vinham aqui buscar gelo para Lisboa. Os «neveiros» cuidavam então de cobrir as geleiras com erva seca, para melhor aguentar o gelo.

ALGUMAS FONTES — Varanda dos Carquejais, Covão da Ametade, Mondeguinho, Paulo Martins, Perús, Fria, Canariz, Charcos, Vale do Conde, Covão do Urso, Geleira dos Cântaros, Luzianos.

CASCATAS—As principais são: Poço do Inferno, Fervença, Lagoa Comprida, Caldeirão, Lagoa Escura, Loriga, Penhas da Saúde, Caniça e Covão do Urso.



3.9 — Obra dos Glaciares

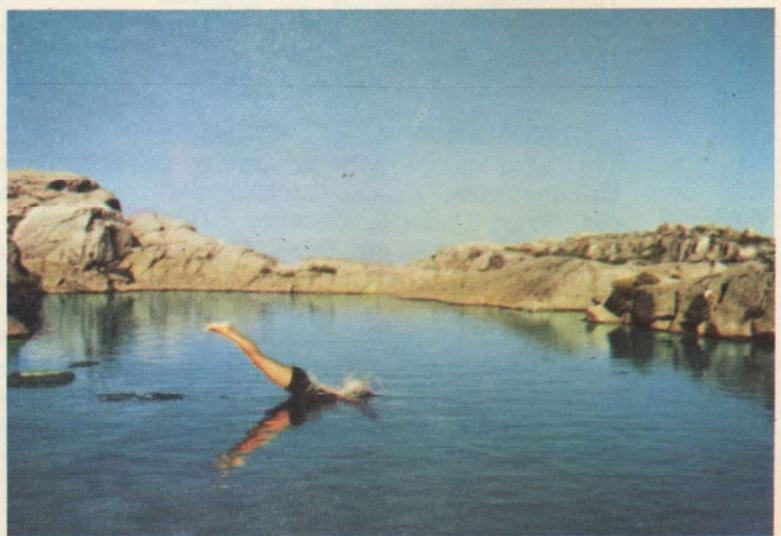
No tempo geológico, a Era Quaternária tem particular interesse, porquanto é nesse período que decorre a evolução rápida do homem, se estabilizam os climas regionais, se define a forma exterior da crosta terrestre nas zonas com cobertura glaciária.

Durante a última glaciação, uma acentuada baixa de temperatura invade a Europa, levando o homem a procurar abrigo nas cavernas. A fauna que se não adapta ou se extingue ou procura latitudes meridionais.

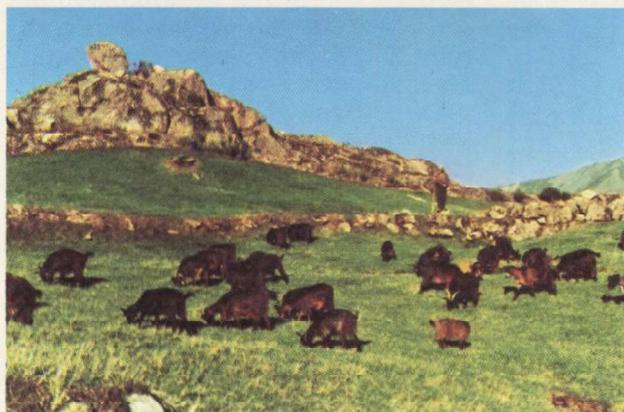
A acumulação de sucessivas camadas de neve e de gelo nas elevações, seguiu-se o desprender e deslizar vagaroso, para mais baixos níveis, das enormes massas de gelo.



*No Verão, a água limpida
das lagoas da Serra convida...*



*Rostos marcados por uma vida
de duro trabalho*



Cabrada na Serra

Amizade e Serra (fotos de Gaudêncio Braga)



As línguas de gelo migrantes, com maior velocidade na parte central e arrastar vagaroso nas margens, fragmentam-se e desenvolvem poderosas forças que arrancam, estriam, gastam e dão polimento às superfícies em que deslizam. Os glaciares que mais se afastam atingem o seu fim, ao encontrar menores declives e temperaturas que os fundem. Morrem, deixando amontoados de calhaus mal rolados e detritos que transportaram — as chamadas moreias.

Toda a zona alta da Estrela foi moldada e polida pelo arrastar de pedras que os gelos empurraram. O vale do Zêzere, da nascente até Manteigas, é dos mais belos tipos de perfil transversal em *U*, rasgados na Europa aquando da última glaciação.

Nascem os glaciares nos Covões, *circos* gigantescos de paredes escarpadas, em degraus polidos, de formas quadrangulares perfeitamente encaixadas, onde desaguam os planaltos.

Orlando Ribeiro, refere-nos assim esta paisagem: «As bacias glaciárias chamam os serranos também *Covões* e no seu fundo de terra fofa aparecem as primeiras culturas, de centeio e de batatas: Covão do Urso, acima do Sabugueiro, com enormes moreias laterais e a mais bela moreia terminal (à vista das casas da povoação), disposta — como todas as deste tipo — em anfiteatro; Covão Vidual, fechado por uma barragem, onde fica o reservatório regulador da levada para a Central da Senhora do Desterro. Os vales que melhor exemplificam a mencionada sucessão de bacias são a garganta de Loriga e o da Candieira, afluente do Zêzere, donde se despenha uma torrente magestosa — forma típica glaciá-

ria: o vale afluente suspenso acima do vale principal.

Já da Nave de Santo António se podem ver os mais belos restos da glaciação quaternária. A bacia da Nave é fechada por duas gigantescas moreias, a da Alforfa e a do Zêzere, que nascem nos mais grandiosos *circos* da Serra. Nesta fica o Poio do Judeu, o maior bloco errático destes sítios. Daí, quase à sombra do anfiteatro dominado pelos Cântaros, descobre-se toda a calcieira do Zêzere, regular como a queirna de um navio gigantesco.

Os antigos glaciares da Serra da Estrela eram sete. O maior, o do Zêzere, media 13 quilómetros e terminava a jusante de Manteigas, onde se podem ver, na várzea do Crasto, a seiscentos metros de altitude e já em terreno de xisto, os últimos blocos erráticos de granito. Os glaciares da Estrela e da Alforfa confluíam e acabavam junto ao balneário de Unhais, o de Loriga um pouco acima da povoação, todos à roda dos setecentos metros. Os do Covão Grande e do Urso eram mais curtos. No vale de Alvôco houve apenas um pequeno glaciário suspenso.

Advirta-se que apenas na parte mais alta da Serra da Estrela se encontram vestígios de glaciares em Portugal; todas as outras montanhas portuguesas estão abaixo dos limites das neves perpétuas da última glaciação.

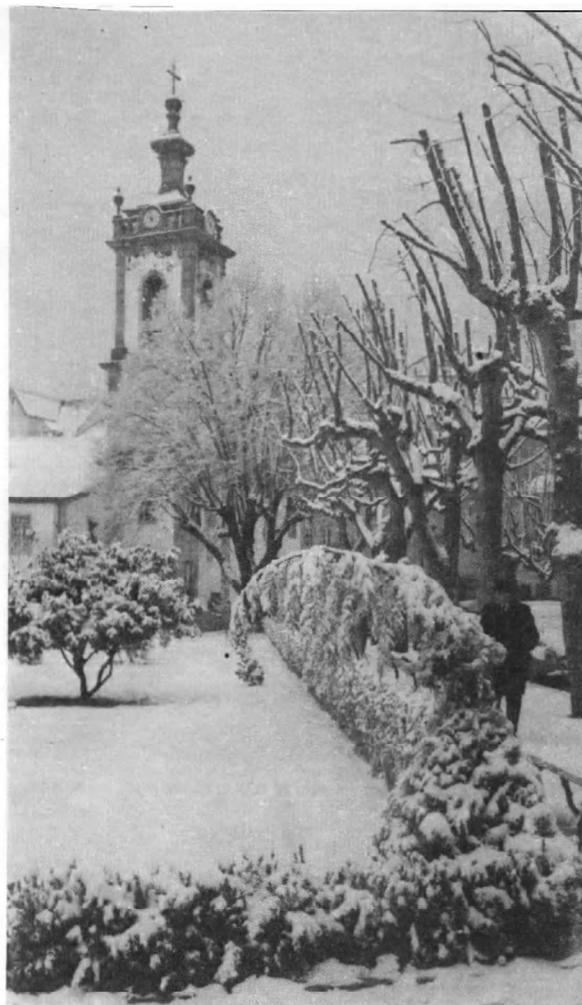
O homem existia há muito quando se formaram as geleiras da Serra da Estrela. Elas são contemporâneas dos artistas das cavernas do Norte da Espanha e das rochas pintadas do levante.»

3.10 — O Clima

Uma informação de 1758, referente à vila da Covilhã, dizia: «Quanto ao clima, os ares são muito puros e saudáveis porque a mesma Serra a defende; no tempo do Inverno se experimentam bastantes frios pela aspereza de alguns ventos rijos, e também nela em alguns dias cai bastante neve, que se conserva a ela contígua dilatado tempo: as águas porém nas fontes são temperadas e parece que nada participam deste rigor; neste tempo costuma haver algumas pleurizes, mas pouco malignos; no Verão se não experimenta calor demasiado, porque na intensão do sol principiam a sombrear a maior parte das ruas; e o mesmo vento brando que de ordinário as refresca: nos meses porém de Julho, Agosto e parte de Setembro, se experimenta a maior calma; porque passado o dia de S. Lourenço se lança o fogo nos campos de Idanha, Castelo Branco, Penamacor e Raia e com ele ficam os ares tão incendiados que alguns dias se não podem satisfazer os corpos da respiração nessa quadra; e na do Outono algumas sezões se padece, mas são de fácil cura, porque com a quina se rebatem; e ainda que muito seja, não faz nos corpos aquele efeito maligno que em outras terras padecem, o que se atribui à qualidade das águas, que dissolvem.»¹

Antes de apresentar alguns dados quantitativos do clima da zona, vamos referir mais alguns dos seus aspectos, sentidos pelas comunidades que aqui vivem.

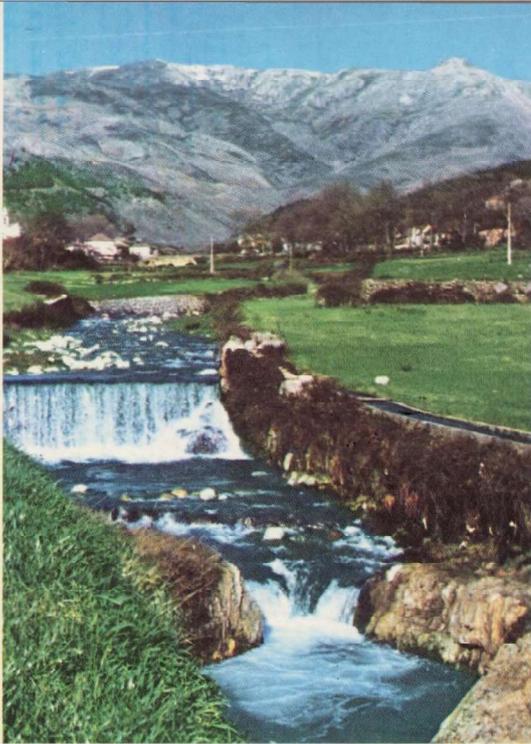
No Verão há dias insuportáveis. «Quando vem o da capa vermelha...» É o S. João a 24 de Junho. «De Espanha nem bom vento



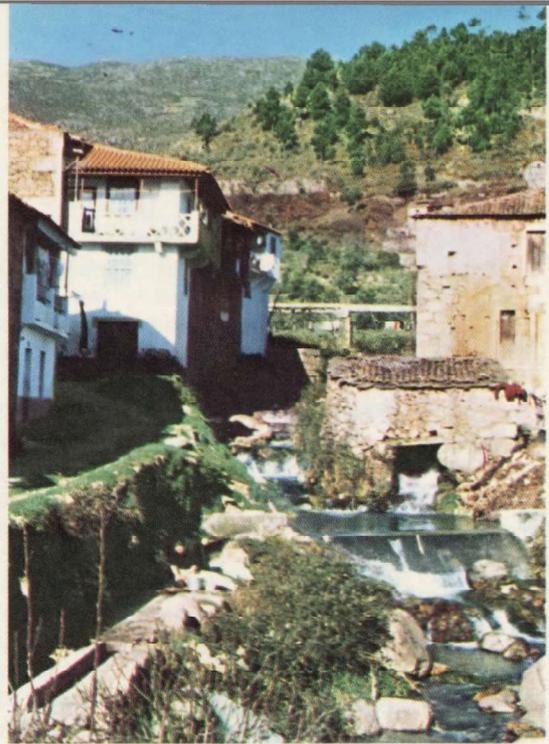
nem bom casamento.» Referem o vento suão, vento continental, que queima. As leiteiras e as pessoas que antigamente iam com os seus burricos vender os seus mimos à Vila (Covilhã) diziam que em dados dias de Verão, o vento na estrada queimava os rostos. Gente do campo, queimadas por muitos estios, tinha de cobrir os rostos porque o ar queimava...

«Agora está tudo mudado, não há verões como antigamente.» Mas, de vez em quando, há.

No outro extremo, estão os dias maus de Inverno. Invernos há que, depois do pôr-do-Sol, se não pode andar com o nariz fora de casa.

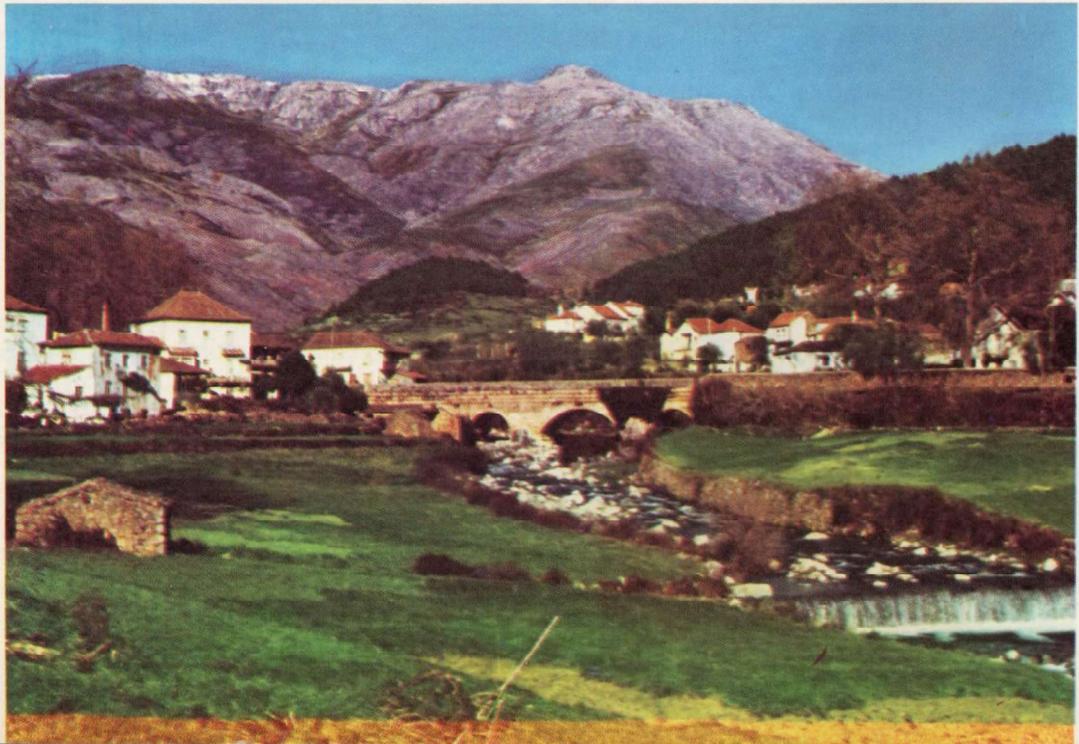


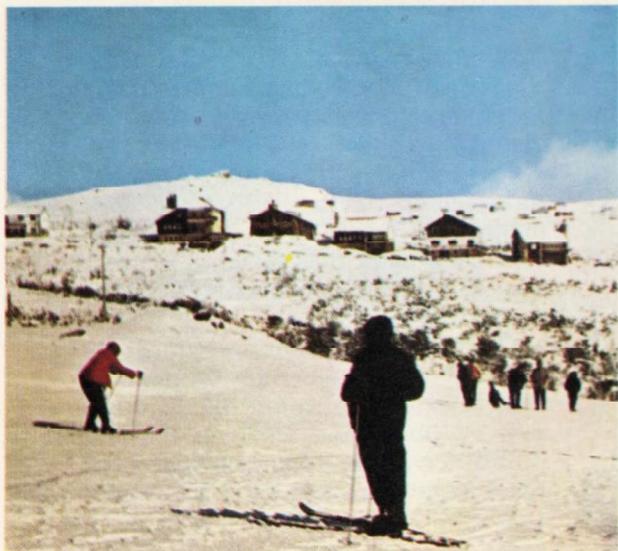
O açude e a levada para a rega ou para o moinho



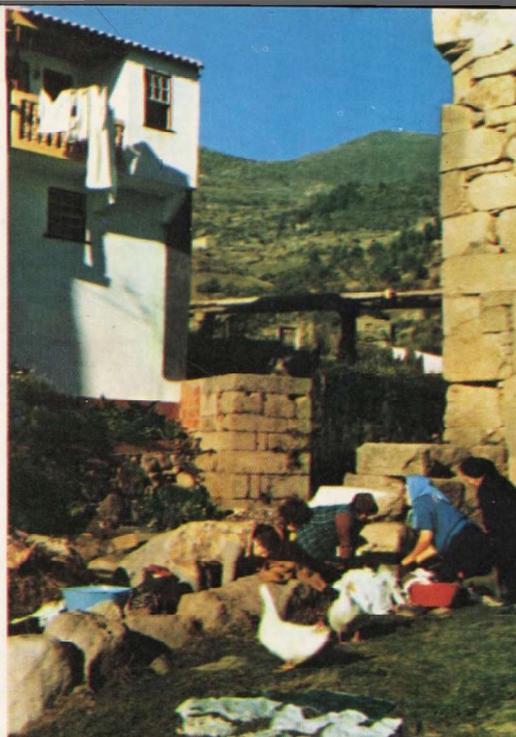
A velha azenha no meio do povoado

Unhais da Serra (fotos de Gaudêncio Braga)





Praticando sky (foto A. Passaporte)



Lavando roupa à porta de casa

Ambos contemplam (fotos G. Braga)



As geadas, que vão de Novembro ao S. Marcos (25 de Abril), parecem, por vezes, nevões. «Esta noite caiu cá uma russa...»

Lembra-me que, durante o Inverno, na serra do Ferro — Capinha, em determinados comoros sombrios, os pingentes de gelo se conservavam meses. Hoje, nada disso sucede. A estes pingentes chama o povo caramelo.

Oh meu menino Jesus
Oh meu menino tão belo
Logo vieste nascer
Na noite do caramelo

O codão é outro fenómeno meteorológico causado pelo frio. A temperaturas inferiores a zero graus C a humidade contida nos primeiros centímetros do solo cristaliza e levantam-se agulhas de gelo que elevam gelo e terra à mistura — é o codão.

Os nevões vão, por vezes, até Maio. Fixam-se normalmente acima dos oitocentos metros de altitude, com duração de poucos dias. Só lá para cima dos mil e quinhentos metros são mais estáveis.

A Primavera e o Outono são estações temperadas, de poucas chuvas e dias de Sol.

RADIAÇÃO SOLAR

É chamada radiação global a radiação directa e a radiação difusa recebidas sobre uma superfície horizontal.

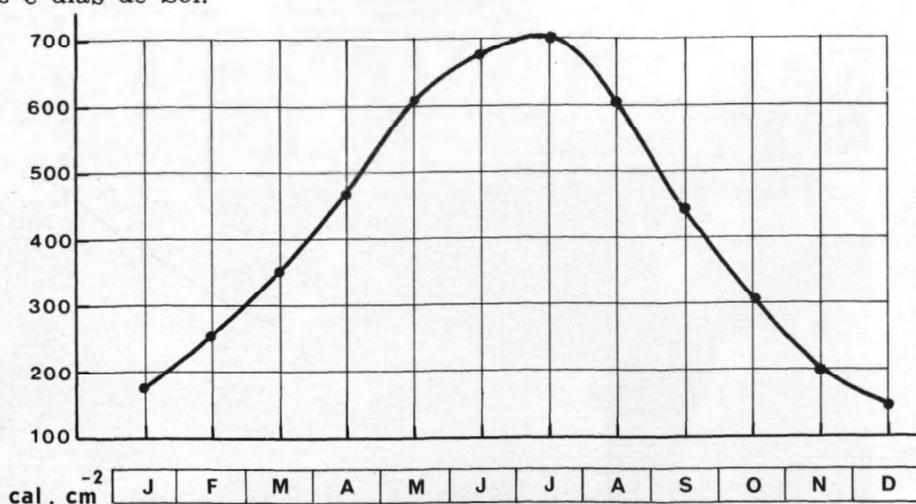
Para análise da radiação global na zona da Serra da Estrela, considerámos os valores médios diários para cada mês do ano, expressos em calorias por centímetro quadrado (1y).

Ocorre um valor mínimo, de 150 1y por dia médio, no mês de Dezembro e um valor máximo, de 700 1y por dia médio, no mês de Julho. De Maio a Outubro esse valor é superior a 300 1y e no semestre Abril - Setembro superior a 450 1y. No tetramestre Maio - Agosto é superior a 600 1y.

O gráfico que apresentamos melhor elucida sobre o comportamento deste parâmetro ao longo do ano.

INSOLAÇÃO

Mede-se este parâmetro registando o número de horas de sol descoberto acima do horizonte.



Na zona em referência o valor normal da insolação está compreendido entre 2300 a 2600 horas. Sendo o valor máximo registado no país 3000 h, numa isolinha que vai de Évora a Beja e Faro. O mês de mais elevada insolação na Serra é o de Julho, com cerca de 380 h, a sul da Guarda.

PRECIPITAÇÃO

Os valores normais (médias de trinta anos) dão para a crista da Serra 2400 mm — máximo da precipitação anual média no nosso país. Decrescendo para 1600 mm a isoleta que, passando por Gouveia e Seia, apanha a base da Serra a cerca de 600 m de altitude. Mas, na Guarda, já o valor médio é de cerca de 800 mm. Na terra-chã, dos lados de Gouveia, como na Cova da Beira, do lado da Covilhã, a precipitação decresce rapidamente à maneira que nos afastamos da Serra.

Março é o mês de maior precipitação, com um valor normal, no alto da Serra, de 300 mm. Na Lagoa Comprida registou-se um valor máximo anual de 2430 mm em 1960 e um valor mínimo de 863 mm em 1957 (período 45-70). Julho-Agosto é o bimestre seco. Em Junho, em cada dez anos, há cerca de três com precipitação maior que 100 mm.

No Sabugueiro, no período 47-70, registou-se um valor máximo anual de 4154 em 1960 e no Vale do Rossim um valor máximo de 3039 mm em 1951.

Por estes valores se compreende ser a Serra da Estrela a grande zona de abastecimento dos principais cursos de água do país.

O número médio de dias com precipitação igual ou superior a 1 mm

é de 100 e igual ou superior a 10 mm é de 50.

TEMPERATURA MÉDIA DO AR

O valor normal desta temperatura é de 7,5°C acima de cerca dos 800 metros de altitude e de 10°C pelos 500 m. Janeiro é o mês mais frio, com um valor médio de 0°C, acima dos 1500 m e de 2,5°C cerca dos 500 m de altitude. Julho tem uma temperatura de 15°C cerca dos 700 m e de 17,5°C nos vales do Mondego e do Zêzere.

Nas Penhas Douradas, ocorrem nos meses de Junho e de Julho os seguintes valores médios:

Temp. máxima — 22°C
Temp. média — 18°C
Temp. mínima — 13°C

No mês de Dezembro:

Temp. máxima — 5°C
Temp. média — 2°C
Temp. mínima — 0°C

HUMIDADE DO AR

Razão de mistura — razão da massa de vapor de água e da massa de ar seco, com a qual o vapor de água está misturada (g.kg).

O valor médio anual deste parâmetro é de 6 g.kg à cota de 600 m e de 5 g.kg acima dos 800 m. Nos meses de Julho e Agosto esses valores são 8 e 1 g.kg.



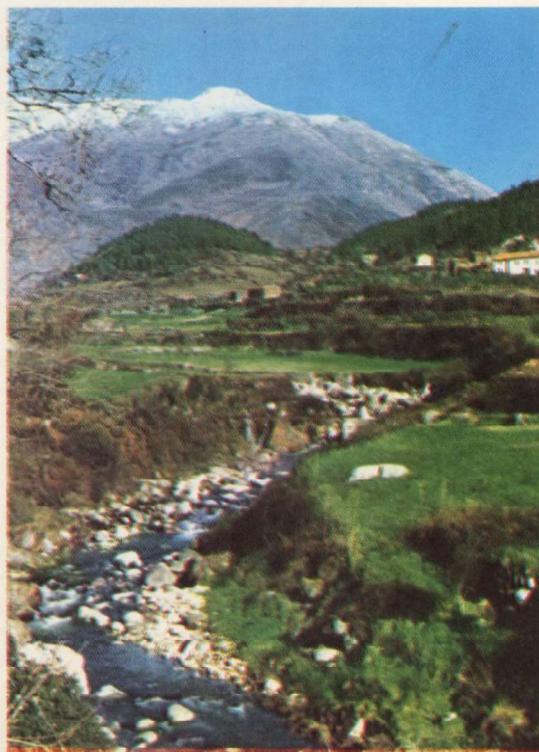


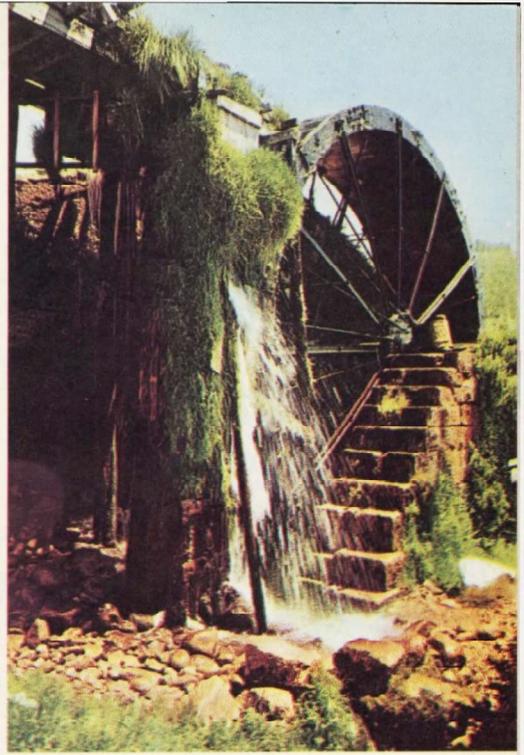
Sol, neve e sky (foto A. Passaporte)

Pequena cascata



A ribeira de Unhais (fotos Gaudêncio Braga)





(foto A. Passaporte)

Água da Serra – moendo, movendo fábrica de panos e mitigando a sede



(foto G. Braga)

4 — GEOGRAFIA HUMANA

4.1 — A vida das aldeias à volta da Serra

«A Serra da Estrela é a mais elevada cordilheira portuguesa; é o prolongamento da espinha dorsal da Península; é, a divisória das duas metades de Portugal, tão diversas de fisionomia e temperamento; é afinal como que o coração do país — e acaso nas suas quebradas e declives, pelos seus vales e encostas, demora ainda o genuíno representante do lusitano antigo. Se há um tipo propriamente português; se através dos acasos da história permaneceu puro algum exemplar de uma raça ante-histórica onde possamos filiar-nos, é aí que o devemos procurar...»

Oliveira Martins

Nas aldeias e lugares que constituem como que um colar à volta da Serra perdura uma economia de quase subsistência.

É verdade que, como noutra lugar referimos, as comunidades que habitaram as abas da Serra, nos primeiros séculos antes da nossa era, manifestaram extraordinária inteligência ao escolher estes sítios para viver e ao saberem integrar-se no meio-ambiente. As possibilidades de defesa contra incursões inimigas e a manutenção de grandes rebanhos de ovelhas, constituíam dois poderosíssimos factores de sucesso e tranquilidade na vida. Defendiam-se na Serra e a Serra lhes dava, além do centeio e da castanha, o leite, a carne, a lã e o esterco.

Souberam, também, aproveitar, com rodas-de-água, a energia que



a corrente dos seus ribeiros lhes proporcionava. As azenhas para moer o centeio e o milho, os lagares de azeite e as *rodas-de-água* para rega e para o fabrico de pãnos, representam avanços tecnológicos de extraordinária influência na evolução das comunidades.

Vieram, depois, séculos de isolamento. Afastados dos centros de decisão e sem vias de comunicação, tiveram estes povos vida tradicional igual de pais para filhos, nas dificuldades, no viver duro e mísero, a que só a emigração dava algum horizonte. Viveram séculos no regaço da Igreja, que já antes da implantação da nacionalidade foi preponderante, atestando sempre que necessário, «que os sobreditos acima nomeados são e foram

sempre tidos e havidos e geralmente reputados nesta vila como inteiros e legítimos cristãos sem raça de índios, mouros, mulatos, mouriscos nem outra nação infecta, nem ascendência de pessoas novamente convertidas à nossa santa fé e sem haver fama nem rumor em contrário.»

O Estado fazia, quando muito, a escola e cobrava regularmente a décima. A Câmara cobrava a licença do cão, do burro, o imposto braçal e botava derrama, quando algum melhoramento urgente se impunha.

A pobreza era geral e as exigências das comunidades mínimas. Os caminhos, as obras da igreja, as festas e as romarias eram com os mordomos e a gente mais pronta.

Um viver pobre, sem instrução, que educação e respeito pelos valores tradicionais era norma.

Esta gente, isolada e voltada para a terra — único amparo — com os ensinamentos colhidos nas

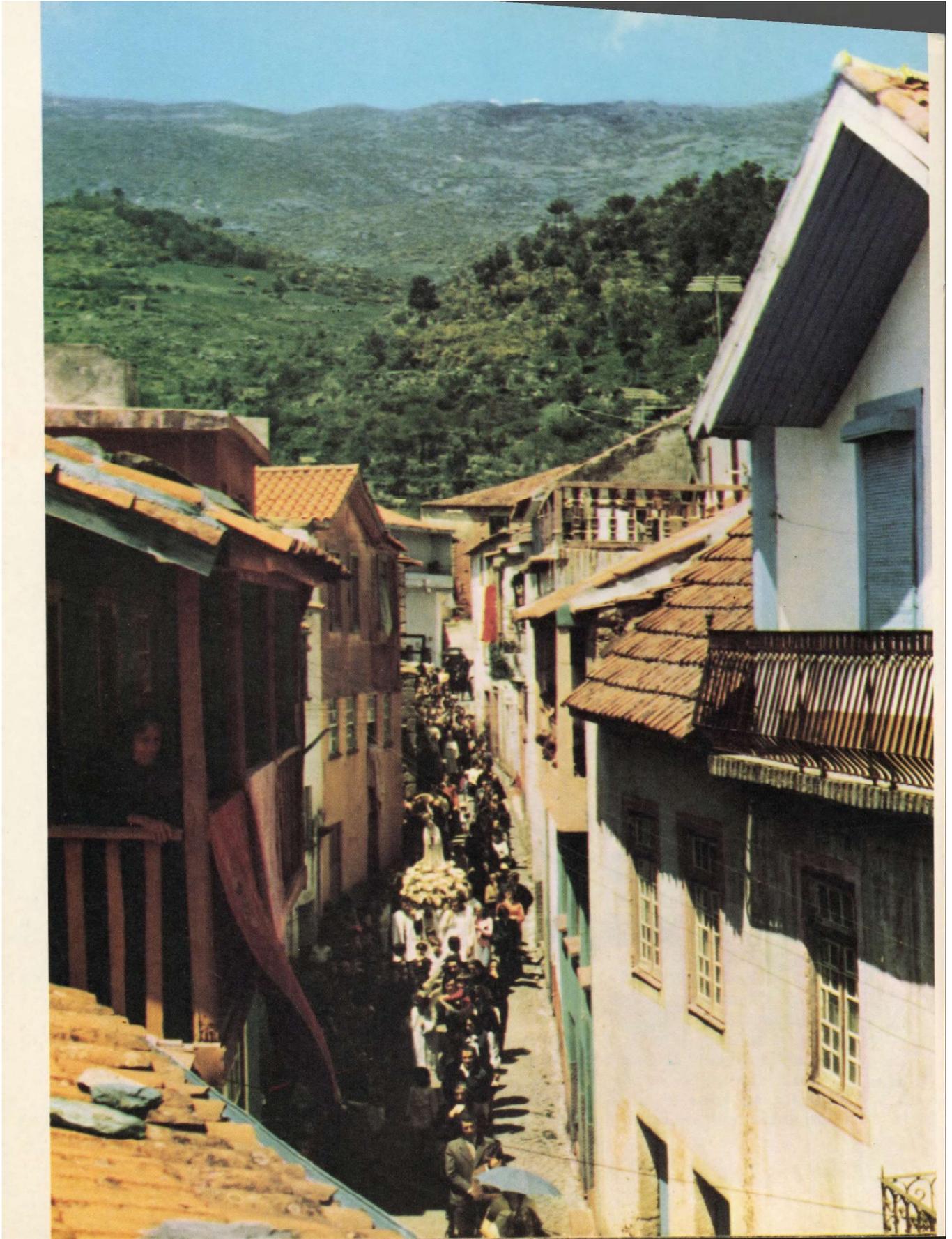
terras de lodeiro, fez chãos e lameiros até ao alto das linhas de água, sempre que a natureza dos sítios era propícia. Segurando as terras com pequenas muros de pedra solta e marcando caminho ao ribeiro, de Inverno forte, por entre pedras e salgueiros. Aqueles socalcos de Loriga, vistos cá do alto, da estrada, são uma amostra do esforço hercúleo desenvolvido por gerações da aba da Serra, para dar fertilidade às terras e pão às bocas.

Quase nem valia a pena produzir mais que para os gastos de casa, por a cultura ser muito dispendiosa e fracas as possibilidades de colocação dos produtos.

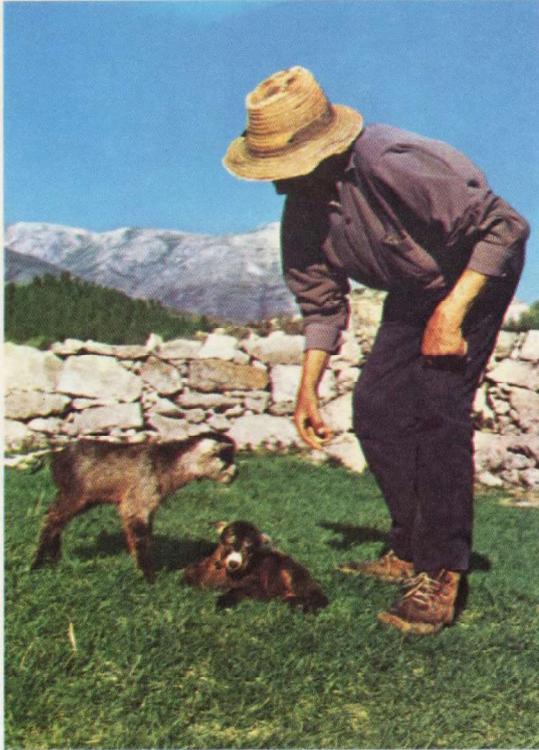
As terras baixas, os lodeiros, são dos ricos. E, os pequenos chãos, serra acima, tudo cavado à enxada, custam aos pobres os olhos da cara. Mas iam vivendo. Uma vida pobre, rude de maneiras e de língua, respondendo ao chamamento das estações.



Dia de malha

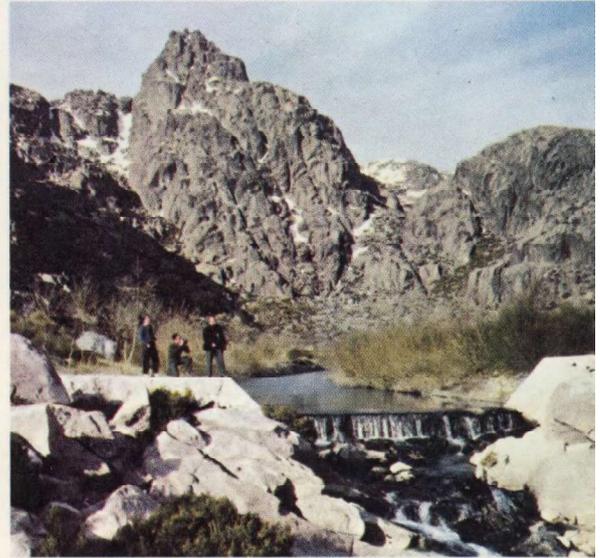


Procissão em Unhais da Serra (foto Gaudêncio Braga)



Cabritos melgos

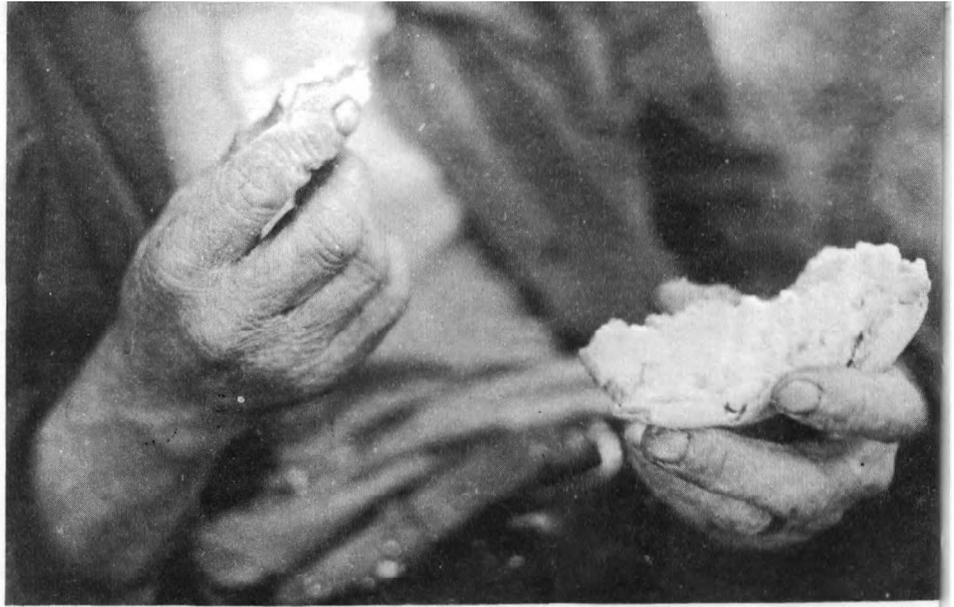
Covão da Ametade (foto A. Passaporte)



Malhando o centeio (fotos Gaudêncio Braga)



*Naco de broa nas mãos
rudes do trabalhador
(foto Gaudêncio Braga)*



O CENTEIO E A CASTANHA

As populações das abas da Serra tinham, no Inverno, fortes carências alimentares. Nestes climas frios, o Inverno só dá couves e nabos. Enquanto não começam as favas — Maio as dá e Maio as leva — a fome apertava, se não havia umas reservas de centeio ou de feijão pequeno.

Estrabão, séc. I, refere que as populações lusitanas faziam pão de bolota. Cedo, porém, o centeio foi o cereal, por excelência. O centeio era o pão. E, assim se chamava.

As terras de encosta, mesmo as do alto da Serra, sempre davam umas tantas sementes. O centeio é pouco exigente e os agricultores, também. Os alqueives lavrados ou cavados no ano transacto, ficavam de pousio e, de três em três anos, dão uns grãoszitos. Tudo depende da maneira como o ano corre.

A sementeira é em Novembro, quando das primeiras chuvas. Semeia no pó e não tenhas dó. E a ceifa pelo S. João. Poucas semanas depois é a malha. Na chapada de uma lage ou numa eira alisada com bosta de boi amassada com barro, num sol abrasador, os homens ma-

nejam com destreza os mongais, batendo as espigas ritmicamente, ora uma fila ora a outra. É trabalho violento. Por isso há várias pausas e umas seis refeições. O comer é, nesse dia, reforçado — sopa de grão, chouriças, farinheiras, carne gorda, cherovias fritas, queijo, bom vinho. As refeições têm nomes castiços: almoço, às 7 horas; fatia (pão com queijo ou mel), às 10; jantar à uma da tarde; fatia às três; merenda às seis e ceia às oito. Voltamos à eira. Limpa-se o pão, atirando-o contra o vento, com pá apropriada, toda de castanho. Saem praganas. A semente é medida pelo meio alqueire, a quarta e o celamim, e a palha amontoada em rilhaes.

Hoje, tudo mudou. Há máquinas para ceifar e malhar, que substituem o braço que a emigração levou. Mas delas não se tira a produtividade devida, por a propriedade não ter dimensão económica. Outrora, quando apareceram as primeiras máquinas, os homens, cientes de que lhe vinham roubar o trabalho, introduziam nelas pedras, cornos ou pedaços de ferro, para as danificar.

Com o centeio, moído nas aze-nhas, cozia-se o pão. O forno, em alguns lugares, era comunal, nou-tros havia um forneiro que levava uma certa *maquia*, em pão, por cada tabuleiro cozido. O recipiente onde se amassava o pão chama-se mas-seira.

O pão centeio era uma especia-lidade das Beiras, amassado e ten-dido por quem sabia. Levava cada pão uma cruz: «Deus te acrescente que é para o comer muita gente», e ia ao forno. Durava umas três semanas, sem muito enrigecer. As merendas e, muitas vezes, o jantar eram uma fatia de pão com uma sardinha frita, ou pão com azei-tonas, raramente pão com queijo e, por vezes, pão com toucinho. Com a navalha cortando pedaços de pão rijo e pedacinhos de conduto, mas-tigando devagar, ia-se comendo e conversando.

Além do centeio, desempenhou importante papel na alimentação dos povos das abas da Serra a castanha.

O castanheiro dá-se bem em cli-mas um pouco húmidos e terras de encosta. Resiste às secas e adquire magestoso porte. E, em Outubro, está coberto de ouriços que deixam cair a saborosa castanha. Vêm em boa altura. Há tempo vago para se apanharem os sotos e a castanha é um comer de *sustância*, assada ou cozida. As que sobram deitam-se a secar no caniço. Uma vez secas, são pisadas num cesto com uns taman-cos e guardam-se para fazer cal-dudo ou comer uma a uma. O cal-dudo, caldo de castanhas, é um ali-mento fortíssimo e agradável.

A MATAÇÃO

Pelo S. Martinho (11 de Novem-bro) mata o teu porco e prova o teu vinho.

O porco é criado no curral, junto à casa. É o grande transformador dos restos: cascas de batata, ba-gaço de azeitona, castanha furada, frutos meio podres, couves, nabos. Tudo cozido no caldeiro, com uma mão-cheia de farelo, vai para a pia.

A matação era feita só pelos re-mediados. Faziam-se as morcelas, as chouriças, as farinheiras, os paios e o bucho, que são postos ao fumeiro, nas varas; os presuntos e as restantes carnes vão para a sal-gadeira, de onde se comia todo o ano. Hoje, nas aldeias, os comer-ciantes matam quase todo o ano e a carne logo desaparece. Mas ainda se fala de quem sabe fazer o bom enchido das Beiras. Diga-se, que o matar do porco nas ruas e pátios, pelo espectáculo e mais pelo grunhido de morte, é um costume bárbaro.

A AZEITONA

Dezembro traz a colheita da azeitona.

Varejai, varejadores
Apanhai apanhadeiras
Apanhai bolinhas de oiro
Que caem das oliveiras

A oliveira deve ter sido intro-duzida no país a partir do séc. VI a. C., pelos gregos. Apiano, histo-riador grego do séc. II, conta que Viriato acampou num monte co-berto de oliveiras. Também, Plínio (séc. I) se refere à doçura das azei-tonas lusitanas.

A oliveira é a árvore mais que-rida do agricultor. A menos exi-gente e a que todos os anos dá o azeitinho para temperar as bata-tas e o caldo.

Dezembro é mês de frio e de chu-vas.

Para que o ano não vá mal
Hão-de os rios três vezes encher
Entre o S. Mateus e o Natal

Ê, porém, necessário colher a azeitona. Só se não trabalha quando as oliveiras estão molhadas, chove muito ou o vento sopra forte, não deixando «deitar» as escadas, altas de vinte e cinco degraus, às oliveiras. Nos dias de sol, a colheita da azeitona é uma festa. A comunicação das pessoas é traduzida nas conversas que vão contando as ocorrências mais notórias do povoado.

De vez em quando, rompe uma cantoria:

À oliveira da serra
O vento lhe leva a flor
Só a mim ninguém me leva
Para o pé do meu amor

A oliveira do adro
Tem a folha revirada
Que lha revirou o vento
Numa manhã de geada

Azeitona cordevil
O rouxinol a namora
Apanha-a e leva-a no bico
Bate as asas e vai-se embora

A azeitona era medida *às razas* e feita no lagar. O lagar romano, que chegou até aos nossos dias, está a desaparecer. Consta este lagar, também chamado lagar de varas, do aproveitamento de uma queda de água de uns cinco ou seis metros, por uma roda hidráulica que faz rodar as mós ou galgas, num pio de pedra, onde a azeitona é esmagada. Esta moenda era metida em ceiras (recipientes redondos e chatos de paredes duplas) que, empilhadas, eram depois comprimidas pelas varas. Estas são

grossos e compridos troncos de eucaliptos, apoiados no extremo de menor diâmetro, o outro extremo, sobrecarregado com grosso cilindro de pedra, poisando sobre a pilha de ceiras, espremendo-as. O azeite, misturado com o *azinagre*, escorre então para a *tarefa*. Aí, junta-se-lhe água quente e consegue-se a separação. E o azeite, loiro, odoroso, corre para os potes.

O lagareiro, feitas as contas, tira tantas panelas para a lenha, tantas para a poia, tantas de funda. Algum escorre para o poço, chamado inferno, porque o azeite que para lá corre o dono não mais vê. Em anos de pouca água, ou de aperto de azeitona, era esta também moída num outro moinho, tocado a bois — *atafona*. Há boa ou má funda conforme o ano e o lagar.

Azeitona miudinha
Anda aos saltos no pio
Também vós minhas meninas
Não sabem andar com brio

A oliveira rolada
Sempre parece oliveira
Ê como a moça bem casada
Sempre parece solteira

E, com a colha da azeitona e a poda da oliveira, chega o Natal.

Ê NATAL

Ê uma noite diferente. O fumo eleva-se de algumas chaminés ou escoia-se pelos telhados, vindo das lareiras, onde, naquela noite, há um lume bom, até tarde. Nas casas das aldeias, aninhadas no recôncavo da Serra, há consoada. São lembrados os filhos ausentes, espalhados pelo mundo. Duas lágrimas, de muitas que teimam em não cair,

Neve imaculada, a perder de vista

rolam no rosto velho da mãe. Nesse dia, sente-se intensamente, com o mais verdadeiro e dado de todo o amor, a falta de companhias que a vida roubou.

Lá fora, no adro da igreja, o madeiro arde e aquece aquela noite fria, atirando para o céu o fumo de sonhos não realizados. É aos que vão às sortes nesse ano que pertence apresentar, no adro, os madeiros — dois grossos troncos carcomidos de castanheiro. Os madeiros ardem e, à sua volta, bebe-se e canta-se.

Um luar de Inverno bate nos cumes brancos de neve da grande Serra. Na igreja, há missa do galo, cantam-se lindas melodias de Natal — dos mais belos e maviosos cânticos que já ouvimos.

Há alegria, saudades e ceia farta em todas as casas. Só os lagares não param de moer e de pensar a azeitona, fazendo correr para os potes o fio de azeite doirado. Enquanto que, cá fora, os ribeiros, zangados, atiram as águas cristalinas pelas quebradas da Serra. A noite fria apresenta um céu sem nuvens e a geada forma-se nos lameiros.

O vinho novo, fresco, saboroso, saído da pipa a saltar, alegre os espíritos, dando entusiasmo a este dia de filhós.

É Natal. Nesta quadra, nas nossas terras de emigrantes, a saudade une com intensidade o que a distância ou o mar separam.

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal

Por te cruzarmos, quantas mães

[choraram

Quantos filhos em vão rezaram

Quantas noivas ficaram por

[casar

Para que fosses nosso, ó mar

F. Pessoa



A lareira, o repicar dos sinos, a poesia, a música desta quadra do Natal, lembram que a centelha da vida está no amor, na afeição das almas.

Não é a perfeição da alma e as afinidades que ela encontra em outras almas que cultivam os mesmos ideais, as mesmas aspirações, idêntica qualidade de vida, o que mais vale? Que importa que de per-meio se encontre ilusão e sonho, se há encanto e elevação.

No mundo há vaidade, maldade, egoísmo, grosseria e ódio mas, também, oásis com flores, árvores e chilreios que ajudam a trabalhar, onde a delicadeza, a dedicação, o sentir com nobreza, as afeições — que advêm da capacidade de amar que se não extingue nos corações puros e nas almas ardentes — nos levam a suportar as agruras da vida.

A essência da vida está, de facto, na força do querer, na exaltação das almas e dos corações apaixonados e na quietude que depois advem.

É Natal.

AS JANEIRAS

Na quadra do Natal, grupos de rapazes ou gente crescida, vão pelas casas cantar as janeiras, recebendo dinheiro ou filhós. As quadras mais usuais vêm de tradição longínqua.

Ainda agora aqui cheguei
Já pus o pé na escada
Logo o meu coração disse
Aqui mora gente honrada

Viva lá senhora dona Rosinha
Raminho de amendoeira
Inda anda neste mundo
E já no céu tem a cadeira

Levante-se lá minha senhora
Desse banquinho de prata
Venha dar-nos as janeiras
Que está um frio que mata

Viva lá minha senhora
Raminho de salsa crua
Por debaixo da sua cama
Nasce o Sol e põe-se a Lua

De quem é aquele casaco
Que além está espendurado
É do menino Luís
Que é lindo como um cravo

De quem é aquele chapéu
Com letrinhas ao redol
É da menina Bitinha
Que é linda como o Sol

Quando os visados não davam
troco, então, berrava-se:

Esta casa é bem alta
Bem forradinha de colhos
Morra quem nela passeia
Que os leve cem mil demonhos

O ENTRUDO

Mais, talvez, que pelo Natal, era pelo Entrudo que se reuniam as famílias. Nessa altura já as carnes do fumeiro estavam feitas. Dia de Entrudo, comia-se o bucho com batatas e couves, em boa sociedade, regado com bom vinho. Era tempo de folia, também.

Os mais folgazões vestiam-se de entrudo e percorriam as ruas da aldeia, com a cara tapada com pano de renda, para ninguém os conhecer. As vestes eram bizarras e a algazarra era com os garotos.

Um outro costume importante era o chorar do entrudo. Pelo lusco-fusco, dois grupos embuçados e empoleirados em duas oliveiras do povoado, um tanto distantes uma da outra, com voz chorada e disfarçada, pausada e maliciosamente, apregoam as novas picantes da aldeia. Cuscovilharam o que se dizia deste e daquela. Noivos com o namoro muito adiantado... Mau comportamento.

«Olha lá ó camarada. Tu já ouviste dizer que a Josefa do Maximino anda metida com o Zé Penedo? O quê? Muito me dizes. Olha lá, será verdade? É! É! Foram vistos. Oh! Oh!... Então foi assim ó camarada? Ai que vergonha!... E que me dizes à filha do ti Manel Bezerra? A desavergonhada... E, sempre a caminho da igreja.

Assim, chalaceiros, punham vidas ao sol. Por vezes, cheios de raiva, os visados atiravam se a eles, à pedrada e até tiros chegou a haver. Valia a protecção do grupo.

A PRIMAVERA

Março é um afã na preparação das terras. A Primavera, atrevida, aí está. Rebentam as primeiras flores dos pessegueiros e dos abrunheiros e das cerejeiras de Abril, também.

Semeiam-se as batatas temporãs e, pelo S. José, os primeiros feijões. Mas cuidado, as últimas geadas do ano são traçoeiras e só a partir do S. Marcos (25 de Abril) se está livre delas.

A VINHA

A vinha clama cedo por cuidados. Quem não poda até Março, vindima no regaço. Segue-se a escavassa, depois a cava e as caldas. A vinha é a cultura social por excelência — requiere, ao longo do ano, grande quantidade de mão-de-obra.

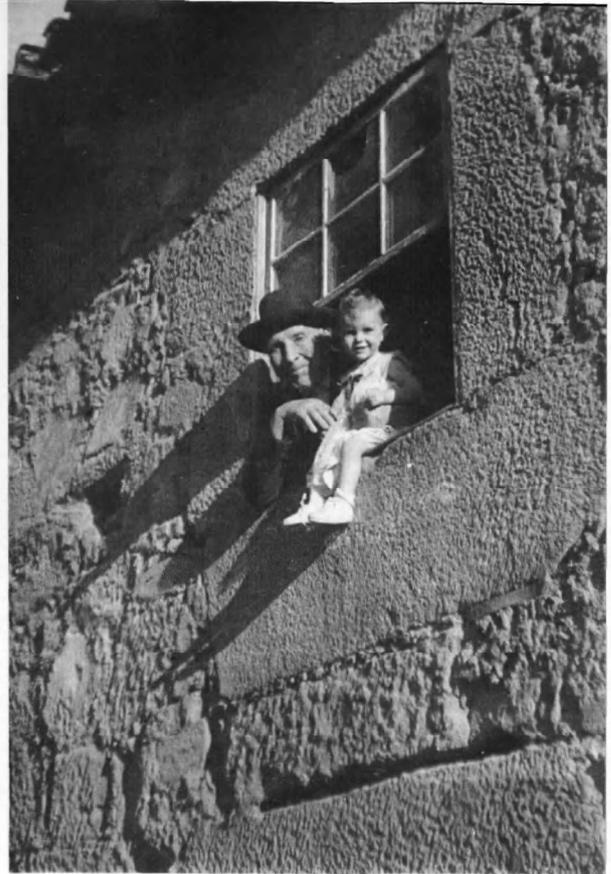
A uva desempenha, aqui, papel insignificante na alimentação do povo. O seu valor está no vinho.

A videira dá-se bem em terras de encosta, sem rega. Dizia Junqueiro que a cepa, no Douro, come pedra e bebe fogo. Mas, a videira quer terra rica e bem surribada e intensa radiação solar. Os frades sabiam que as videiras junto aos muros brancos dos conventos davam o melhor vinho. De igual modo, nas encostas bem expostas ao sol se obtêm as melhores *pingas*.

O vinho desempenhou sempre papel importante. Tanto dava coragem aos rapazes enamorados como servia para esquecer ou avivar aborrecimentos e querelas. Foi, durante muito tempo, encarado como alimento que dá força para os rudes trabalhos do campo. E, ainda é. Aquece no Inverno e refresca no Verão.

Viva o vinho monarca do mundo
Viva o vinho no fino licor
Só o vinho nos torna felizes
Só o vinho nos fala de amor

É, também, uma boa fonte de rendimento das comunidades das abas da Serra, desde tempos recuados.



Casa de granito e castanho, a primeira bisneta

AS SEMENTEIRAS

Em Abril águas mil. Mas nem sempre. Cavam-se as terras. Tratam-se as culturas de Primavera.

Os dias são já de sol intenso, cheios de promessas. Os alfobres de tomates, pimentos e de bringelas devem estar prontos para plantar em Maio.

Maió é tempo das favas, das sachãs e das mondas. As cerejeiras de Abril dão em Maio. São os primeiros frutos. E as favas o primeiro alimento forte a ser colhido. O feijão frade não quer ver o sol de Maio. E a batata semeia-se desde Março a temporã e a partir de Maio, a dos *lameiros*, logo a seguir ao tirar dos fenos.

O VERÃO

O Verão é uma canseira para a gente do campo. Trabalha-se de sol a sol, tantos são os afazeres. Mesmo quando vão por dia, já das cinco e meia até às oito e picos trabalharam para eles e, no regresso do trabalho, ainda vão *deitar as águas*.

É tempo de muito trabalho mas, também, de alegria. A intensa radiação solar, os dias longos, puxam por tudo. Assim haja água. Loucos borbotões crescem a olhos vistos.

A terra é um braseiro e, em muitos locais, por mais poços que se abram, por mais minas que se façam, nunca a água chega para acabar de criar as novidades e a cultura.

Quando chega o S. João, a 24 de Junho, o ar queima. O sol tanto cria o que tem água, como murcha e seca o que a não tem.

É tempo de ceifas e, poucas semanas depois, de malhas. Dos trabalhos mais violentos do campo. O prazer da colheita, porém, domina.

Quando se mora nos povoados, é um ror de tempo que se perde pelos caminhos. No Verão, aquando das regas, é preciso ir ao *chão*, de manhã e à tarde, deitar a pinguita da água, que as presas tomam. E, há, em regra, mais que um *chão*. Mais difícil é quando a água é de poços e tem de ser tirada a *burro*. O *burro* ou *cegonha* é um engenho maldito, composto de pinheiro, móvel no cimo de uma forcalha de cerca de dois metros acima do solo, tendo num extremo uma pedra servindo de contrapeso, e, no outro, a vara, que, com um balde preso na extremidade, mergulha penosamente no poço, onde o enche. Balde após balde, curvando-se a espinha,

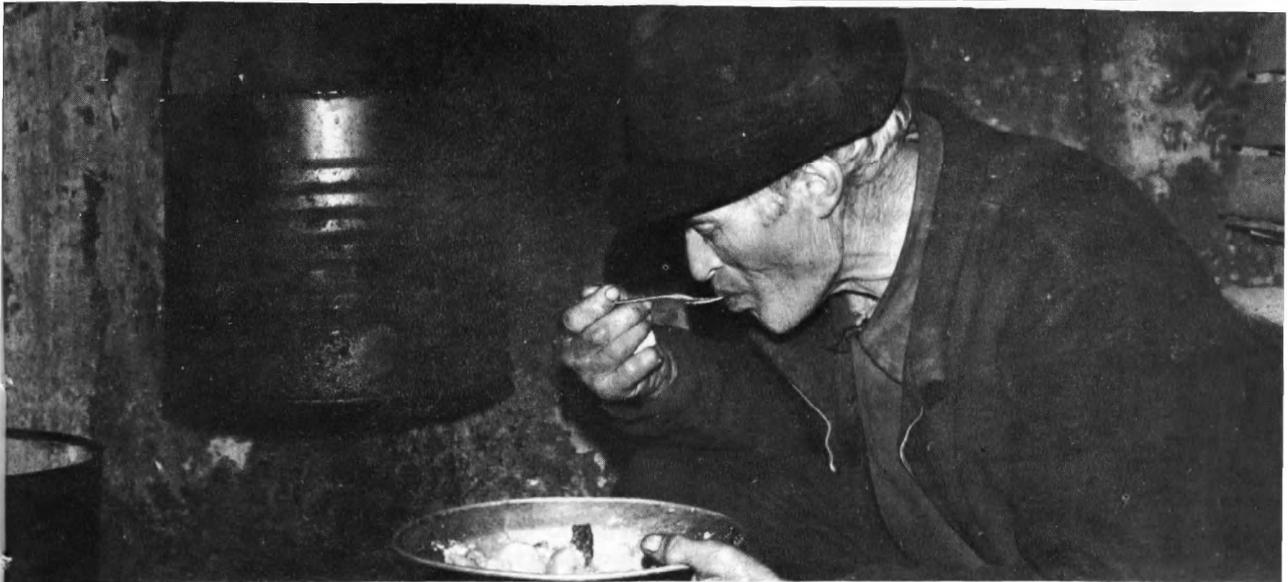
num dos mais penosos serviços, lá corre o rego da água que vai vivificar a horta, o batatal ou o milho.

Quando havia pontaria (ou nora) — engenho que, com uma cadeia de alcatruzes, era tocado pelo cavalo ou por um boi — o trabalho era mais fácil. Mas, os animais também fazem muita despesa. É preciso todos os dias ceifar-lhes comida. Razão porque, hoje, é o império do motor. Por todos os cantos, nos pequenos prédios como nas boas fazendas, o motor de rega es á vulgarizado. Tal facto, constitui, porém, nítida imagem de acerbado individualismo, acarretando colossal investimento e miserável produtividade. Inteligentes, eram os antigos com as suas levadas e rodas de água. Hoje, o sistema de poços é irracional, não resolve o problema da rega e, na maior a dos casos, pode ser substituído por esquemas hidráulicos colectivos. Só o individualismo em que vegeta a nossa pequena e média agricultura é responsável por tão caótico uso do importante factor de produção que é a água de rega.

A VIDA

A vida das comunidades rurais era e ainda é, para muitos, uma vida dura. O trabalho braçal domina. É preciso ir à lenha para o lume. A mulher carrega, à cabeça, molhos de lenha e de mato, como outros carregos. Além da vida da casa e do tratar do vivo, rega e trata da horta, quando não cava a terra. Uma vida rude, do amanhecer até ao serão, quando ainda há pontos para dar, no vestuário.

As crianças também ajudam e, não raro, rapazes com catorze anos já *vão ao dia*, com uma enxada que



tem bem um palmo de ferro. O guardar as cabras, o ceifar comida para os bois ou para os coelhos é com os garotos.

Cada família tinha os *seus bocaditos* que haviam de dar tudo o necessário para o sustento da família, ao longo do ano. Faltava, por vezes, o azeite e o vinho, comprados, como a pouca mercearia, com o dinheiro ganho em alguns dias, *dados* aos proprietários mais abastados. Que empregos não havia, mais que os de pastor ou de criado.

Hoje, é diferente. Os trabalhos públicos, as fábricas e a construção civil já possibilitam alguns empregos aos jovens, sobretudo. Os tempos são outros, a comunicação é maior. A emigração trouxe dinheiro e aventura. Mas, mesmo assim, o auto-abastecimento ainda é prática corrente.

A CASA

A habitação é, ou devia ser, um espaço isolado das condições adversas do meio exterior, oferecendo

um domínio propício ao bem-estar físico e psíquico do homem e do seu agregado familiar.

Porém, a rudeza da vida nestas terras, vida pobre em terras muito frias de Inverno e quentes no Verão, conduziu à «casa onde caibas e terras que não saibas», do adágio.

A natureza dos materiais de construção disponíveis determinou técnicas de construção e de acabamento. Assim, nas regiões de xisto, foi-se para a casa de pedra coberta a placas de xisto, como ainda se encontram raros exemplos na zona de Alvoco, Vasco Esteves. Os romanos, com a introdução da sua esmerada cerâmica, fizeram com que a *tegula* destronasse as coberturas a xisto e a colmo. Mas, o tijolo só nos nossos dias substituiu, em grande parte, a pedra.

Nas povoações, como nas casas construídas nos prédios, procurava-se sempre uma vertente soalheira e uma varanda alpendrada, virada ao nascente. Vulgarmente, a casa é composta de lojas, para os animais, o pipo e a salgadeira, e do andar. A varanda dá para uma sala e as portas de dois ou três quartos interiores, sem luz, dão para a sala. De qualquer canto, partem as escadas para o sobrado,

onde se guardam as batatas e se arrumam coisas. A cozinha tem lagedo de pedra, para acender o lume e pilheira para a cinza. Este lagedo situa-se um degrau abaixo do soa-lho, para possibilitar o assento das pessoas. Por cima da lareira, penduram-se as varas com o enchido, logo sob o caniço, onde se secam as castanhas. Na sala de entrada ficava a cantareira, com os cântaros de barro, da água e, nas prateleiras superiores, os pratos, travessas e jarra de flores. Também na sala, ficavam uma ou duas arcas para as sementes e uma mais pequena para a roupa. Não há casa de banho.

A casa é um reflexo do viver e da maneira de ser dos homens. Mas a vida nas abas da Serra era tão rude que o homem quase só a utilizava para se defender do frio. No Verão, entra-se em casa para dormir, quando não se faz uma choça no *chão*, para se não perder tanto tempo pelos caminhos e para dormir mais à fresca.

Junto à casa ficava a *furda* do porco, mais à mão para o acomodar.

4.2 — Ovelhas na Serra

As faldas da Estrela terão sido habitadas desde o advento da agricultura, há cerca de dez mil anos! Seriam, então, sítios de privilégio para habitar, por aliarem condições de defesa à fertilidade dos terrenos. A Serra era um refúgio natural contra as razias do inimigo e as abas, até cerca dos quinhentos metros de altitude, são constituídas, em parte, por boas terras de aluvião, facilmente regadas por levadas, que aproveitam a abundância de água em cotas mais eleva-

das. Porém, o Inverno é muito duro. Frios e geadas, que se estendem até ao S. Marcos, trazem fome. Mas, há abundância de pastos.

O homem das abas da Serra manifestou, então, extraordinária inteligência na capacidade de integração no meio ambiente. Criou rebanhos de ovelhas. No Inverno, os pastos eram abundantes nas terras baixas e, no Verão, quando os calores do S. João tudo crestam, subiam os gados à Serra, na demanda de pastos verdes. E, aí, as ovelhas continuam a colher o manancial de energia que o Sol cria nas ervas verdes que cobrem planaltos e lombadas da serra, e o transformam e concentram em carne, leite, lã, esterco e peles.

Assim, venceu o serrano a fome de Inverno e tornou segura a propagação da espécie. O leite deu à criança e aos velhos outra esperança de vida e a carne trouxe vigor à raça, suavizando a negra calamidade da fome.

Nos primeiros tempos do Neolítico, o homem vivia em média vinte e cinco anos. Terá sido o maior consumo de carne a aumentar a esperança de vida e mesmo a elevar o desenvolvimento psíquico. Uma boa refeição de carne sacia bem a fome e predispõe para grandes cometimentos. Uma caçada bem sucedida poupava o rebanho e trazia prazer espiritual e motivo de relato enaltecedor da façanha, contado à volta do fogo.



A ovelha proporcionava a lã que a serrana aprendeu a fiar e as peles que logo agasalhavam. O gado dormia em estábulos ou no campo, dentro das cancelas que formavam o bardo, fertilizando as terras.

E, era ainda da pele de uma cabra, cosendo-a pela barriga, deixando ficar o pescoço como gargalo, que se fazia o odre, para transporte de água, de vinho ou de azeite. Os almocreves transportavam, de longas distâncias, dois ou três odres de vinho ou de azeite por besta.

O almocreve é uma figura típica, que quase desapareceu em meados deste século. «Almocreves semos, na estrada andemos e lá nos encontramos». Homem duro, habituado a caminhadas e a maus encontros.

Os rebanhos constituíam o mais poderoso apoio das comunidades que, aqui, entre o vale fértil e o refúgio da serra, elegeram um lugar para viver.

Pelo S. João, várias pastorias das redondezas reúnem-se num só rebanho e sobem p'rá serra, donde só voltam a partir do S. Bartolomeu (24 de Agosto), quando o frio os leva a procurar terras mais abrigadas.

Em tempos idos, vinham grandes rebanhos de terras da Idanha, do vale do Mondego e até de Espanha. A transumância estava arreada nos hábitos dos povos. Acreditava-se que a lã melhorava com a mudança de pastos e a lã era ouro. Havia caminhos próprios para os gados passarem sem causar danos às culturas: as canadas. Era um acontecimento a passagem dos gados nas aldeias. O povo corria para ver o maravilhoso espectáculo e, também, para evitar que ovelha tresmalhada desse prejuízo.

Hoje, há menos ovelhas, mais artificialismo no seu trato e mais mato nas serras. Menos inteligência, também, no aproveitamento dos recursos naturais.

O PASTOR

Na Serra passava o pastor todo o Verão, isolado, comendo pão de centeio que de quinze em quinze dias lhe trazem e bebendo o leite que diariamente ordenha, para a sua ferrada — panela com aro de arame que serve, também, para nela cozer as batatas. A gordura ou conduto trazia-a num corno de boi, tapado a cortiça e atado à cintura.

O pastor da Serra é espadaúdo, ágil e frugal. Seus companheiros são os cães, com quem não teme enfrentar alcateia de lobos. Dois dedos na boca e um assobio agudo ecoa pelas quebradas, juntando o gado, quando o perigo advém. O cajado no ar e o alarido dos cães intimidam a mais ousada e faminta alcateia.

Nada teme, a não ser as tempestades, de que se esconde num abrigo de qualquer fraguado. Onde o dia quedou, aí pernoita, tendo, por vezes, sítios conhecidos onde melhor passa a noite. Só então descansa um pouco, aquecendo-se ao lume, tocando flauta, ceando e recostando-se depois. Confiando aos cães o acordar do seu sono leve, se houver perigo.

O pastor é um homem desempenado que veste pelica (um casaco sem mangas), safões de pele de ovelha e botas brochadas. Não larga o seu cajado, nem a ferrada.

Lembro um pastor, de tal modo integrado na rudeza do ambiente, que até o seu cabelo, que nunca

deve ter conhecido pente, parecia encarapinhada lã.

«O pastor é supersticioso. Qualquer sinal do céu ou qualquer reparo do seu semelhante que o possa desgostar, torna-o desconfiado e taciturno. Por outro lado, é religioso e dedicado ao culto solene da Virgem que lhe cura a mulher, os filhos e o gado, lhe dá a chuva que interrompe a estiagem, o calor e a invernia, lhe guarda as ovelhas do lobo e a alma de Satanás. A Virgem mandará à Serra na hora da sua morte, dois anjos faiscantes de luz, para transportarem a sua alma à presença de Deus.»¹⁹

Os pastores têm muitas histórias para contar. Falam de cães atravessados de lobos e de lutas havidas com alcateias esfaimadas. Fred Wachsmann¹⁹ conta «uma história de uma cabra, namorada de um lobo. Tal influência exercia a fêmea na fera, que o noivo, desempenhando o papel de um cão, chegou a proteger as outras rezes da mesma tribo, enquanto que aos chibatos de outras famílias se atirava com furor que fazia honra à sua espécie. O dono da cúpida cabra conquistadora foi intimado a matar o lobo, mas recusou-se. Dias depois, a sua cabra foi encontrada envenenada e o apaixonado infeliz sumiu-se para sempre nas fragas da Serra.»

O CÃO

O cão que acompanha o pastor, que com ele come e convive, tem a sua notabilidade. Cortaram-lhe a ponta das orelhas e o rabo para que fique mais bravo ou, talvez, para que não seja nenhum lobo a cortar-lhas.

À volta do pescoço, traz coleira



com pontegudos bicos de ferro, arma de defesa que ao lobo não deve agradar. É valente, destemido e inteligente no modo como chama à ordem ou busca uma ovelha tresmalhada. É meigo para o dono e desconfiado quando no povoado. De dia, faz companhia ao dono, guarda o gado. À noite, fica nervoso, todo senhor da responsabilidade que lhe é confiada, farejando no negrume da noite a menor suspeita. Estas qualidades apuraram, nesta montanha, uma raça — o Cão da Serra.

ALGUNS ADÁGIOS

A ovelha era parte da vida das comunidades da serra. Não admira, pois, que esteja presente nos seus adágios, na sua filosofia de vida.

Se queres ter ovelhas, anda
[atrás delas.
Tola é a ovelha que se confessa
[ao lobo.
Ovelha que berra, bocado que
[perde.

Cada ovelha busca a sua parelha.
Ovelha que é de lobo, nem
[S. António lha tira.
Pouco gado, pouco assobio.

«LUAS DE QUEIJO»

... O mais, por toda a parte
Se ouve a melodia do pastor
entoando canções bíblicas, be-
[bendo
a travia e o leite dos seus gados
aos quais os cardos ressequidos
[roubam
nuvens de lã por esses descam-
[pados.
Ele aprendeu a arte do ancinho
e fez luas de queijos na francela
que secam sobre o colmo enlua-
[rado
na térrea casa aonde dorme e
[vela

J. Frade Correia, «Beira»

Outro valor que vem da ovelha é o queijo. Os pastores da Serra sabem fazê-lo. Criaram um tipo de queijo, o melhor do país: o queijo da Serra. Bom, também, o queijo fresco, o queijo queimado e o queijo cabreiro, que por aqui fazem.

Nos tempos idos, quando se praticava em grande escala a transumância, a *cobrição* das ovelhas era orientada de modo a que as crias viessem nos tempos dos pastos abundantes. Em princípios de Novembro dividia-se a pastoria em duas. Apartava-se o gado vazio e o que *maneou* das que dão leite — o alvão. E, em Março, junta-se ao primeiro a borregada, que é tempo de *queijeira*.

Hoje, com menores rebanhos, maior beneficiação de pastos e maiores exigências de mercado, a *cobrição* faz-se de modo a ter leite e queijos durante quase todo o ano. Continua, no entanto, o gado temporão a parir a partir de Setembro e o serôdio ou redolho até Julho.

A queijeira é uma actividade muito importante e trabalhosa, a cargo do pastor — o roupeiro — que hoje não quer prolongá-la por muitos meses.

A um berro do pastor as ovelhas formam pela manhã e à tarde, para serem ordenhadas. Após a ordenha, o leite é coalhado. O coalho é o pedaço de estômago de um cabrito, que contém enzimas que coalham o leite. Usa-se, também, para o mesmo fim, o cardo — flor azulada de uma planta de cabeça espinhosa. Pisa-se a flor, numa tijela de barro com um pouco de água, depois coa-se e fica o melhor coalho. Com ele deve ser feito o verdadeiro queijo da Serra. Mistura-se, então, o coalho com o leite, ainda morno, e agita-se com a fataca, durante uns minutos. Poucas horas depois, está talhado o leite. Intervém o roupeiro e duas peças: o cincho ou ancinho e a france'a. O cincho é uma forma cilíndrica, de madeira ou de lata, com pequenos orifícios, para moldar o queijo. A francela é uma pequenina mesa de tampo grosso e inclinado, bordos a toda a volta, excepto na goiteira, por onde escorre o soro.

Numa monografia da citânia de Briteiros vem uma fotografia de um objecto em pedra, rotulado como instrumento para espremer sumos de frutos, que tem todo o aspecto de uma francela.

Continuando: sobre a francela colocam-se os cinchos, que as mãos do roupeiro enchem de coalhada. Se pretende queijo fresco, aperta menos a coalhada. Se é para queijo de ovelha é bem calcada. O próprio cincho dá aperto, por um pequeno arame, o cambaricho, que determina o perímetro. O soro que escorre, quando fervido, dá ainda requeijão. Moldados os queijos, são

salgados logo, os feitos à cabreira e ficam a escorrer um ou dois dias. São, então, mudados para as prateleiras da queijeira e lavados e alisados de três em três dias. O queijo feito à cabreira, aos sete dias é vendido.

O queijo da Serra é muito trabalhoso. Só ao terceiro dia é salgado e, durante longas semanas é lavado de três em três dias. Quando já consistente, cortam-se-lhe os rebordos, para lhe dar forma mais arredondada. Logo que o estado de fermentação atingiu ponto conveniente, isto é, quando já está suficientemente amanteigado, pode parar-se a fermentação, untando-o com azeite. É assim, com técnica milenar e com o bom leite da Estrela que se faz o magnífico queijo da Serra. Amanteigado ou queijo velho, de crosta e interior endurecido.

É uma pena que não se tente normalizar a sua tecnologia. Que hoje só é praticada com rigor, para gastos caseiros.

Fiando lâ ou linho



4.3 — A arte de fazer panos

Ainda no Paleolítico, o homem torceu fibras e fez cordas para o arco, para fixar a ponta da flecha e para coser as peles.

Puxando as fibras da lâ ou do linho, estas ficam paralelas umas às outras. Torcendo-as, obtém-se um fio resistente. Para fiar, inventou a mulher a roca, enrolando a lâ no topo abaulado de uma cana, com três palmos de comprimento. Entalou-a no cós da saia, debaixo do braço esquerdo e, com o indicador e o polegar da mão esquerda, puxa as fibras, molha-as com os lábios e torce-as com o fuso, que roda suspenso, entre os dedos ágeis da mão direita. Para um pouquinho e enrola o fio formado no próprio fuso.



«Quem me dera ser o linho
Que vós na roca fiais
Que vos dava tantos beijinhos
Como ao linho vós dais.»

Um fuso cheio faz a maçaroca, que, depois, tem de passar à doba-deira, para fazer a meada.

Os primeiros fios que o homem fez devem ter sido grossos, permitindo tecer com os dedos, tal como há muito, entrelaçava ramos e vimes, para formar a cabana, o cesto ou a rede de pesca. A repetição e a observação deram a ideia e a destreza, para melhor fazer.

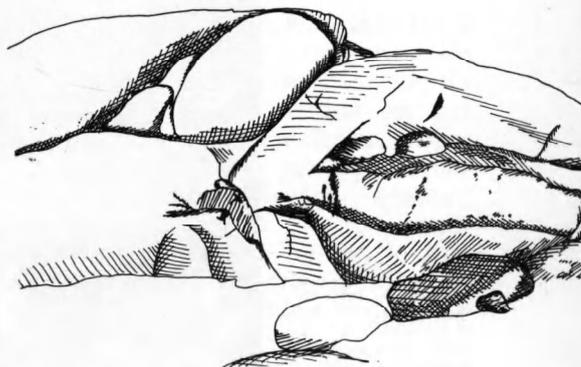
Entre dois paus, fixados horizontalmente no solo, corria-se de um lado ao outro o fio, esticando-se ao máximo. Ficava, assim, feita a teia. Passava-se depois, à mão, entre os fios da teia, os da trama e apertava-se. Assim, aperfeiçoando o método, nasce o tear.

Noutro processo, os fios da teia ficam na vertical, suspensos de uma barra horizontal, esticados por pesos. Grande número destes pesos, de tijolo, têm sido encontrados em toda a Europa, datando da Idade do Bronze.

Foi depois de tecer com os dedos que o homem criou o tear de pau, elevando na teia um fio em cada dois, para passar o fio da trama. E inventou um pente para serrar a trama. Durante milénios, assim se teceu. A lã foi seleccionada e introduzidas novas raças de ovelhas que se cruzaram de modo a melhorar as lãs. O carneiro merino terá tido a sua origem em cruzamentos de raças introduzidas na Península pelos cartagineses, com carneiros africanos. «Em Espanha, a Bética romana era célebre na antiguidade pelas suas riquíssimas lãs, cujas ovelhas haviam sido importadas de Tarento.



Dobando (passando do fuso para meada)



Pedras antropomórficas

O padre Columela, que tinha grandes possessões nesta região, cruzou ovelhas de Tarento com carneiros de África, obtendo uma lã doce, esponjosa, e de formosa cor.»⁶.

A importância económica atingida pela lã foi tal, que a Espanha punia com a pena de morte a exportação de merinos.

Terão sido os mouros, que introduziram na Península Ibérica grande número de artes e de ofícios, que desenvolveram a tecelagem, no séc. VIII. No séc. XIII, em Sevilha, existiam já dezasseis mil teares. Com a expulsão dos judeus e mouros, a indústria caiu. Filipe III expulsou, só de Valência, cento e quarenta mil artesãos.

Temos pouca informação sobre o fabrico de panos no nosso país. «Foi pelos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V que se começaram a fabricar em algumas povoações de Portugal, os panos de lã meirinha, como se vê no cap. XXXVI dos artigos das Cizas, ordenadas pelo último dos soberanos referidos, sendo o que mais se fabricava até esse tempo apenas uns estofos grosseiros, como o bu-

rel que ainda neste século se fazia em grandes quantidades em diversos lugares e principalmente na parte da Beira, que se estende pelas duas margens do Zêzere, como o afirma José Acúrcio das Neves nas suas Variedades:»¹²

«Na Covilhã, pela abundância de águas e bondade das mesmas, e a antiga curiosidade dos primeiros habitantes, deram princípio ao negócio e tráfico de panos e baetas, de que resultou constituir-se a fábrica tão bem reputada, que no ano de 1573 o senhor Rei D. Sebastião mandou fazer na mesma os primeiros padrões, que foram vistos na Cidade de Portalegre, e na Vila de Estremoz, e também se repartiram outros pelas fábricas que havia por outras partes do reino;»⁵.

Mais tarde, D. Luís de Meneses, 3.º Conde de Ericeira, defensor do mercantilismo e inspirado na política que Colbert desenvolvia em França, quis pôr cobro à vultuosa importação de artigos de luxo e outros essenciais, transformando métodos artesanais de fabrico em sistemas manufactureiros. Proibiu o uso de panos que não fossem de

*A Covilhã,
onde a arte do
fabrico de panos
tem raízes de séculos*



fabrico nacional e fundou as fábricas de Panos da Covilhã, do Fundão e de Portalegre. Em 1677, mandou vir, de Inglaterra para a Covilhã, cinco estampadores, quatro tecelões, duas mulheres que fiavam e oficiais de tinturaria. Nasceu, assim, a primeira escola-fábrica do país.

Um século depois, «junto do edifício em que estão acomodadas as oficinas de tinturaria e casa da Prensa, a Poente da actual capela de S. Martinho, é decidido construir a nova fábrica.» O Marquês de Pombal dota a Covilhã de um moderno edifício para a Fábrica-Escola. Ficou instalada em frente do Chafariz das Lágrimas, ainda hoje existente num muro que fazia parte das muralhas da Vila, e construída com parte da pedra das mesmas muralhas.

No presente, o Instituto Politécnico da Covilhã reconstrói o primitivo edifício da Fábrica e outros contíguos, para as suas instalações. Nestas obras foram achados restos de uma antiga oficina de tinturaria, com poços em pedra para as tinas, e fornalhas. Vai ser preservado este tinte do final do séc. XVIII, pensando-se criar no local um museu têxtil.

A fábrica de panos da Covilhã trouxe grande incremento à indústria. «... a população cresceu de maneira que, sendo o seu número no ano de 1767 de 3965 fogos, no ano de 1771, pela resenha que se fez, acharam-se 4768.»¹⁹

Foi por esta altura, dealbar do séc. XIX, que, na cintura da Serra, algumas oficinas passam a fábricas. Os Inquéritos Industriais Pombalinos, referem as «Vilas da Província da Beyra em que se conservam fábricas de pannos e baetas: Covilhã, Manteigas, Bellomonte,

Aldeia da Ribeira, Urjais, Aldeia de Mato. Alcains no termo de C. Branco. Os Montes, S. Vicente de Beira, a V.^a de Abassão, Sabugal e seu termo Alvaro, Alvares. As vilas acima estão no norte da Serra da Estrela e na parte Sul da dita Serra são as seguintes que também fabricam panos. Alvoco, Loriga, Valesim, S. Romão e seu termo de Linhares Fornos de Algodres.»

«... a causa da decadência das ditas fábricas, procede da preferência que na corte e nos Brasis se tem dado a os panos e outros tecidos de lã das fábricas estrangeiras, cuja preferência tem merecido pela melhor vista que fazem por serem mais bem fabricados e pela perfeição e variedade das suas cores.»⁵

Além das fábricas acima referidas, havia teares espalhados pelas aldeias. Teixoso, por exemplo, contava nessa altura com quarenta e seis. E, ainda, dos nossos dias a existência de alguns desses arte-sãos espalhados pelas aldeias da Beira.

As rodas-de-água davam a energia necessária às diversas oficinas, sendo múltiplo o aproveitamento das ribeiras, pela encosta escarpada da Serra.

Só em 1733, John Kay inventa a lançadeira rápida que não era mais guiada à mão, através dos fios da teia, mas que era atirada em vai e vem, tecendo com o dobro da rapidez. Os tecelões temendo o desemprego pretenderam atentar contra a sua vida. A tecelagem era já rápida, não havia fio que chegasse, apesar das legiões de crianças e de mulheres empregues no fabrico de fio.

O carpinteiro-tecelão Hargreaves constrói em 1767 uma máquina de

fiar rápida, ainda manobrada à mão. A máquina foi destruída pela fúria dos artesãos. Em 1786, Edmund Curtwright constrói o primeiro tear automático.

Fradesso da Silveira, em 1863, escreveu um bom relatório sobre as «Fábricas da Covilhã»⁷. Havia, então, uma única fábrica a vapor, a do Conde da Coriscada. Durante muito tempo os teares foram manuais. «Ainda nos fins do último século havia aqui (Covilhã) 88 rodas hidráulicas, sendo apenas treze as máquinas a vapor, enquanto teares manuais eram 802.»¹⁶

A partir de 1891, com a inauguração do caminho-de-ferro da Beira Baixa, o carvão passou a alimentar as centrais das fábricas, destruindo a lenha. A Covilhã habituou-se então ao chiar dos rodados de pau dos carros de bois, transportando o carvão da estação de caminho-de-ferro para as fábricas da encosta.

No final da Primeira Grande Guerra, as dificuldades da indústria inglesa beneficiam o desenvolvimento dos nossos lanifícios. Renovam-se as máquinas e a electricidade iniciou o seu reinado.

De notar que sempre a Covilhã, e com ela as melhores fábricas da região, se mostrou permeável às inovações tecnológicas desta indústria.

A Segunda Guerra Mundial trouxe nova época de expansão dos lanifícios. Até que, a partir de meados da década de sessenta, a crise se acentua, sobretudo naquelas fábricas que não racionalizaram os processos de fabrico. Crise ora agravada com a melhoria salarial, dificuldades de gestão, o absentismo e outras perturbações laborais que após o 25 de Abril de 1974 se fizeram sentir.

Registemos, também, o facto do cultivo do linho ter tido lugar na agricultura dos povos da Beira até ao começo do século. Os lençóis, as toalhas, as sacas e os alforjes dos nossos pais eram de linho e de estopa.

4.4 — Os primeiros caminhos da Serra e os povos que os abriram

Sempre as estradas constituíram factores de desenvolvimento regional. Era junto delas que se estabeleciam os povoados, as catraias para o caminhante pernoitar ou mudar de cavalos, as estâncias para dias de repouso nas grandes jornadas, os mercados, as feiras e as romarias. Por elas seguiam os conquistadores, com as suas legiões, compostas de milhares de soldados e operários.

Antes da ocupação romana, era conhecida uma via ligando os portos do Mediterrâneo, do Sul da Península, às terras das nossas Beiras. Entretanto, outras teriam existido, de que não terá ficado registo histórico.

Aproveitando os caminhos naturais, «caminhos de sempre», galgando secas lombadas ou seguindo ao longo das margens dos rios, traçaram os romanos as suas famosas vias. Fizeram pontes nos sítios onde as margens ofereciam as melhores condições; empedraram os troços pantanosos a que não podiam fugir; colocaram marcos miliares, para assinalar distâncias. Transpuseram montanhas pelas *portelas* e os rios por passadeiras empedradas no leito ou por barcaças, nos *portos*.

O estudo destas vias, de que nos dá notícia Mário Saa¹⁴, baseado no

célebre Itinerário Romano de António Pio, faculta elementos muito valiosos para o conhecimento da nossa região.

É sabido que a Lusitânia ultrapassa as actuais fronteiras de Portugal, compreendendo lugares que são hoje território espanhol. A sua capital foi Emérita, a actual Mérida.

Acima do Tejo, o povo Lusitano tinha como Metrópole Igaeditania — Idanha-a-Velha de nossos dias. Era pela Igaeditania que passavam as vias que uniam a capital às cidades do Norte do país: Braga, Conimbriga, Viseu, Lamego, Ocelum. Daí, os povos desta zona de entre Tejo e Douro se terem unido para construir a ponte de Alcântara, no séc. I da nossa era. A inscrição que nesta ponte sobre o Tejo deixaram os dez povos que a fizeram, constitui precioso elemento histórico.

Os documentos sobre a ocupação romana, da Lusitânia são poucos e, por vezes, viciados.

O povo Igaeditaniense distribuía-se a norte do Tejo até cerca da linha Salvador - Peroviseu. Leite de Vasconcelos refere que «uma inscrição romana encontrada na aldeia de S. Salvador, entre Monsanto e Valverde, menciona o *terminus augustalis* ou demarcação de fronteiras, feita pelo imperador Augusto, entre os Igeditanos e os Lancienses oppidanos».

Recentemente, em 1971, José Alves Monteiro¹⁰ descobre outro termino augustal na Peroviseu, delimitando os mesmos povos. «Perdido para a investigação directa o marco de S. Salvador, um facto de invulgar importância se produziu entretanto, com o achamento, que em Agosto de 1971 nos foi dado surpreender em território da Lusitânia

Romana — moderno concelho do Fundão, lugar de Peroviseu — de um marco imperial de fronteiras «inter lancienses e egaeditanos». Tão insigne monumento, dos alvares do séc. I da nossa era, e já agora recolhido no museu do Fundão, é o primeiro da sua espécie a figurar nos museus portugueses.»

Na Cova da Beira habitava o segundo povo referido na lápide da ponte de Alcântara — os Lancienses Oppidanos, com capital em Lancia Oppidana, hoje a humilde Valhelhas! Para os lados da Guarda, segundo Mário Saa, a leste do rio Cola (Côa) ficavam os Colardos; contornando a serra, junto de Aguiar da Beira os Arabicenses, vizinhos dos Talures, em Viseu; e, com capital em Ocelum (hoje Bobadela, perto de Oliveira do Hospital) os Ocelenses ou Lancienses Transcudani. Os restantes povos referidos na inscrição ficavam mais ao Norte.

Mário Saa, na obra citada (pg. 295, tomo III) tem a seguinte nota: «A região transcudana parece corresponder às encostas da Serra da Estrela, para a banda do poente. A designação deriva da posição geográfica em relação a Mérida. Não sabemos o nome que possuía a Serra, mas em *trans Cuda* podemos encontrar algum indício — seria acaso CUDA o nome da mais elevada serra de Portugal? — ou *Artrabrum*, como parece concluir-se de Pomponio Mela? No português antigo, como ainda presentemente, dá-se o nome de codam, ou codo, à crosta térrea endurecida por impregnação de neves. A Serra da Estrela mostra-se, aos olhos de todos, como serra das neves por excelência. A designação de Hermínio, que alguns auto-

res lhe propõem, é sem fundamento. O Monte Hermínio acha-se a oeste de Viseu, a dominar o oceano e as terras dos *meidobricenses, qui plumbarii*, como o atestam os clássicos.»

Mas, ... segundo Hubner, na resenha coreográfica das Notícias Archeológicas de Portugal (Lisboa 1871), referido por Vergílio Correia: «Entre os povos que concorreram para a construção da ponte de Alcântara vêm mencionados os Lancienses oppidani e os Lancienses transcudani (dalem rio Cuda, que hoje se chama Coa)... E, ainda, segundo Vergílio Correia² o professor Emílio Hubner demonstrou em 1877 que Norba Caesaria corresponde a Cáceres, como provam as inscrições romanas ali encontradas. E Mário de Sáa toma Idanha-a-Velha pela Colónia Norba Caesaris, uma das cinco colónias da Lusitânia.

Como vemos, nestes assuntos há muitas dúvidas, poucas certezas e, por vezes, deduções pouco fundamentadas.

Voltemos às vias imperiais. Elas utilizaram traçados remotos, calcados durante séculos, escolhidos por melhor andamosos e convenientes, para ir de um sítio a outro, melhorando-os. Da análise destas vias, vamos colher dados importantes. Idanha-a-Velha foi na ocupação romana, e já o era antes, uma cidade próspera. Com a construção da ponte de Alcântara, cresceu o seu prestígio e movimento. Desta cidade vinha uma grande via imperial a Penamacor, Belmonte e Valhelhas. Das Portas de Ródão a Alpedrinha, Alcongosta, Alcaria, Covilhã, Sarzedo, Valhelhas, uma outra. Valhelhas — Lancia Oppidana? — a vinte e cinco quilómetros da Covilhã, era ponto de par-

tida para todo o Norte — a milha zero para as vias de Oriente, ponto de cruzamento de longas vias legionárias. Foi estância militar importante, ponto de passagem obrigatório para Guarda, Braga, Viseu, Lamego, Ocelum e Trancoso.

Em Valhelhas convergiam cinco grandes vias: uma, fazendo a ligação a Guimarães, pela Guarda, Celorico da Beira, Aguiar da Beira e Régua; outra por Famalicão (Milha IV), Videmonte, Linhares, Enfias (Fornos de Algodres), Lamego; a terceira via galgava a Serra por Folgoso e Melo (passava antes o Mondego, relativamente perto da Sra. de Assedasse) atravessando, novamente, o rio na ponte Velha da Cabra, indo a Abruñosa-a-Velha, Santiago, Cassurães, Mangualde e Viseu, (a tradição denominando esta via de estrada dos almocreves); a quarta via ia a Manteigas, ao longo do curso do Zêzere, e daí a Paços da Serra, Pinhanços, Guirabolhos, Viseu; a quinta via passava, também, por Manteigas, flectindo aí para Sabugueiro, Seia e Bobadela — capital *Ocelum*, de um povo notável.

Ainda uma estrada secundária passava pelo Orvalho seguindo, depois, com um braço para Oleiros-Sertã e outro para Proença-a-Nova.

Este leque de cinco grandes vias partindo de Valhelhas ter-lhe-ia dado notável importância. Não devemos esquecer que vastas regiões eram, então, semi-desérticas, o que mais valorizava determinados sítios, encruzilhadas de penetração em terras de outros povos.

A Cova da Beira, pela fertilidade dos seus solos e fartura de águas e, como vimos, por ser importante ponto de passagem, terá conhecido forte densidade de população nos

primeiros séculos da nossa era. Atestá-lo-ão os numerosos achados arqueológicos, as quintas que desde então foram definidas, os castelos, castros e atalaias que ainda temos.

Se considerarmos a importância de Valhelhas como nó viário, a interpretação das ruínas de Centum Cellas, que só dista desta apenas dez quilómetros, tornar-se-á mais fácil. Torre quadrangular de boas dimensões, três andares, magníficas fachadas de muitas janelas e portados, que davam certamente para varandas, é, ao mesmo tempo, uma relíquia e um enigma.

Sabemos ter já havido a ideia de restaurar o imóvel para instalação de um museu arqueológico regional.

Um dos estudiosos de Centum Cellas, o arquitecto covilhanense Calais, descobriu curiosas relações na geometria a que obedecem as distâncias e medidas dos portados e das janelas. Os traçados geométricos, baseados, na quase totalidade, no pentágono regular, serão de influência egípcia. Tratar-se-á mesmo de um templo e a sua construção não parece ser anterior ao séc. V a. C., nem posterior ao primeiro da nossa era, segundo o técnico referido.

4.5 — Tesouros escondidos, lendas e contos

Em todas as aldeias à volta da Serra, nas longas e frias noites de Inverno, enquanto o caldo fervia ou as castanhas assavam, a chama do lume dando aos olhos motivos de encanto e confortando os corpos, costumavam as pessoas mais velhas desfiar na sua lembrança lendas, contos e histórias, simples como as suas almas. São textos

Centum Cellas, relíquia abandonada



inesquecíveis para quem os ouviu, documentos da tradição cultural que a oralidade transmite.

Ao longo dos tempos, têm sido achados alguns tesouros, em terras das faldas da Serra: potes com moedas ou adornos de ouro. Casos há em que foram amassados esses adornos e jóias para venderem o ouro a peso, com temor que o achado fosse apreendido.

A imaginação popular sonha algumas vezes com haveres escondidos. E, diz-se, que, quando se sonha com um haver três vezes a fio, é certo que está no sítio com que se sonhou. Por vezes, os tesouros estão guardados por mouras encantadas ou por serpentes.

Há locais assinalados para cada



povoado: a buraca da moura, a nave do haver, a lapa dos dinheiros... E, há lages onde, à meia-noite do Dia de Natal, se ouve tocar os sinos e até cânticos, como, por exemplo, na lageira da moura.

Como já referimos, a Lagoa Escura, segundo a lenda, oculta um tesouro nas profundidades nunca vistas do seu fundo, talvez, deixado pelos mouros, quando fugiram. Noutras lagoas, diz-se, são ouvidos rugidos como o trovão. Também, a Lagoa Escura seria braço de mar ou olho marinho, onde já apareceram a boiar restos de navios; tendo havido quem ouvisse os gritos dos naufragos...

Outra lenda refere que Fátima, linda moura, filha do Emir de Manteigas, fugia com seu pai quando os mouros partiram e, após longa caminhada, aguardavam a manhã. De repente, na noite escura e cheia de neve, vêem dissipar-se as trevas e surgir um caminho luminoso à sua frente. Conduzia a um palácio encantado, guardado por um *gato torão*, no cruto de Alfatema, na cumiada da Serra. Aí ficou a viver a moura encantada. Tempos volvidos, uma pobre mulher, que perto passava, apanhou num fragedo uma mão-cheia de figos que colocou na abada. Era a manhã de S. João. Quando a mulher chegou a casa verificou que, em lugar dos figos, estavam pedras preciosas e cordões de ouro. Voltou a buscar mais. Mas, no local, só ouviu uma voz:

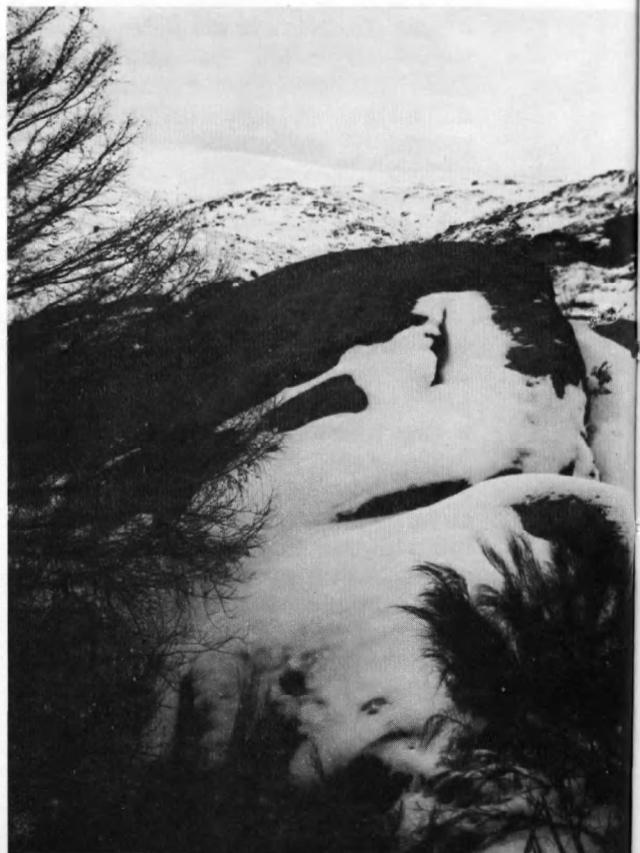
Tudo era teu quanto viste
Agora tornaste em vão,
Não passes mais nestes sítios,
Na manhã de S. João.
Não te perdeu a pobreza,
Pode perder-te a ambição.

Cenários de mistério e lendas

À fuga do Emir associou o povo a salvação da sua linda filha, transmitindo a lenda, de geração em geração.

Uma outra lenda refere que a imagem do Senhor do Esquife que ainda se venera numa igreja de Manteigas, foi esculpida por um velho da povoação. Este, embevecido pelo seu trabalho, remirava a imagem quando o Senhor, levantando um pouco a cabeça e fixando-o, lhe diz: Onde me miraste que tão bem me retrataste? O velho, não pôde mais. Chamou gente, que lhe invade a casa e vê o artista sorrindo, sorrindo e morrendo, agarrado ao Senhor. Ainda hoje, para obter graças do Santo, as pessoas olham e repetem: Onde me miraste que tão bem me retrataste?

Fala-se, também, de Madalena, a mais linda serrana nascida no alto da Serra, no Espinhaço do Cão.

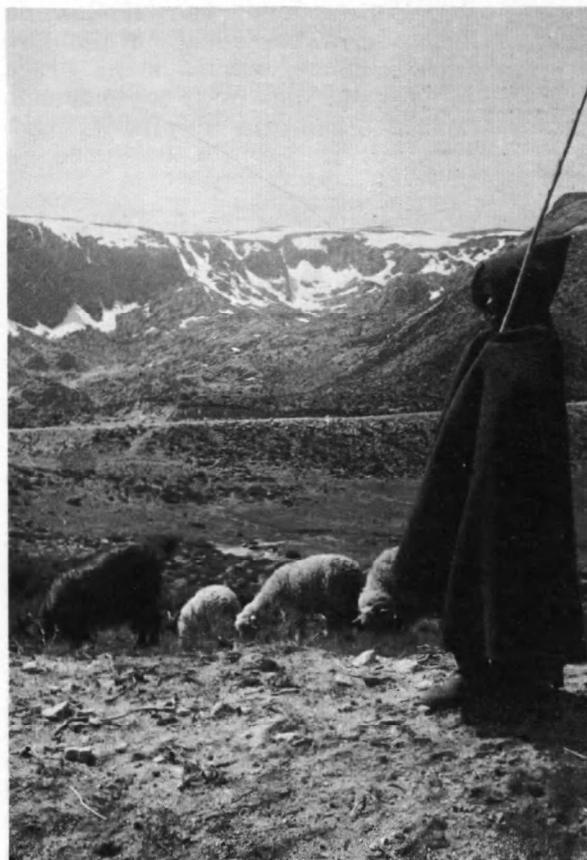


«Nasceu na Serra da Estrela
Que confina com as Estrelas,
Tomou a aspereza daquelas,
E a formosura delas.»

A crença destes povos da Serra está bem expressa nesta referência incluída numa monografia de Mantegás, datada de 1758: «a causa de se fazer esta Capela da Senhora dos Verdes foi, que vendo-se os moradores desta Vila aflitos com grande praga de bichos, a que vulgarmente chamam lagarta, e subia esta pelos castanheiros, e mais árvores e comia e destruía todas as novidades, sendo as castanhas o fruto que esta recolhe mais em abundância, e por causa deste destroço recebia o povo muita perda; pegaram-se e ofereceram-se à Senhora dos Verdes, e foi a Senhora servida de levantar semelhante castigo, e então, em acção de graças, concorreram todos, em que se lhe fizesse uma capela, e que se mandasse vir uma imagem da Senhora, o que se acha completo.»

Aires da Silva¹⁶ diz-nos «outra lenda duma célebre capa do rei, recamada de diamantes, que custou o valor de sete cidades que foram vendidas. Quem quisesse entrar no palácio, onde ela se guardava, tinha de fazer com que uma cabra preta atravessasse a Lagoa Escura e depois fazer uma figa, quando o sol atingisse o zénite. Um aventureiro conseguiu entrar no palácio, por virtude de treze palavras da oração do anjo Custódio... Mas nunca mais voltou.»

Na Cova da Moura, acima da ribeira da Caniça, existe uma grande caverna, com riachos, lagos e corredores fundos no seu interior. Lá, segundo a lenda, está guardado um tesouro vigiado por uma moura encantada.



4.6 — Usos, costumes e jogos

Além dos costumes já referidos, por os julgarmos mais característicos ou porque tenham chegado aos nossos dias, outros há, alguns deles fazendo já parte da memória dos mais velhos: o encomendar as almas na Quaresma, por volta da meia-noite; regrar os passos; abstinência de carne, desde quarta-feira de cinzas até à Páscoa; Domingo de Ramos, com os rapazes caprichando levar à missa ramos de oliveira, ornados com alecrim, goivos e outras flores; a fogueira do rosmaninho pelo S. João e pelo S. Pedro.

Pelo S. João, nas aldeias da beira-serra, reveste-se um pinheiro de rosmanos, empina-se na praça e deita-se-lhe o fogo, havendo dança e cantoria à volta do *mas-tro*.

Ó S. João, S. João, S. João
Ó ditoso maganão
Dá-me os teus braços, isso sim,
[isso sim.
Dá-me um beijinho, isso não, isso
[não, isso não.

Os magustos, a partir de Novembro, quando cai a castanha, são motivo de reunião de gente nova e de namorados. Apanha-se a carusma e, numa camada estendida no chão, espalham-se as castanhas. Cobrem-se com outra camada de «caruma» e deita-se-lhe o fogo. Passado algum tempo, é preciso mexer, para se não queimarem. Descascam-se e comem-se, depois, com geropiga. Convive-se e enfarruscam-se as caras.

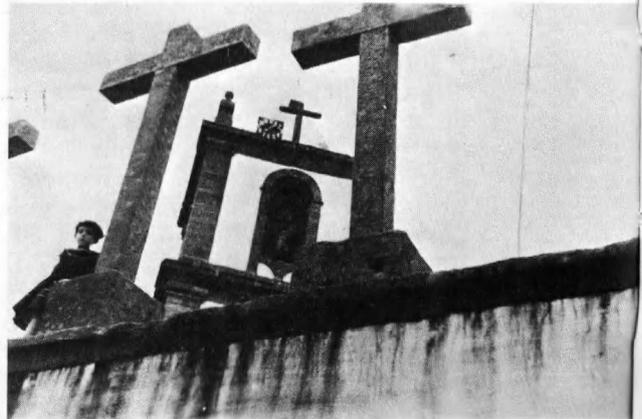
Dos jogos que me lembram, a malha era para os homens; o fito consistia em atirar um *pataco* para junto de um pino; a bilharda e as andas; o pião e as escondidas; o jogo do lenço e o do anel; a cabra-cega e a macaca; o salgarrão e o saltar do eixo, ribaldeixo.

Também, as festas, procissões e romarias eram válvula de escape para desejos e tensões acumuladas ao longo de tantos trabalhos.

O Santo Antão de Valhelhas
Tem um livrinho na mão
Viva o nosso, viva o nosso,
Morra o de Famalicão.

Santo Antão de Vale Formoso
Para beber caiu no chão
Viva o nosso, viva o nosso
Viva o nosso Santo Antão.

Nossa Senhora da Póvoa
Bem me podeis perdoar,
Vim à vossa romaria
Só p'ra cantar e bailar.



4.7— Terras das abas da Serra

Entre os quinhentos e setecentos metros de altitude, existem algumas dezenas de povoações que dão alma e vida à Serra e dela tudo recebem: água, pão, agasalho, vento, frio e lenha.

Com forte personalidade, caldeadas por cruzamentos de muitas raças e pelo meio-ambiente, ao mesmo tempo agreste e belo e criador, são habitadas por gente simples mas determinada, operosa e rude.

«A Serra da Estrela, parecendo tão áspera pela sua eminência, tem no alto dela, em distância da dita Vila de Covilhã, quasi duas léguas, campinas muito dilatadas e tão assente o terreno, que nele, no tempo do Verão, se podem acampar mais de oito mil homens; produz ervas de muito préstimo em tanta abundância, que os gados que nela pastam todos os anos são mais de quarenta mil cabeças, desde a direitura de Unhais até à Vila de Gouveia.»¹

Estas comunidades da Serra tiveram e têm desenvolvimento paralelo. Nas encostas da Serra, encontraram terrenos jovens, de formação recente ou aluviões — terras aptas a boas produções, desde que lhes não falte a água e tratos culturais. Dão-se bem a oliveira, a vinha, o castanheiro e algumas fruteiras. Nas duas encostas, os ribeiros podiam tocar rodas-de-água, produzindo energia, utilizada nos moinhos, lagares e oficinas de fabrico de panos. Como atrás referimos, fiar a lã, churra ou merina, e tecer eram técnicas conhecidas desde remotas eras. O desenvolvimento da tecnologia do fabrico de panos terá sido quase simultâneo numa aba, como na outra. As guerras, razias e outras vicissitudes da História e o isolamento em relação aos centros de decisão e de poder, a todos irmanou e irmana. De igual modo, as crises da indústria têxtil e os anos de fome a todos atingia. São ainda hoje as fábricas de lanifícios que dão vida às comunidades da cintura da Serra.

Não admira, pois, que todas as populações à volta da Serra, ontem como hoje, tenham os mesmos problemas, anseios e amarguras não muito diferentes.

No passado ainda havia disputas por causa do senhorio nos baldios da Serra. Hoje, estão as comunidades de costas quase voltadas para a montanha, onde poucos rebanhos já pastam, e pouco centeio se semeia.

No entanto, é tempo dos concelhos da Serra se unirem, para analisar a realidade dos dias de hoje e alicerçar o futuro. Estruturar a indústria de lanifícios em bases sólidas, dando trabalho à vocação profissional, desenvolvida ao longo de tantos séculos. Criar novos moldes para a exploração da ovelha, ontem como hoje valorizado factor de riqueza. E, sobretudo, fazer uso do poder local e da associação de interesses para fazer valer os seus direitos e levar a sua voz aos centros de decisão.

O aproveitamento da Serra, para usufruto de todas as populações, residentes ou visitantes, que aí podem elevar a à Deusa Natureza as mais sentidas orações e revigorar a saúde e o gosto pela vida, criaria ocupações, consumindo serviços e produtos regionais.

Por todas as vilas e aldeias antigas da Serra, há edifícios que, não sendo monumentos, mostram no granito velho da sua traça um passado que nos deve merecer res-

Ocorreu forte nevão durante a noite



peito e que devemos legar aos vindouros em boas condições de conservação. Chamar ao património nacional esses edifícios, perseverá-los e dar-lhes função compatível, parece-nos dever ser tarefa de imediata preocupação das autarquias locais. De outro modo, continuam-se a perder valores culturais, tornando-se incaracterísticas as nossas vilas e aldeias, destruindo, como bárbaros, vestígios de um passado com séculos, por vezes com milénios, como sucede com os nossos monumentos megalíticos, com castros e outras marcas da ocupação romana, hoje quase ao abandono.

Entre o Mondego e o Zêzere, vamos percorrer a cintura de cidades, vilas e aldeias, descrevendo alguns dos seus aspectos mais característicos. Sucintamente, embora cientes das omissões que cometemos, para mais não nos alongarmos. Que o melhor será que cada um visite devagar esta serra magnífica, as suas terras e as suas gentes.

A COVILHÃ

«É das primeiras povoações que visita o sol logo que nasce depois de dourar à mesma serra os cumes»¹.

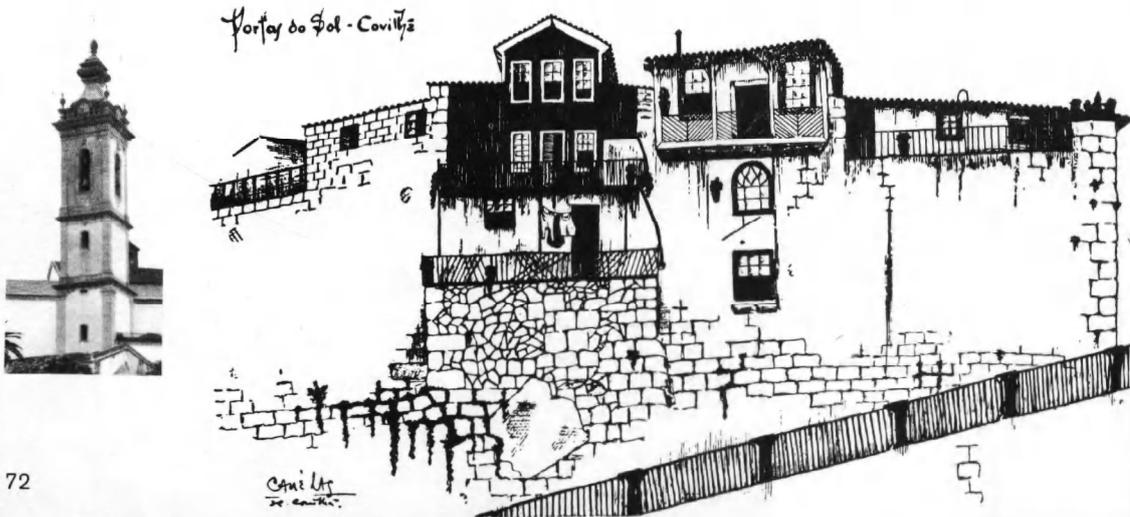
Alcandorada num enrugamento íngreme do flanco oriental da Serra da Estrela, entre as ribeiras da Carpinteira e De Goldra, a Covilhã é hoje o maior núcleo populacional da Serra. Do Tortozendo ao Teixoso, na faldã da montanha, as casas e as fábricas quase não despegam, sendo já um único agregado urbano.

A indústria têxtil, o turismo e a cobertura socio-económica da Cova da Beira fadam a Covilhã para larga projecção em todo o território que vai de Castelo Branco à Guarda.

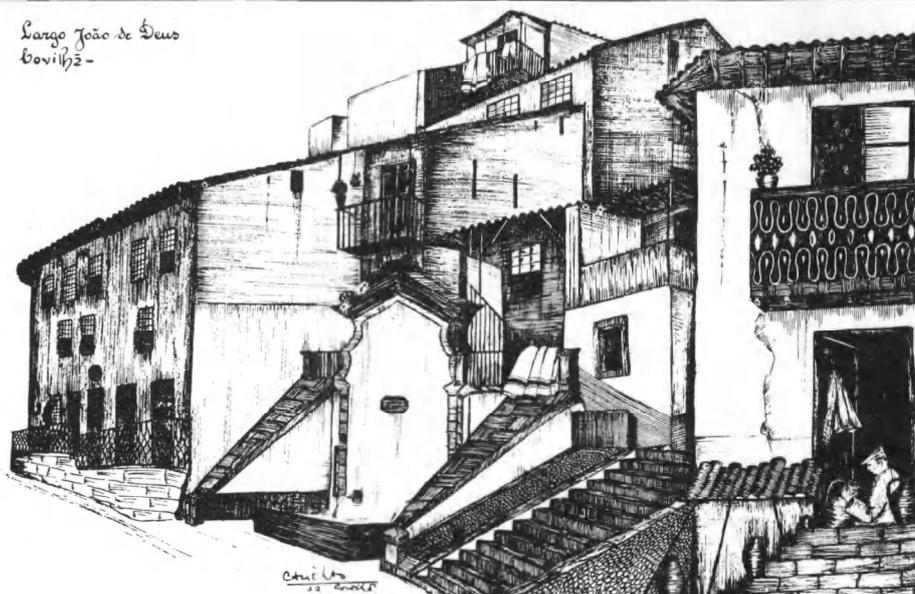
Pouco de concreto se sabe acerca da origem da Covilhã. Séculos antes da nossa Era, um povo de pastores elegeu estes sítios para se defender dos inimigos e estabilizar a sua vida. A integração que soube fazer com o meio-ambiente, por intermédio dos rebanhos, trouxe-lhe prosperidade.

É referido que, na encosta de Martir-in-colo, foi edificada a povoação de Silvia Herminii, em meados do séc. I a. C. Também, no mesmo sítio, é localizada a povoação de Cava Juliana, no final do séc. VII.

Cava (mulher perdida) seria Florinda, a insinuante filha do Conde Julião, aqui nascida, e violada pelo



Largo João de Deus
Covilhã



Rei Rodrigo dos Visigodos. D. Julião ter-se-ia vingado, abrindo as portas da Península à invasão dos mouros. Atribui-se-lhe a reconstrução da Covilhã, então, uma vez mais, em ruínas.

Certo, é o repovoamento feito por D. Sancho I, que manda construir muralhas e dá à Covilhã o seu primeiro foral, em 1186. Por este documento se sabe dos direitos, leis, tributos e privilégios que regem a vida da comunidade e se afere da importância da região e do burgo.

O alfoz da Covilhã ia das Portas de Ródão até à Guarda, chegando a incluir os lugares de Oleiros e de Pampilhosa. Foi-se desmembrando, à medida que as zonas adquiriam importância. Centum-Cellas, tão perto de Valhelhas, de onde partiam cinco vias romanas para as terras do Norte, além-serra, teve foral em 1194, Belmonte e S. Vicente em 1195; Alpreade 1202, Sarzedas 1212 e Castelo Novo em 1223.

Afonso II confirmou o primeiro foral, por carta de 1217. Nesse tempo houve desavenças entre os povos da Covilhã e o da região da Herdade da Cardosa, onde os Templários fundaram Castelo Branco.

D. Diniz, outorga à Covilhã carta régia, confirmando privilégios, foros e tributos e alarga as muralhas. D. Afonso V declara a Covilhã uma das principais povoações da Beira e, em 1510, D. Manuel concede-lhe novo foral. Seu filho, o Infante D. Luís, detentor do senhorio da Vila, aqui residiu. Dos seus amores com a formosa judia Pelicana nasceu o Prior do Crato.

D. Sebastião honra a Vila com o título de notável. Em 1864 é criada, por decreto, a Escola Industrial de Campos Melo, inaugurada a 2 de Agosto de 1885. Deve-se esta iniciativa a José Maria Campos Melo, neto do fundador da Fábrica Velha, grande impulsor da indústria de lanifícios.

A Covilhã é elevada a cidade em 1870, considerando «que é uma das vilas mais importantes do Reino, pela sua população e riqueza. Atendendo a que a mesma vila é uma das populações do Reino que mais se tem distinguido pela fecunda iniciativa dos seus habitantes, na fundação e aperfeiçoamento de muitos e importantes estabelecimentos fabris, cujos produtos podem já disputar em primazia com os das fábricas estrangeiras mais acredita-

das pelo seu desenvolvimento industrial.» Porém, só a 14 de Março de 1891, D. Carlos decretou a autonomia do concelho da Covilhã. E, também, nesse ano, a seis de Setembro, D. Carlos e a Rainha D. Amélia visitam a Covilhã, para inaugurar o Caminho-de-Ferro da Beira Baixa.

Nas comemorações do centenário da elevação a cidade, em 1970, são definidos novos marcos da sua história. Arranca o plano de desenvolvimento da Cova da Beira, polarizado na Covilhã. Algumas das realizações que prometem alterar o isolamento a que a região tem sido votada: criação do ensino universitário (Instituto Politécnico da Covilhã (1975); Parque Natural da Serra da Estrela (1976); Plano de Aproveitamento Hidro-Agrícola da Cova da Beira (1977); Parque Industrial da Covilhã (1978).

A Covilhã é cidade pobre em monumentos. As muralhas foram atingidas pelo terramoto de 1755 e a pedra utilizada, em 1769, na construção da Real Fábrica de Panos.

Em 1747 diz-se: «... é murada, com três portas principais que são a de Val de Caravelho, a do Sol e a de S. Vicente. No cimo da vila fica o castelo com duas torres que tudo denota grande antiguidade. O principal trato dos moradores é em panos de lã, para o que há 65 tearos, 15 pisões, 14 tendas de trozar e prensar, 8 tintes de várias cores e dois mais de azul de dornas. Além destas há uma fábrica de Sua Magestade com pisão, tinte e prensa. Distante desta vila espaço de meia légua, no sítio chamado de sete fontes, por nele nascerem outras tantas, daqui se conduz a água para esta vila, e corre publicamente por dois chafarizes, para uso

*Covilhã - restos da antiga muralha,
o Arco da Cadeia*

do povo, um deles é de nobre edifício.»¹

Na praça principal da cidade, o velho edifício dos Paços do Concelho, construído em 1614, incluía uma porta das muralhas — o arco da cadeia, por no mesmo funcionar a cadeia comarcã. Foi destruído, para no local se erguer o actual Município, inaugurado em Outubro de 1958. A bela fonte (1885), que, com o coreto, fazia parte da praça, foi atirada para um canto do Jardim de S. Francisco. O Pelourinho, assim se chama este centro cívico, foi prejudicado por se ter aqui mantido importante nó viário.



Dos edifícios vetustos, só as igrejas têm certo valor arquitectónico. A pequena capela de S. Martinho é um belo templo românico, do séc. XIII, monumento nacional. Perto, as modernas instalações do Instituto Politécnico da Covilhã que reconstruiu o edifício pombalino da antiga Fábrica de Panos, tendo em frente, do outro lado da rua, o Chafariz das Lágrimas, incrustado nas antigas muralhas da vila.

Atrás dos actuais Paços do Concelho, na Rua de Sta. Maria, frente à igreja do mesmo nome e maior templo da cidade, ergue-se o gracioso Palácio dos Ministros, edifício do séc. XVII, futuro museu da cidade.

O velho hospital foi construído pelo Dr. Joaquim Monteiro. Personalidade destacada, natural do lugar do Ferro, aos 21 anos era licenciado em Direito. Foi presidente da Câmara da Covilhã, provedor da Misericórdia e, mais tarde, governador civil de Castelo Branco. Foi por seu intermédio, quando presidente do Município, que se iniciou o Perímetro Florestal da Covilhã.

Homens ilustres teve-os a Covilhã, também, em misteres fora da sua absorvente indústria. Prosadores, descobridores, sábios, pintores, aventureiros, escultores, arquitectos. Pêro da Covilhã aventura-se a encontrar a Índia, por terra, enviando informações que serviram a epopeia de Vasco da Gama. «Lá morreram, enfim, e lá ficaram. Que à desejada Pátria não tornaram.» Rui e Francisco Faleiro, o último publicando em 1525 «o tratado da Esfera e da arte de marear», foram mestres da ciência náutica portuguesa, ao serviço de Espanha. Francisco Álvares, cardador e depois missionário, foi mártir em ter-

ras do Brasil. Fernando Penteado, herói na defesa de Diu.

Frei Heitor Pinto é vigoroso estilista das nossas letras. Professou com 15 anos, em 1543. Foi professor da Universidade de Salamanca e doutor pela Universidade de Singuença e pela Universidade de Coimbra. Trabalhou em Roma e publicou diversas obras. Muito culto e de primoroso estilo.

Mateus Fernandes foi mestre insigne na conclusão do Mosteiro da Batalha e na edificação de alguns castelos. Manuel de Morais, o Morais do Convento, escultor e Eduardo Malta, moderno retratista, são duas outras figuras gradas de covilhanenses.

Importantes, também, foram os tecelões e as fiandeiras, os tintureiros e os debuxadores e todos os oficiais que sabiam cardar, pisar, perchar, tosar, prensar e tingir. São estes operários que, de geração em geração, transmitindo o seu saber, mantiveram a indústria em todas as fábricas à volta da Serra. Mas uma indústria quer protecção do governo e este, raras vezes, soube esquivar-se às pressões exercidas pelos ingleses, para aqui colocarem os seus produtos. Daí, as dificuldades encontradas pelos lanifícios, fora de curtos períodos de euforia que a conjuntura internacional provocava. Em meados do séc. XVIII, não íamos além das baetas e serafinas grosseiras, faltando ânimo para inovar e apetrechar as fábricas. No entanto, sempre que tinha lugar um fluxo de modernização, os operários eram de uma adaptação e mérito que espantava os técnicos que vinham ensinar.

Nos tempos modernos, dois períodos de expansão da indústria coincidiram com as duas grandes guerras. Hoje, a pequena dimensão

das empresas, muitas delas familiares, a deficiente racionalização do trabalho e as perturbações da revolução do 25 de Abril de 1974, agravaram uma crise que se arrastava já.

Falando da Covilhã, seria injusto não referir as suas quintas e os milhares de braços que, desde há séculos, tratam os lameiros e, nas encostas, plantam e cuidam da oliveira e da vinha, do pinhal, das searas e do gado. São os mais humildes e sacrificados seres que asseguraram a subsistência da comunidade, através de todas as contingências.

VALHELHAS

Da Covilhã, a caminho da Guarda, a estrada desenvolve-se ao longo do vale ubérrimo do Zêzere. A cerca de vinte quilómetros, deixamos a estrada principal e seguimos o curso do rio, a caminho de Manteigas e de Valhelhas.

Valhelhas, hoje humilde aldeia, foi burgo importante, desde castro lusitano até, talvez, capital dos lancienses oppidanos — povo que ocupa a Cova da Beira nos primeiros tempos da nossa Era. Como referimos, em «Os primeiros caminhos da Serra», cinco vias romanas partiam de Valhelhas para as terras de trás-da-serra. Daqui podemos aferir a importância da vila de então.

Da história de Valhelhas falamos Alípio da Rocha, na «Monografia de Valhelhas», trabalho minucioso e bem elaborado.

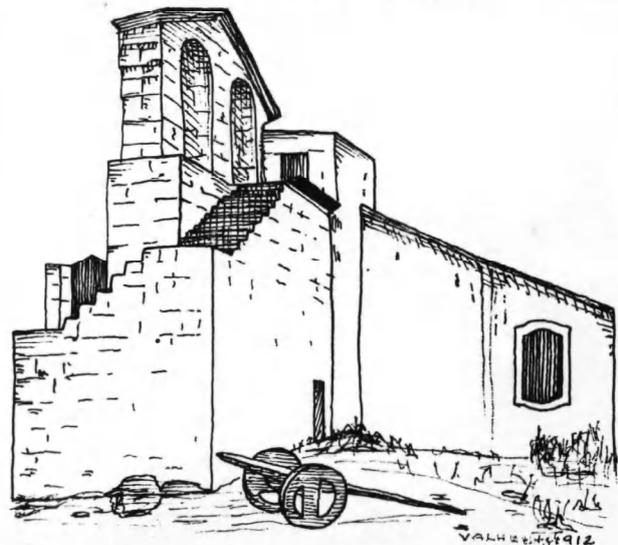
Valhelhas, nome vindo do latim bárbaro, significando pequeno vale, está entre seis vales e quatro serras: a do Mor, Cabeça Alta, Contenda e Rachada. Serras de xisto, de cumes arredondados, com res-

tos de soutos e pinheiros, nuas nos cumos. É um espectáculo maravilhoso a abertura para a Cova da Beira, deixando o vale estreito para entrar perpendicularmente no amplo vale do Zêzere, tendo à frente a Serra da Esperança, com o alto-neiro castelo de Belmonte.

O rio foi buscar o nome ao salgueiro das suas margens, antigamente chamado *zemzeireiro*, que, pelos latins, deu Zêzere! Nas suas águas cristalinas e frias, abundam as trutas saborosíssimas, as enguias, o barbo e as bogas.

No rio, fizeram os homens de Valhelhas açudes, de onde partem as levadas que regam os campos das margens, em sistema de adua. Cada proprietário tem, em dados dias, tantas horas de rega.

«Certamente devido à sua situação Valhelhas, envolvida pelos «castrejos»: de Barrelas, Castelão, do Prado, do Cabecinho, Vale de Amoreira, Castelo Deladeiro, hoje serra da Rachada; e mais distante, o Castelo dos Mouros, em Gonçalo; os castros de Aldeia do Mato — hoje Vale Formoso; o de Aldeia do Souto, no sítio de S. João e cujos restos da fortaleza, um arco, hoje faz parte da capelinha ali existente; os três de Verdelhos, cujos



povos pertenceram ao seu concelho, foi considerada uma *civitas...*»¹³

O castelo, de que apenas existe uma parte do torreão, o pelourinho, o velho campanário, junto da igreja matriz, o belo e rico altar-mor (séc. XVI), a capela de S. Sebastião ou de Sto. Antão, os brasões, o chafariz, «o empedrado que à frente da capela do Divino Corpo Santo (diz-nos um morador) fazia feitiços, com conhos, e foi calcetado por cima», como a *pedra*, monumento megalítico, no sítio do Prado, na margem direita da ribeira de Famalicão, são testemunhos de um passado que começou antes da nossa era e deu importância à localidade.

D. Sancho I dá o primeiro foral a Valhelhas, D. Afonso II e D. Manuel confirma-o.

Ainda no tempo de D. João I, era Valhelhas mais importante que a Covilhã, Sabugal ou Belmonte, no que respeita ao número de besteiros do conto.

Em 1855, foi extinto o concelho de Valhelhas. Com a sua anexa, Vale de Amoreira, faz hoje parte do concelho da Guarda. O seu termo tem partilhas a norte com Gonçalo e Famalicão, a nascente com Vale Formoso, a sul com Sarzedo, Verdelhos e Sameiro e a poente com Folgoso.

«Adeus Vila de Valhelhas
Duas coisas te dão graça
A torrinha do relógio
E o pelourinho da praça.»

MANTEIGAS

«Fica esta em um vale nas entranhas da Serra da Estrela, medida entre quatro serras.»¹

Subindo o estreito vale desde Valhelhas, passamos os lugares de Vale de Amoreira e Sameiro, tendo a 17 km Manteigas. Onde termina a famosa colina glaciária do Zêzere e o rio faz o seu primeiro cotovelo, a 720 m de altitude, aí foi implantada a povoação de Manteigas. Hoje vila, sede de concelho, com seis mil habitantes.

A montante, fica o vale em U, que leva ao Covão da Ametade e à Nave de Santo António. Nesse sentido, a dois quilómetros da vila, estão as Caldas de Manteigas e o caminho para o Poço do Inferno. No lado oposto, a encosta íngreme que a estrada vence, em impressionante zig-zague, até atingir a Pousada, o Observatório e as Penhas Douradas, ligando depois a Gouveia.

É singular a posição estratégica desta vila serrana, fadada para grande centro turístico da Serra.

Descendo das Penhas Douradas, após cerca de cinco quilómetros, aparece a surpreendente panorâmica do vale superior do Zêzere e o casario aninhado cá em baixo, muito pequeno, a nossos pés. Das Penhas Douradas são ainda catorze quilómetros de curvas e contra-curvas, para chegar a Manteigas. De panorâmicas de montanha deslumbrantes e muito diversas. Por entre carvalhos e pinheiros velhos, descemos sempre, contemplando os socos cultivados da margem direita, a dizerem que a terra do vale não chega para todos. Para os lados de Valhelhas, o vale é tapado pelas serras do Mor, Cabeça Alta, Contenda e Rachada, não sabendo nós, por entre quais o rio se esgueira, tão barrado parece o caminho. Na encosta, matas de castanheiros, pinheiros e vinha. E os lodeiros férteis, dando batatas,

milho e alguns pomares, no vale.

A imponência da montanha subjuga e enriquece todo o domínio que desta encosta desfrutamos.

A vila vive das fábricas de lanifícios. Desde os primeiros anos da nossa Era, aqui se fiou e teceu, sendo as ovelhas o primeiro sustentáculo da economia.

Uma das curiosidades da vila é o amor desde sempre votado à música. Duas bandas de música em actividade, a Boa União com 112 anos e a Filarmónica Popular de Manteigas tendo festejado em Agosto de 1977 o centenário, são disso prova.

São famosas as festas de Nossa Senhora da Graça, a 8 de Setembro e as do Senhor do Calvário, no 3.º domingo de Agosto.

GONÇALO

Voltamos a descer por Valhelhas, passamos a velha ponte de quatro grandes arcos em granito, construída em 1631, sobre uma outra, romana, que os séculos enteraram. Ao lado, constrói-se uma nova, moderna e airosa. Referimos já o largo e vicejante vale que aqui se abre a quem vem da Serra. Os lodeiros de Belmonte e de Caria são das melhores terras da Cova da Beira e têm dos melhores agricultores do país.

Na encosta da Serra, a dois quilómetros da estrada principal, que vai para a Guarda, perto de Gaia e de Centum Cella, fica a aldeia de Gonçalo que tem como característica saliente o ter desenvolvido a arte de fazer trabalhos em verga: cestos artísticos, carteiras de senhora e mobiliário. Hoje é uma in-

dústria que ocupa quatro centenas de operários e com boa exportação para a Suécia e América do Norte. Trata-se de uma manufactura não susceptível de mecanização, ocupando, pois, muita mão-de-obra e pondo em relevo a arte e criatividade populares. Pena é que a verga seja, em grande quantidade, importada, por não haver quem, neste vale ubérrimo, a produza em quantidade e qualidade requeridas.

A crise que, a seguir ao 25 de Abril de 1974, atirou para o desemprego a quase totalidade destes trabalhadores foi vencida com a constituição de uma Cooperativa — a Cescoope.

Gonçalo é uma povoação muito antiga. Na quinta da Senhora da Misericórdia, na Cruz da Pedra, foram achados, há poucos anos, moedas, jazigos e construções antigas.

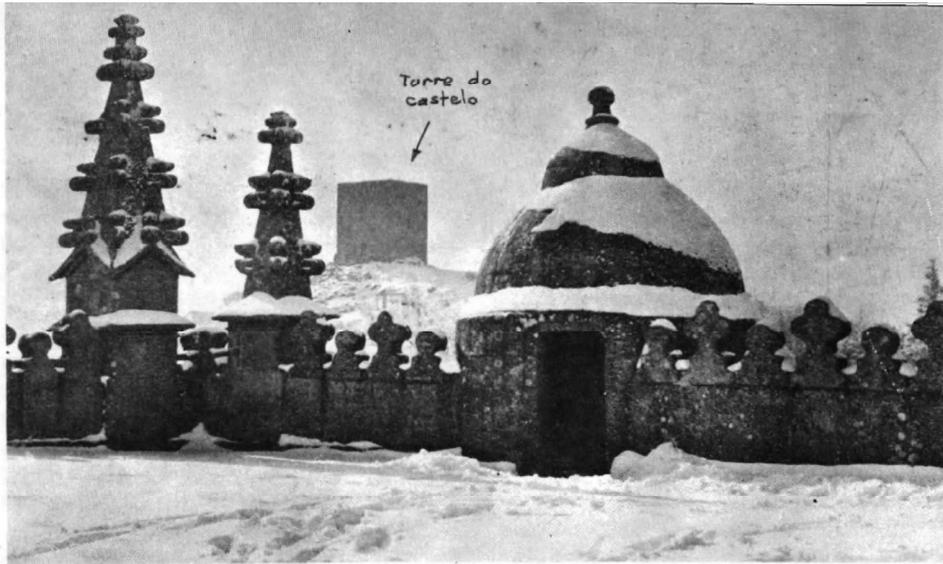
A meia dúzia de quilómetros fica a povoação de Famalicão da Beira, onde foi encontrado um marco milário.

No vale, como há séculos, aquando da ocupação romana, ainda se explora estanho.

Por entre castanheiros e pinheiros, subimos agora a Serra, a caminho da Guarda. Ao viço das margens do Zêzere sucede a montanha e os seus pequenos vales, aproveitados em pequenas e declivosas courelas. O castanheiro e o pinheiro dominando as encostas, onde, aqui e além uma manchazita de centeio ou um *chão*, junto a uma nascente, ainda se mantém.

A GUARDA

A cidade de maior altitude do país (1056 m) desempenhou, durante séculos o papel de guarda



Guarda - Piornos da Sé em dia de nevão

avançada e praça forte, nas guerras que os invasores moviam aos povos da Lusitânia. O vale do Mondego foi, desde sempre, caminho tradicional de invasão.

O castro de *Tintinholho*, num cerro a dois quilómetros da cidade, entre outros vestígios pré-históricos, é testemunho da remota história da ocupação destes lugares. Admite-se ter sido esta fortaleza dominada por Júlio César, tendo então, as populações fugido para a serra dos Bois — sítio de difícil acesso, para os lados de Videmonte.

D. Sancho I fundou a cidade em 1199, obtendo licença do Papa para transferir para a nova cidade a sede episcopal da Idanha, arrasada pelos mouros, «com a condição expressa de conservar o antigo e venerando título *egitaniense*, em homenagem à histórica cidade da Egíptia.»

A Guarda é cidade com extenso concelho: 54 freguesias e 326 aglomerados. Grande parte da população, que se dedicava a uma agricultura ingrata e ao contrabando, emigrou. Hoje, pelo posto fronteiriço de Vilar Formoso e passando pela Guarda, transitam cerca de dois milhões de emigrantes-turistas.

Na velha urbe, o centro cívico é a Praça Luís de Camões. Com a Sé, velhas moradias com os primeiros andares assentes em velhas colunas, e o edifício manuelino dos Paços do Concelho, esta Praça tem a harmonia e dignidade de outras de traçado antigo, fazendo parte do património cultural da humanidade.

Nas ruas antigas desta cidade, um pórtico, uma janela ou casa solarenga, no seu granito velho talhado com harmonia, são testemunhos do contributo dado há muitos séculos para usufruto das actuais gerações.

A Torre dos Ferreiros (séc. XII) donde se avista Celorico, Trancoso, Pinhel, Castelo Rodrigo, Almeida, Castelo Bom, Vila do Touro, Alfaiates, a encosta da Estrela com Linhares e Videmonte e terras de Espanha; a igreja da Misericórdia, o Paço Episcopal e Seminário — «de linhas espanholadas e severas», o antigo convento de S. Francisco, hoje quartel, as portas que restam da antiga muralha, o chariz monumental, o Sanatório e o moderno Hotel de Turismo são edifícios notórios desta cidade de fronteira.

De destacar ainda a bela ermida românica da Póvoa do Mileu, talvez do séc. XI.

Mas, na Guarda impõe-se a Sé, monumento gótico com acrescentos manuelinos, renascentistas e barrocos. Não têm a imponência da Batalha ou de Alcobaça, é mais modesta e serrana, no aspecto pesado do granito escuro, dos coruchéus e das franjas de flores-de-lis do contorno superior. Porém, no interior, o nosso olhar sobe logo às alturas, buscando a abóboda artesoadada do transepto. Surpreende-

-nos a leveza do granito trabalhado com geometria requintada, derramando beleza e luz. Por todos os lados uma melodiosa harmonia, sustentada por cinco pares de pilares que separam as três naves. E, sob as janelas rasgadas da ábside, detêmo-nos no belo retábulo, esculpido em pedra de Ançã, cheio de figuras em flagrantes expressões, ordenadas em quatro andares. A Sé é um domínio em que a arte das catedrais deve ser analisada devagar, ouvindo a voz pausada de um bom conhecedor .



A Guarda não despertou ainda para o turismo da Serra. Falta-lhe uma estrada que, pela povoação dos Trinta — terra dos bons cobertores de papa — ligue a Folgosinho e Gouveia. Com este acesso, por grande parte da Serra pertencer ao seu concelho e pela posição estratégica que ocupa, a Guarda terá no turismo a grande indústria que falta à vasta região de que é capital de distrito.

A vida pobre da região levava os pais a desejar para os filhos melhor sorte que a que o campesinato aqui proporcionava. E, mesmo gente de muito poucos recursos procurava dar estudos aos filhos. Contratavam na Guarda, em casa de confiança, cama, mesa e roupa lavada para o rapaz, a troco de um farnel mensal que incluía tantos quartilhos de azeite, tantos celamins de feijão, tantos de grão, umas arrobas de batatas, toucinho, algum enchido e tanto em dinheiro. O dinheiro era, neste caso, o factor mais raro, por isso entrava em pouca quantidade. E, assim, gente de procedência humilde tirava o liceu e, à sua custa, alguns se for-

mavam, ajudando depois os irmãos. Deste modo se enraizou neste distrito uma via de fuga às condições ingratas do meio.

Veio, depois, com a década de sessenta, um intensificar da emigração para a Europa, sobretudo. Hoje, muitos voltam e fazem as suas casas na aldeia, porque pensam voltar, porque o dinheiro se desvaloriza ou por sentirem necessidade de mostrar que hoje têm posses.

Não há hoje desemprego por aqui. Há, sim, falta de braços para a construção civil e para o campo.

Dantes, apesar da propriedade estar muito fraccionada, muitos nem um bocadinho tinham de seu. Dependia-lhes a vida do aluguer diário dos braços. Ou, na zona da Raia, faziam contrabando. Em jogo de morte com a guarda fiscal, atravessavam a fronteira, pela calada da noite, num vaivém rotineiro. Cada fardo valia o sustento para a família, por umas semanas ou uma bala traiçoeira dos desalmados que nada perdoam. A vida era assim. Não havia outra saída.

Guarda — Capela da Póvoa de Mileu



CELORICO DA BEIRA

Da Guarda dirigimo-nos a Celorico, pela estrada da Beira. Caminhamos para o vale do Mondego, por entre soutos e alguns pinhais, descendo ao longo da encosta bela e sobranceira. A estrada, como o rio, descreve depois uma curva larga e trepamos agora para a vila de Celorico.

O castelo roqueiro de Celorico domina as suas terras, assente em grande morro granítico, de flancos a pique, remontando a sua primitiva edificação ao tempo de Augusto.

Já perto da vila, deixamos à direita a estrada que vai para Trancoso e Nordeste Transmontano e subimos ao alto da vila. Esta, miradouro altaneiro de dois vales e da Estrela, desde que dotada das infra-estruturas necessárias ao turismo, poderá desempenhar lugar de relevo no turismo da Serra. Além de constituir um pequeno pólo de desenvolvimento do seu concelho.

O primeiro foral foi-lhe dado por D. Afonso Henriques, que a conquistou aos mouros. D. Manuel elevou-a à categoria de vila em 1512. Sofreu guerras e invasões.

Das armas de Celorico faz parte uma águia, a lembrar o estratagemas de que se serviu o alcaide Pacheco, quando, cercado e com dificuldades alimentares, uma águia deixou cair dentro do reduto uma grande enguia, que ele atirou para o campo inimigo, como prova de abastança. Tendo o inimigo levantado o cerco.

Celorico tem alguns belos edifícios antigos que merecem restauro para neles alojar museus, gabinetes de turismo, pousadas, enrique-

cendo com o granito e traça antigos a personalidade da vila.

Celorico é terra de bom queijo da Serra. Nos vales do ribeiro de Mões, que vem dos Prados, no do Mondego e nas suas encostas encontram os rebanhos grandes espaços e pastos mal aproveitados. Vinte e duas freguesias tem o concelho, todas sofrendo de decréscimos populacionais provocados pela intensa emigração.

No passado, Celorico, com a Guarda e Trancoso constituíam um triângulo defensivo da via de penetração dos invasores, pelo vale do Mondego, daí lhe advindo notoriedade.

LINHARES

De Celorico, por Cortiço da Serra, Carrapichana, Vila Cortez e S. Paio, caminhamos para Gouveia.

Na Serra, à nossa esquerda, avistamos Linhares, Melo e, sobranceiro e com certa arrogância, Folgoso. Velhos burgos implantados na Serra, talvez muitos séculos antes da nossa era.

Do cruzamento de Carrapichana, limite dos concelhos de Gouveia e de Celorico da Beira, a seis quilómetros temos Linhares.

Esta povoação, a oitocentos metros de altitude, antiga cabeça de concelho, tem no seu belo castelo de duas torres ameaçadas o simbolismo de grandezas passadas. Porém, mais antiga que o castelo é a sua história. Uma das grandes vias imperiais, que de Mérida ligava a Lamego, passava por Linhares. Este facto, a sua posição sobranceira ao vale do Mondego e as condições de defesa naturais terão dado ao burgo papel importante, séculos antes da constituição da nacionalidade.



O castelo, as cisternas, o solar dos Pinas, o palácio dos Cortes-Reais, os Paços do Município, o Pelourinho, os restos de um *forum* são marcos de um passado um tanto votado ao abandono.

MELO

Melo é outro antigo concelho da Serra, a meia dúzia de quilómetros de Gouveia, com antigos Paços do Concelho, Pelourinho, capelas vestustas e um solar em ruínas. A indústria de lanifícios é tradicional, desde muito recuados tempos.

A criação de pólos de desenvolvimento regional nos concelhos do interior e o desenvolvimento turístico viriam a dar a estes lugares históricos e pitorescos da Serra o papel de aldeias turísticas, dotadas do mínimo de condições, para albergar as gentes ávidas de sossego e de sítios e comunidades com personalidade.

FOLGOSINHO

Folgosinho fica um pouco acima de Melo.

Numa protuberância da encosta, a 930 metros de altitude, com porte altaneiro, o povoado debruça-se sobre o vale. É, também, antigo concelho, com Pelourinho e resto de fortificação medieva.



Uma outra via imperial, vinda de Valhelhas, transpunha o Mondego na Senhora de Assedasse, ia a Folgosinho e Melo, atravessava novamente o Mondego na Ponte Velha da Cabra e, depois rumava a Abrunhosa, Mangualde e Viseu.

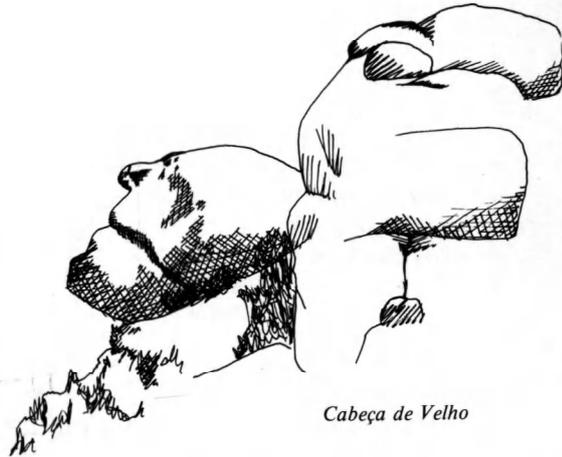
Estas aldeias, perservados os valores antigos que as suas pedras teimam trazer até aos nossos dias e com ordenamento que respeite a sua tipicidade, devem fazer parte dos roteiros turísticos da Serra.

GOUVEIA

Airosa vila das faldas da Serra, a 600 metros de altitude, surpreende-nos pelo ar moderno de algumas vivendas, de belos quintais encostados aos pinheiros e ao bravio da Serra, pela nobreza dos Paços do Concelho — antigo solar dos Távoras — e pelas panorâmicas que do Senhor do Calvário e de outros belos miradouros atingem o espraiar do vale.

No belo edifício dos Paços do Concelho, construído em fins do século XVII, a meia encosta e desafogado para o vale, colhemos uma primeira boa impressão desta vila. No átrio deste palácio, de um e outro lado, painéis talhados no granito mostram-se cenas do viver antigo, com estas lapidares frases do foral: «Lavrarão, pascerão e montarão na maneira que até aqui fizeram»; «e só pagarão o dízimo a Deus». Nas varandas do primeiro andar, arcas e bancos antigos, boas peças de museu e uma vista bela para os jardins onde jorra a água, vinda da Serra.

Gouveia é vila de montanha, com alguma indústria, com personalidade, cuidando dos aspectos cultural e turístico do seu concelho. Mas, cujo desenvolvimento está condicionado às grandes opções políticas que o Governo Central tem de tomar, para que as populações não fujam das suas regiões, engrossando o êxodo para os grandes centros do país e para o estrangeiro, na busca de uma vida condigna para si e para os seus. Ao mesmo tempo que se exercem fortes pressões para dotar essas mesmas freguesias do interior, que vão ficando desertas, com as caras infra-estruturas necessárias à vida em sociedade.



Cabeça de Velho

Gouveia tem vinte e duas freguesias, muitas delas com várias anexas. Dotá-las de estrada transitável, de ruas, abastecimento de água e de energia eléctrica, de esgotos e escolas são problemas que exigem, com premência, avultadas verbas. E há tantos concelhos em Portugal assim carecidos... É, porém, nas potencialidades dos concelhos do país que devemos estruturar o nosso desenvolvimento e não nas degradantes condições de vida e do meio-ambiente dos arredores dos grandes centros urbanos.

Este assunto merece ser abordado com mais cuidado e a ele, noutra lugar, voltaremos, por estarmos convencidos que deve ser o cerne da organização da sociedade portuguesa.

Gouveia e o seu concelho é bem um exemplo de como, com alguma cuidada planificação e investimentos básicos, se pode dotar o interior rural de pólos de desenvolvimento.

As fábricas de lanifícios de Gouveia, S. Paio e Moimenta e a de malhas de Paços, as potencialidades de base agrária a aguardar estruturação e valorização que crie riqueza e produza ocupações estáveis e uma possível industrialização intermédia, que não requeira grandes investimentos e avançadas tecnologias e tenha por base a pro-



dução agrícola, incorporando-lhe mais-valia, constituem realidades de uma planificação exequível que inverteria o sentido de migração das populações.

O bom mercado de Gouveia, o pequeno e valioso museu, o futuro Parque de Campismo, no Curral do Negro, a valorização das aldeias e da terra-chã dizem-nos algo da ténpera destas comunidades.

As gentes da Serra irmanaram-se com a vida rude que a montanha podia proporcionar. Ao longo de séculos, afeiçãoaram-se à dureza do trabalho, às asperezas do clima, forjando uma personalidade e uma maneira de estar na vida fortemente influenciadas pela realidade telúrica que, com primazia, sempre comandou.

«Da mesma serra e distante desta vila meia légua, pela parte do Nascente, nasce uma ribeira que discorre pelo meio dela; cujas águas muito a fertilizam; e logo no seu nascente, em pouca distância tem mais de 15 casas de moinhos, pisões e tintes, próximos a esta Vila. Corre arrebatada e são perenes as suas águas. Dentro desta Vila, uma boa e alevantada ponte de cantaria, e em distância de um quarto de légua tem uma

outra da mesma qualidade na estrada Real, que vai para a Província de Trás-os-Montes» (1871) ¹.

De Gouveia parte a estrada para as Penhas Douradas e Manteigas. Estrada de montanha, com as fontes do Lagarto, das Costeiras e do Tio Filipe; Aldeias no fundo do vale e a Cabeça do Velho a 1180 m, ainda na encosta voltada ao Mondego. A estrada curva, depois, para o interior da Serra e embrenha-se entre montanhas.

Aparece-nos o desvio para o Sabugueiro pelas belas paisagens do Cabeço de Santo Estêvão e, quatro quilómetros depois, a ponte dos Cabaços, a 1320 m. Ainda a esta altitude tratam terras para centeio — terra negra, de vegetação rasteira, cavada à enxada e fertilizada com o gado. Por estas encostas do vale superior do Mondego, começam os povoamentos florestais, com espécies exóticas.

A estrada galga o alto da montanha, em curvas sucessivas, mas sem grande declive. A 1430 m de altitude temos o desvio para a barragem do Vale do Rossim e, quinhentos metros depois, a fonte do Mondeguinho — a nascente do Mondego, local de paragem. E, a poucas dezenas de metros, o desvio

de um quilómetro para as Penhas Douradas. 24 quilómetros percorridos de Gouveia ao Mondeguinho e, a partir daqui, em acentuado zigzague, descemos a encosta de Manteigas.

SABUGUEIRO

Subindo de Seia para a Torre, passamos por Aldeia da Serra, pequeno agregado empoleirado na encosta abrupta e pela Senhora do Espinheiro, sempre com deslumbrante vista sobre o vale e atingimos o Sabugueiro. Da vetusta capela da Senhora do Espinheiro, o horizonte desdobra-se de terras de Arganil até Gouveia e domínios de Fornos de Algodres. No fundo, a planície a que chamam *terra-chã*. É maravilhosa a vista que deste miradouro se alcança.

De Seia ao Sabugueiro são onze quilómetros; um quilómetro antes



de chegar a esta aldeia mais um belo miradouro sobre o Covão e a barragem que do alto tão minúscula parece. Nas encostas mais propícias, pequenos campos de centeio fazem da terra mantas de retalhos.

Sabugueiro é terra de pastores, a 1070 metros de altitude. Com neve e frio em grande número de meses, lá fazem os seus talhões de centeio até aos 1600 m de altitude, a batata fica pelos 1200 m e o resto é pastorícia. No Inverno, as pastorias fogem às neves procurando as terras mais quentes do *pé-de-serra*.

Durante séculos a ovelha e o centeio foram o sustentáculo da eco-



nomia destas comunidades, isoladas e sem possibilidades de trabalhar por conta de outrem. Só a partir de 1969 a estrada ligando à Covilhã foi asfaltada e, poucos anos antes, as barragens ocuparam os braços mais válidos, trazendo pouco melhores possibilidades de sobrevivência.

Alberto Martinho, em «Sabugueiro, uma aldeia da Serra da Estrela», dissertação de licenciatura, dá-nos pormenorizada monografia desta aldeia que foi de Fernam Sabugueiro.

Em 1968, dela dizia o P. Costa: «S. João do Sabugueiro, curado que apresenta o vigário da vila de Cea: está este lugar no mais alto da Serra da Estrela, para Poente, terra muito fria e fértil de centeio, com muito gado, que no Inverno vai pastar às partes do Alentejo. Tem muita caça, trutas e mulheres muito formosas.»

E, nos nossos dias diz-nos Alberto Martinho: «Antes não havia estas farturas como agora: uma sardinha era dividida em três ou quatro partes para dar um quinhão a cada filho. O vinho só se bebia em dia de festa, pois não havia dinheiro para o comprar.

Embora quase todas as casas tivessem ovelhas e cabras não se bebia leite, pois este servia para se fazer o queijo e os requeijões, sendo estes vendidos em Seia, Gouveia e Manteigas, bem como na *terra-chã*. Quando muito comia-se uma tijela de *soro* e um pouco de *coalhada* (derivado do leite), depois de ter feito o queijo.»⁹

Os bens da igreja: «As receitas têm sido formadas da venda de cestos de pão centeio, línguas de porco, ovelhas, batatas, chouriço, presunto e até favos de mel. Estes produtos são oferecidos todos os domingos e dias de festa pelos Sabugueirenses, «indo a lanços» à saída da missa dominical, no cruzeiro, ao lado da igreja.» «Tem terras de pasto, de centeio, de batatas, milho e matas de pinheiros. São chamadas Terras do Senhor»...

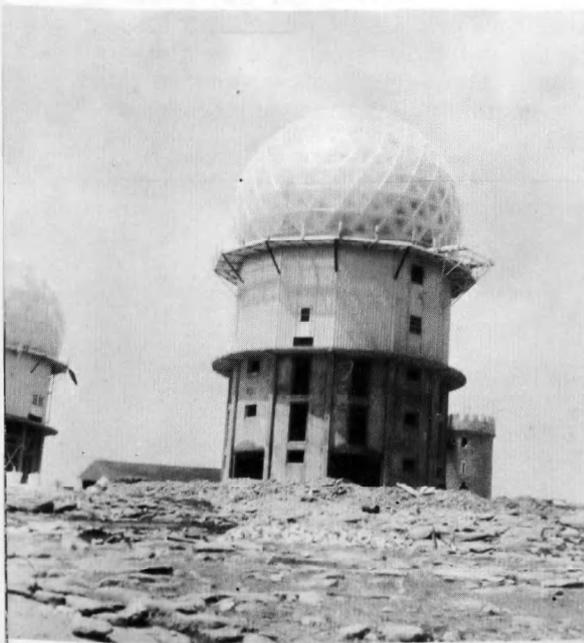
Sobranceira ao Sabugueiro, fica a cascata da Fervença, de belo espectáculo quando no degelo. Daqui, do Sabugueiro, sai um caminho, que pelo Cabeço de Santo Estêvão, vai ligar à estrada de Gouveia — Manteigas, três quilómetros antes do Mondeguinho, unindo conchelos.



«Também, no dia de festa do Santíssimo, pelo 3.º domingo de Agosto, uma pessoa de cada casa, no fim da procissão, vai levar um cesto de centeio, em grão, à igreja, colocando-o à entrada, do lado direito. É uma espécie de agradecimento «ao Senhor» por ter dado boas colheitas. Estes alqueires são leiloados no fim da procissão, bem como *as oferendas* que as pessoas em tabuleiros ou cestos, levam na procissão, e que, no fim também são leiloadas»⁹.

A festa rija é a da Senhora da Graça, em Setembro. Mulheres caminham de joelhos «por o Senhor lhes ter valido numa aflição e, também dão cordões de ouro, anéis e notas de 100 e de 500 escudos à Santa.» Usos e costumes de séculos, que os tempos modernos pouco alteraram.

Instalações miliarens na Torre



SEIA

De Gouveia a Seia são quinze quilómetros, por Moimenta da Serra, Paços e Santa Marinha; pela estrada da Beira, por Pinhanços, é um pouco mais. Em reduzida área é um rosário de terras antigas, mostrando casas de granito bem trabalhado. Os terrenos são bons, de aluvião, ondulado suave. Desde muito cedo, a indústria dos lanifícios por aqui distribuiu ordenados e ocupação, ajudando as gentes.

Seia é sede de concelho, vinte e oito freguesias e cem localidades, cerca de 35 000 habitantes. A sua origem perde-se nos mais remotos tempos. As minas de estanho e de volfrâmio, em exploração ainda hoje em Sazes da Beira e Vila Cova-à-Coelheira, talvez expliquem a importância da região nos começos do século. Por Seia passava a via imperial que de Valhelhas ia a Manteigas, Sabugueiro, Seia e Bobadela — capital de um povo que atingiu, então, grande notabilidade.

No centro da vila, no pequeno monte onde está a igreja matriz, existiu o castelo. É miradouro de onde se descobre todo o vale.

A partir da ocupação romana, Seia sofreu as lutas com os sarracenos, as da implantação da nacionalidade e as invasões francesas. D. Afonso Henriques deu-lhe foral em 1136, confirmado em 1188 e novos forais em 1217, por D. Afonso II, e em 1510 por D. Manuel.

Tem como relíquias do passado a capela românica de S. Pedro, de interessante abóboda, a Casa das Obras, onde se encontra instalada a Câmara Municipal e outras repartições, a Casa dos Botelhos, a igreja da Misericórdia, a igreja Matriz e o Chafariz.

De Seia a S. Romão são apenas quatro quilómetros. Nos dois burgos, poderosa indústria têxtil, com cerca de meio milhar de operários. Os aproveitamentos hidroeléctricos do Vale do Rossim, Sabugueiro e da Lagoa Comprida, têm aqui a sede — Hidro-Eléctrica da Serra da Estrela.

Na terra-chã, um campo de aviação para aparelhos ligeiros, serve a zona.

As populações, dispersas por muitas freguesias e lugares, estão ainda muito isoladas. Para as servir há (1977) somente setenta quilómetros de estrada asfaltada, nem todas têm luz e, quanto a abastecimento de água, é trágico o problema.

Seia não tem plano de urbanização. Presentemente estuda-se um plano de desenvolvimento regional que abrange os concelhos de Oliveira do Hospital, Seia, Gouveia e Fornos de Algodres. Nele, a pecuária, sobretudo a ovelha, devia ocupar lugar de destaque, dada a tradição e o muito interesse que o queijo da Serra merecem.

Seia é, também, uma das portas da Serra; daqui ao Sabugueiro — a

aldeia mais alta do País — são uma dezena de quilómetros por estrada razoável.

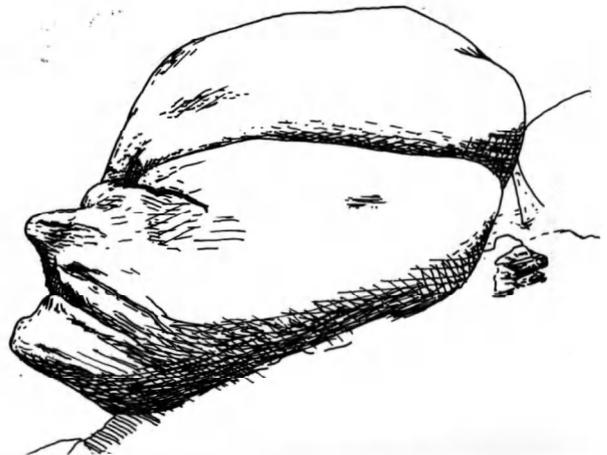
A Senhora do Desterro, fica a três quilómetros de S. Romão. Lugar aprazível junto ao rio Alva, com ponte de 1726, um rosário de pequenas capelas, a sombra de quatro carvalhos seculares, um coreto simples, as pedras belas do leito do rio, boleadas e comidas pela impetuosidade do caudal, o açude e a arborização das margens. Daqui parte um caminho para a Lagoa Comprida, a doze quilómetros.

A Cabeça da Velha, que fica a cerca de quinhentos metros da Senhora do Desterro, é um fraguado que, de dada posição, nos mostra nítidos os traços fisionómicos de uma velhinha. É dos blocos antropomórficos da Serra aquele que melhor semelhança apresenta.

Perto deste local, no outro lado da Serra, a Lapa do Dinheiro — um pequeno agregado populacional e umas grutas por explorar, constituem visita aprazível.

VALEZIM, LORIGA E ALVOCO

De S. Romão a Valezim são oito quilómetros, atravessando o Alva na ponte de Jugais. O rio, que contactamos um pouco acima, na Senhora do Desterro, é bucólico e belo



Cabeça de Velha (S. Romão)

— águas límpidas, densas e convidativas sombras à beira-rio. Fazendas regadas com água da Serra dão tons verdes ao terreno do vale.

Vamos subindo para Valezim, a 690 m de altitude. Foi vila, com casas brasonadas e igreja românica. Fábricas de lanifícios, desde longa data, ajudaram estas comunidades da cintura da Serra, na luta pela sobrevivência que a aspereza da montanha e o isolamento agravavam.

Nove quilómetros depois de Valezim, aparece Loriga, passando por Sazes da Beira. A Serra mostra-se, agora, mais árida, contrastando os cabeços graníticos à nossa esquerda com a monotonia dos montes arredondados e nus, de xisto, à direita.

Na confluência de dois vales, que rasgam a serra até longe, aparece-nos Loriga, a 740 m de altitude.

Loriga desenvolveu-se e é hoje importante agregado populacional encravado na Serra. As fábricas de lanifícios trouxeram-lhe algum bem-estar, mas o testemunho da vida difícil de séculos é-nos dado por aqueles muros, em curvas de nível, feitos para suster as terras e formar quarteirões. Do alto dos mirantes da estrada parecem grandiosos degraus de um templo. Que esforço hercúleo não foi necessário dispender para, ao longo dos séculos, afeiçoar a terra que iria ser semeada. Por isso, talvez, se chame aos *chões* ou *courelas*, fazendas — porque se «vão fazendo», com esforço diário e duro, quando os únicos meios eram a força dos braços e o querer.

Pelo vale acima, caminhos de cabras levam-nos aos Covões de Loriga e às Lagoas, a 1700 m de altitude, com as Penhas do Gato e a



Poio Redondo — dos mais belos blocos erráticos da Serra

dos Abutres como sentinelas.

Pela encosta, aproveitando as portelas, com nove quilómetros de estrada, vamos de Loriga a Alvoco. Novamente uma povoação a usufruir o que o vale pode dar: uma nesgas de terra nas margens onde fizeram lameiros e a água das levadas a tocar pedras de moinhos e rodas de fábricas, além do aproveitamento racional dos pastos com os rebanhos de ovelhas.

Alvoco é terra antiga. A sua história é parecida com a das demais aldeias da Serra: ovelhas, panos e a vida rude no campo.

UNHAIS DA SERRA

Do Planalto da Torre, entre os vales do Alvoco e o da Alforfa, a Serra prolonga-se por um maciço de cotas superiores a mil metros — a Serra da Alvoaça. À cota de 660 m, de um lado e do outro deste maciço, nos vales referidos ficam as povoações de Alvoco e de Unhais. Um túnel, ligando-as, teria menos de meia dúzia de quilómetros. Por estrada, contornando a montanha, pelas Pedras Lavradas, são 26 quilómetros.

Unhais tem cerca de mil e quinhentos habitantes e uma grande e moderna fábrica de lanifícios; ligada à Covilhã por 22 quilómetros

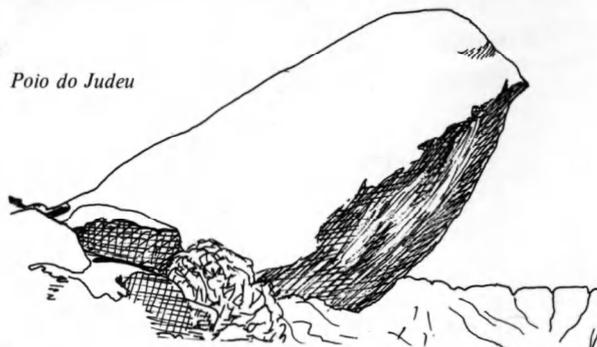
de boa estrada, possui interessantes possibilidades para se transformar num centro turístico. Assim os homens soubessem aproveitar as suas potencialidades.

O povoado, atravessado pela ribeira, é pitoresco, está incrustado na Serra que lava os ares e dá fertilidade ao vale.

Os moinhos, os lagares, os açudes e as levadas, os pinhais e as vistas para os píncaros da Serra são atractivos que dão personalidade à terra. As termas, únicas no país para a cura do hemorroidal, já existiam em meados do século XVIII, hoje estão abandonadas. Ficam as termas sobranceiras à povoação, junto a lameiros e à Serra, desafogadas, oferecendo boas possibilidades de urbanização. Do outro lado do ribeiro, pelo vale, foi traçado um caminho que vai até ao alto — à barragem do Covão de Ferro.

A proximidade de aldeias pitorescas, como o Paúl, as Cortes e o Barco, é outro atractivo a justificar a viabilidade de fazer de Unhais um centro turístico. Falta-lhe o aproveitamento racional das termas e equipamento turístico. A rentabilidade de um bom equipamento turístico nesta localidade, parece-nos antecipadamente assegurada. Ao contrário do que sucede com uma praia, onde só durante três meses os hotéis se enchem, aqui, além do turismo de Verão, a estância termal, o aliciante da neve, de Novembro a Abril e a proximidade da Covilhã dão-lhe interesse o ano inteiro.

A criação do Parque Natural da Serra da Estrela, poderia contribuir, se para tal tivesse capacidade e estruturas, para galvanizar iniciativas bem urdidadas, como Unhais aspira, baseadas no aproveitamento



Poio do Judeu

racional e inteligente dos seus recursos naturais.

TORTOZENDO

Continuando a nossa volta à Serra, pela periferia, de Unhais voltamos à Covilhã, passando pelo Tortozendo.

O Tortozendo é vila com poderoso equipamento têxtil. Porém, os cinco quilómetros que dista da Covilhã e o facto de a estrada que liga as duas urbes estar a ser povoada com boas construções, deixa prever que, a curto prazo, a vila será um grande bairro da Covilhã. Tal solução traria enormes vantagens, sobretudo na resolução dos grandes problemas de abastecimento de água e energia, na construção de uma única central de tratamento de lixos, no estabelecimento de eficientes transportes colectivos e em outros ramos de interesse comum das duas comunidades. Outrotanto já sucede com Aldeia de Carvalho, do outro lado da cidade.

O Tortozendo tem cerca de cinco mil habitantes e duas dezenas de fábricas de lanifícios que dão trabalho à quase totalidade da população activa.

A feira de S. Miguel, a 29 de Setembro, é feira grande, de cebolas, sementes, da boa sardinha, e das nozes também. De toda a grande região ali converge o pessoal, nesse afamado dia, para comprar ou vender qualquer coisa, ou somente para ver preços ou o colo-



rido espectáculo. No meio rural, os grandes ciclos do ano são balizados por festas assinaladas: pelo Natal, pelos Santos, pelo S. Miguel...

Voltamos à Covilhã, cidade fadada a ter papel de relevo no desenvolvimento de toda a Cova da Beira e já a principal porta de acesso à grande Serra, mesmo sem equipamento hoteleiro que satisfaça as necessidades de momento.

4.8 — Gil Vicente fala dos povos da serra

Gil Vicente foi cantor apaixonado da Serra. O seu conhecimento das gentes da Serra e as amiudadas referências que na sua obra lhes faz, levam alguns autores a considerá-lo serrano.

Na Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela, representada em 1527, perante D. João III, refere-se assim às gentes da Serra:

Pastor Gonçalo: —

Há mister grandes presentes
Das vilas, casas e aldeas.

a Serra responde:

Mandarà a vila de Sea
Quinhentos queijos recentes
Todos feitos à candeia,
E mais trezentas bezerras,
E mil ovelhas meirinhas,
E duzentas cordeirinhas,
Tais, que em nenhuma serras
Não nas achem tão gordinhas

E Gouveia mandarà
Dous mil sacos de castanha,
Tão grossa, tão san, tamanha,
Que se maravilharà
Onde tal cousa s'apanha,
E Manteigas lhe darà

Leite para catorze anos,
E Covilhã muitos panos
Finos que se fazem lá.

Mandarão desses casaes
Que estão no cume da Serra,
Pena para cabeçaes
Toda de aguias reais.
Naturais mesmo da terra.

.....

Por toda a obra de Gil Vicente há alusões a localidades e gentes das abas da Serra.

E as da Serra da Estrela
Por mais que ninguém se vela
Valem mais que as cidadans.
São pastoras, são louçans
Que a todos fazem guerra
Bem desde o cume da Serra.

5. — O PARQUE NATURAL DA SERRA DA ESTRELA

O Parque Natural foi criado pelo Decreto-Lei 557/76 de 16 de Julho de 1976. Os seus limites passam aproximadamente por Covilhã, Unhais da Serra, Teixoso, Forno da Moira, Valezim, S. Romão, S.^a do Desterro, Sabugueiro, Gouveia, Folgoso, Famalicão, Valhelhas, Sarzedo, Aldeia de Carvalho, Covilhã.

Segundo definição oficial, Parques Naturais são áreas de território devidamente ordenadas, tendo em vista o recreio, a conservação da natureza, a protecção da paisagem e a promoção das populações

rurais, podendo incidir sobre propriedade pública ou privada e onde o zonamento estabelece aptidões e usos das diferentes parcelas de terreno.

O património cultural e artístico da Serra é, como vimos, de grande valia. Sítios e fraguedos que o tempo, durante milénios, moldou, os Cântaros, a Nave, os Covões, as lagoas, o vale do Zêzere, as Penhas da Saúde e as Douradas, os miradouros, são jóias raras, encastoadas na mais elevada e grandiosa montanha do país. Por todos, devem ser usufruídas. Por todos amadas e defendidas contra tudo o que altere a paisagem que a Natureza criou. Se todos os recursos naturais devem ser respeitados, este, que é toda a Serra, todo o Parque Natural, quando a nós mereça o respeito que se lhe deve, há a certeza de que será transmitido sem grandes danos às gerações futuras. A loucura com que a civilização de consumo destrói e conspurca lugares belos da Natureza não deve entrar na Serra. Se nestes lugares demorou a expansão turística, por falta de equipamento e de propaganda, que ao menos, o usufruto da Serra por grandes massas encontre já o ordenamento e a protecção da paisagem planificados, acautelando todos os seus valores.

O Parque abrange uma área de cinquenta e dois mil hectares. É um mundo. Na periferia, um colar de aldeias velhinhas, algumas com raízes em tempos muito recuados.

Dentro do Parque há reservas botânicas, naves, covões, lagoas, rios, fragas a que a erosão granítica deu formas humanas ou de animais. Planaltos, restos de moreias como os da Lagoa Comprida, do Vidual, de Loriga, da Alforfa, de Alvôco e de Unhais, a colina



glaciária do Zêzere e tantos outros sítios notáveis.

A todos incumbe respeitar estes valores e, até, dar contributo para que outros, menos esclarecidos, os respeitem, também.

Seria de desejar que as atribuições e competências que se encontram dispersas por vários organismos, que superintendem nos assuntos da Serra, fossem concentradas num só, mas dotado de estruturas com capacidade de planificação e de execução de planos. Estruturas que, a nível de cada freguesia, teriam núcleos de dinamização da vida económica e cultural local, possibilitando que o engenho e a arte popular criem actividades que elevem a qualidade de vida, modificando os dias futuros destas comunidades.

6 — BIBLIOGRAFIA

- ¹ CARDOSO, P.º Luís — Dicionário Geográfico, Lisboa, 1747.
- ² CORREIA, Vergílio — Obras e estudos arqueológicos, Coimbra, 1792.
- ³ DIAS, Jaime Lopes — Beira Baixa. Antologia das Terras Portuguesas, Lisboa, 1960.
- ⁴ DIAS, José Lopes — Tópicos ambientais e humanos para a história cultural e política da Beira Baixa, Castelo Branco, 1971.
- ⁵ DIAS, Luiz Fernando de Carvalho — História dos Lanifícios (1750-1830) Documentos. Lisboa, 1965.
- ⁶ ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA, Europeo-Americana, tomo XXIX, Espasa-Calpe, Bilbao.
- ⁷ EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA A SERRA DA ESTRELA — Sociedade de Geografia de Lisboa, 1881.
- ⁸ GULBENKIAN, Fundação Calouste — Guia de Portugal, 3.º vol., Beira Baixa e Beira Alta.
- ⁹ MARTINHO, Alberto — Salgueiro, uma aldeia da Serra da Estrela, Lisboa, 1972.
- ¹⁰ MONTEIRO, José Alves — Término Augustal no Concelho do Fundão (Peroviseu), Lisboa, 1974.
- ¹¹ MOURA, Alvaro de — Covilhã, Serra da Estrela, Unhais da Serra, Porto, 1932.
- ¹² PEREIRA, Esteves — A Covilhã e a Indústria de Lanifícios, Ocidente, 1897.
- ¹³ ROCHA, Alípio da — Monografia de Valhelhas, Coimbra, 1962.
- ¹⁴ SAA, Mário — As grandes vias da Lusitânia.
- ¹⁵ SILVA, João A. Carvalho Rodrigues — Memória sobre o estado actual das Fábricas de lanifícios da Vila da Covilhã e das causas que retardam a sua última perfeição.
- ¹⁶ SILVA, José Aires da — História da Covilhã, 1970.
- ¹⁷ SILVEIRA, Joaquim H. Fradesso da — As fábricas da Covilhã, Lisboa, 1863.
- ¹⁸ SIMÕES, Duarte — Serra da Estrela, bases para a programação do seu desenvolvimento turístico, Covilhã, 1975.
- ¹⁹ WACHSMANN, Fred — Como eu vi a Serra da Estrela, Lisboa, 1949.

ÍNDICE

	Pág.
1 — PRÓLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO	5
2 — NÓTULA HISTÓRICA	6
A Península Ibérica. Os Celtas. Os Lusitanos. Viriato. A ocupação romana. A Igreja. Os Serracenos. A Idade Média. Os descobrimentos. Séc. XIX	
3 — GEOGRAFIA FÍSICA	14
3.1 — A Serra	14
3.2 — As portas de Estrela	15
3.3 — A neve	18
3.4 — Os rios e ribeiros	20
3.5 — As lagoas	22
3.6 — Fontes termais	24
3.7 — Os ares da Serra	25
3.8 — Dos «fraguedos que falam às estrelas e outros sítios a que os pastores deram nome	26
3.9 — Obra dos glaciares	33
3.10 — O Clima	37
4 — GEOGRAFIA HUMANA	44
4.1 — A vida das aldeias à volta da Serra. O centeio e as castanhas. A matação. A azeitona. É natal. As Janeiras. O Entrudo. A Primavera. A vinha. As sementeiras. O Verão. A vida. A casa.	44
4.2 — As ovelhas na Serra	56
O pastor. O cão. Adágios. «Luas de queijo».	
4.3 — A arte de fazer panos	60
4.4 — Os primeiros caminhos na Serra e os povos que os abriram	64
4.5 — Tesouros escondidos, lendas e contos	57
4.6 — Usos, costumes e jogos	69
4.7 — Terras das abas da Serra	70
A Covilhã. Valhelhas. Manteigas. Gonçalo. Guarda. Celorico da Beira. Linhares. Melo Folgosinho. Gouveia. Sabugueiro. Seia. Valezim. Loriga e Alvoco. Unhais da Serra. Tortozendo.	
4.8 — Gil Vicente fala dos povos da Serra	92
5 — O PARQUE NATURAL DA SERRA DA ESTRELA	92
6 — BIBLIOGRAFIA	94



Gaudêncio Braga, autor de belas fotos
a cor que ilustram este trabalho.

